

10
anos

revista

Barbantina

VOL. X - Nº 47 - 28 DE AGOSTO DE 2022
ISSN 2238-1414



BARBANTINHA
Caderno especial escrito por crianças
Página 145



Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Barbante está feliz com mais uma edição repleta de textos bonitos de pessoas de vários lugares do Brasil e até mesmo de outros países! Este sempre foi o nosso objetivo, ou seja, chegar aos quatro cantos do universo presenteando os leitores com textos de qualidade. Os nossos artigos estão maravilhosos assim como todas as nossas demais seções!

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações da nossa querida fotógrafa e professora dra. Iêda Chaves Freitas que traz a natureza com uma beleza singular no clique da sua máquina e no seu olhar encantado de poeta da imagem.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigos, Charges, Cartas, Contos, Crônicas, Ensaios e Poemas. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

Além da contribuição de diversas pessoas nas seções citadas, contamos com a presença de nossos colunistas fixos: Araceli Otamendi, Daniel Bezerra, Dhiogo J. Caetano, Márcia Batista Ramos, Rosa Regis e Rosângela Trajano. Nossa gratidão a vocês por caminharem com a Barbante.

A nossa gratidão a todos que colaboram com a revista Barbante criando um laço afetivo de amor e cuidado entre autores que buscam fazer da literatura um meio de aproximar pessoas nos mais diferentes lugares com a alegria e solidariedade de quem escreve por amor e se dedica à arte da escrita com singularidade e maestria.

A Barbante apresenta, também, mais um número da sua irmã caçula, Barbantinha, um caderno especial escrito por crianças do mundo inteiro com ilustrações e textos! Nesta edição, crianças do estado de São Paulo, Rio Grande do Norte e Sergipe. Convidem as crianças para participarem mensalmente desse caderno encantador e cheio da beleza de mundos imaginários aos quais só as crianças conseguem chegar!

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

As editoras.



Artigos

ENTENDENDO O CÔMICO EM *O SANTO E A PORCA*

Flávio Passos Santana¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar e entender como o cômico é visto na literatura, de forma didática, para que possa servir de suporte para professoras e professores de literatura possam trabalhar esse conceito com estudantes do Ensino Médio. Para tanto, fizemos uso de teóricos como Bergson (2007) e Freud (1977), utilizando conceitos como comicidade, riso, chiste, quiprocó, caixa de surpresa, fantoche, bola de neve e entendendo o cômico como um recurso persuasivo para obter a adesão do auditório, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Pode-se dizer que o nosso trabalho, por utilizar a teoria do cômico, possui relevância não só apenas para poder identificar esses elementos em obras literárias cômicas, mas, também, para mostrar qual a sua função dentro da sociedade, já que a literatura fala da verossimilhança, que é semelhança do mundo real com a obra literária.

Palavras-chave: Cômico. Literatura. O santo e a porca. Riso.

Palavras iniciais

Sabendo que o riso é definido como um estado físico do ser humano, que vem desde os nossos antepassados, a teoria do cômico surge com a intenção de saber quais os procedimentos utilizados para conseguir o riso e quais os seus efeitos. Um dos grandes teóricos da área foi Henri Bergson, que escreveu o livro *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*, contendo os procedimentos e as causas do cômico. Outro pesquisador de suma importância também para esses estudos foi Sigmund Freud, pois em sua obra *Os chistes e sua relação com o inconsciente* o pesquisador analisa o processo de criação dos chistes, que tem um viés cômico, por meio do inconsciente e dos sonhos. E, para isso, suas análises se baseiam em textos literários para poder fazer essa conexão.

Além de tomarmos essa base teórica como âncora para o nosso trabalho, também fazemos uma ponte com os estudos da Argumentação e Retórica, especificamente para a Nova Retórica, que surgiu com o *Tratado da Argumentação*, escrito pelos belgas Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, tendo em vista que o riso, em alguns casos, acaba sendo um meio persuasivo, o qual o orador utiliza para conseguir obter adesão do seu auditório.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Professor substituto do Departamento de Letras Vernáculas (UFS). E-mail: flavio_cdb@hotmail.com

Desse modo, ancorados nessas teorias, propomos, como objetivo deste trabalho, analisar a obra *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna, buscando apontar quais os procedimentos cômicos/persuasivos utilizados na obra, com o intuito de desvendar os efeitos de sentidos produzidos pelo texto e, conseqüentemente, valorizar a produção literária brasileira. Além disso, acreditamos que pode servir como suporte para professores de literatura do Ensino Médio, a fim de trabalhar com os estudantes como entender e identificar o cômico.

O santo e a porca é uma peça que narra a história do avarento Euricão, que guarda todo o seu dinheiro dentro de um cofre em formato de porca. Toda confusão da trama ocorre quando Eudoro envia uma carta para Euricão informando que tirará o seu bem mais precioso se referindo à Margarida (filha de Euricão), no entanto, o pai da moça, por conta de seu amor ao dinheiro, interpreta que Eudoro pretende se apossar de sua porca. Caroba, que trabalha para Euricão, interpreta corretamente a situação e se aproveita disso para arrumar um dinheiro para o seu casamento escondendo a porca de Euricão. Como Margarida namora escondido com Dodó (filho de Eudoro), esquematiza o casamento deles, bem como o de Eudoro com sua ex-noiva, Benona (irmã de Euricão). Tudo ocorre conforme os planos de Caroba, no entanto, Euricão, no final da narrativa, ao recuperar sua porca, descobre que todo aquele dinheiro não vale mais e acaba sozinho, sem dinheiro e sem família por causa de sua avareza.

Tomando este trabalho como um objeto pedagógico para a compreensão do cômico, o dividimos em três partes complementares. A primeira parte é esta introdução contendo os objetivos e o referencial teórico utilizado; a segunda é uma conversação entre teoria e análise, optamos por essa estrutura no intuito de tornar o texto mais fluido e didático para os nossos leitores; a terceira parte é composta pelas nossas considerações sobre a pesquisa e os resultados alcançados.

Entendendo e identificando o cômico

Bergson (2007) nos informa que desde a época de Aristóteles já pensava no que era e o que provocava o riso. Para isso, ele nos traz as características da comicidade, o que nos faz rir e como esse processo ocorre. No entanto, ele deixa claro que seu propósito não é definir o conceito do cômico em apenas uma definição.

Acerca da construção cômica, Bergson (2007, p. 02) afirma que “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”. A título de exemplo, nós chegamos a rir de um animal por ele ter tido uma atitude ou expressão humana; de um chapéu com chifres pela forma que o humano lhe deu. Por conta disso, Bergson se pergunta como os filósofos não pensaram nisso e se estende dizendo que o homem foi conceituado como o animal que sabe rir, mas que essa definição poderia se estender acrescentando que o homem também é o animal que faz rir.

Ademais, Bergson (2007, p. 03), diz que “o riso não tem maior inimigo que a emoção”, assim, nesse sentido, para que se possa conseguir produzir um efeito pleno, a comicidade decreta algo “como uma anestesia momentânea do coração”. Ainda é dito que o riso precisa ter um significado social, ou seja, podemos assistir a uma cena considerada cômica para determinadas pessoas, no entanto, poderemos não rir pelo fato de nossa cultura ser diversa da cultura em que a cena cômica aconteceu e, por esse motivo, não nos provocar o riso por não nos identificarmos com os valores implicados.

E como nasce a comicidade? Para o teórico, a comicidade nasce de uma cena acidental, “uma rigidez mecânica”. Exemplificando, uma pessoa tropeça em uma pedra por continuar com os mesmos movimentos que vinha seguindo sem despistá-la, dessa forma, acabou agindo maquinalmente e se surpreendeu com a pedra em seu caminho, assim, algo automático foi responsável pelo riso, é por isso que o cômico, também, pode ser considerado inconsciente.

Pelo fato de Bergson (2007) dizer que o riso acaba castigando os costumes, pois, quando se sente ridículo, tenta se modificar, nem que seja apenas externamente, visto que ao nos vermos como ridículos tentaremos de alguma forma não sermos aquilo “tentarmos parecer o que deveríamos ser”, já que a vida e a sociedade nos exigem uma atenção constantemente vigilante a discernir os contornos da situação atual. Nesse ponto, podemos comparar com aquilo que Foucault (2015) nos diz a respeito de sermos eternamente vigiados, pois tentamos nos adaptar à sociedade, a seguir os costumes, a se vestir, a se comportar e a se manifestar sempre tendo em vista o olhar do outro.

Para mostrar a comicidade tomando como base as ações e as situações, o estudioso afirma que esse modo de comicidade é encontrado no nosso dia a dia. E vai mais além ao dizer que “a comédia é uma brincadeira, uma brincadeira que imita a vida”. (BERGSON, 2007, p. 50). Assim sendo, é possível dizer que para algo ser cômico, é necessário apenas que os atos e os acontecimentos se combinem e nos deem uma representação da vida, mas que, de fato, não seja; é também necessário causar uma impressão de algo mecanizado. Com base nisso, Bergson elenca os três tipos de ações que acarretam o cômico, a saber: a caixa de surpresa, o fantoche e seus cordões e a bola de neve.

Na caixa de surpresa ocorre uma mecanização de uma das partes envolvidas que origina um cedendo o outro no final, e, com isso, acabam se divertindo. Um dos procedimentos que era muito utilizado na comédia clássica é a repetição. No entanto, essa repetição não se torna risível sozinha, pois, para isso, ela precisa exercer seu poder simbólico imbuído nela.

Com base nisso, podemos exemplificar esse procedimento na obra a qual propomos analisar *O santo e a porca*, em que Euricão, por ser avarento e estar se sentindo ameaçado por Eudoro, achando que este irá pedir-lhe dinheiro emprestado, repete diversas vezes “Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antônio me protege” (SUASSUNA, 2013, p. 34). Desse modo, a reprodução constante da frase acaba levando o leitor a rir de forma dupla: pelo modo como Eurico é avarento e, também, como fica nervoso a ponto de repetir diversas vezes a mesma frase.

O segundo tipo de ação é o fantoche e os seus cordões, querem dizer que nós seríamos uma espécie de manipulação, em que determinado personagem tem em vista – por meio de cordões imaginários, como nos fantoches – manipular o outro sem esse outro perceber, fazendo com que o espectador ria da situação do manipulado.

Para exemplificar essa ação, trazemos à baila a personagem Caroba, pois ela é a responsável por manipular todos os envolvidos da narrativa, fazendo com que o pedido de noivado de Eudoro para Margarida seja transformado no pedido para Benona (tia de Margarida) e ainda fazendo com que Margarida e Dodó consigam noivar com o consentimento dos pais; para que ela (Caroba) e o seu namorado, Pinhão, tenham um bom desfecho na história. Assim, Caroba, por meio de estratégias linguísticas, entendidas aqui como «cordões invisíveis que manipulam os fantoches», consegue persuadir os envolvidos e fazer com que todos adiram ao seu discurso.

Com base nesses apontamentos, é possível fazer uma comparação com a ideia de persuasão apresentada no *Tratado da Argumentação*

[...] o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz [...] mais do que seu caráter pessoal, as opiniões de um homem dependem de seu meio social, de seu círculo, das pessoas que frequenta e com quem convive [...] todo orador que quer persuadir um auditório particular tem que se adaptar a ele (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 23).

Nesse sentido, como vimos no trecho acima, Benona sabe quem é o auditório o qual ela está se referindo, desse modo, ela adapta seu discurso no intuito de que todos possam acreditar no que ela profere e, assim, ela consiga obter adesão no seu discurso.

Para finalizar o terceiro tópico de ações que desembocam no cômico, a bola de neve é um encadeamento de fatos que, no final, acaba voltando para o início. Seguindo esse raciocínio, seria como uma armadilha mal elaborada, em que o sujeito que a armou cai nela própria, o famoso ditado “O feitiço caiu sobre o feiticeiro”. De acordo com a obra em análise, esse procedimento não é utilizado, mas, caso o desfecho da narrativa fosse diferente, ou seja, a mentira fosse desvelada antes do final, talvez, essa bola de neve acabasse voltando para Caroba, pois todo o seu plano seria desfigurado.

A respeito da mecanização, Bergson afirma que ele é um elemento encadeador do riso e que essa mecanização é risível por ser considerada “uma distração da vida”, em que o homem repete inconscientemente seus movimentos, fazendo com que se distraia e não perceba sua repetição.

Assim sendo, a comicidade é entendida como a semelhança da pessoa com uma coisa, o movimento sem a vida, que faz com que seja exprimida um defeito de uma pessoa ou até mesmo de um grupo social que seja estabelecida uma correção. Ela pode ser dividida em três procedimentos, com base na distinção do mecânico e do vivo: a repetição, a inversão e a interferência.

Essa repetição vai ser entendida como uma situação que se repetirá. A inversão seria uma troca de papéis das personagens em uma narrativa. Acerca da interferência das séries, por seu turno, segundo o autor, seu procedimento é de difícil entendimento por ter uma gama de formas. Nesse caso, podemos explicar essa situação como quando uma história possui duas séries de acontecimentos distintos e podem ser entendidas por dois sentidos diferentes.

Em *O santo e a porca* é possível verificar todas essas três situações. Começemos pela repetição, que pode ser elucidada por meio das diversas situações em que Euricão acredita que outros personagens roubaram sua porca:

EURICÃO - Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

CAROBA - Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.

EURICÃO - Deixe ver os bolsos.

CAROBA - Veja.

EURICÃO - Sacuda o vestido. (SUASSUNA, 2013, p.48)

EURICÃO - Que foi que você tirou daqui?

PINHÃO - Santo Antônio me cegue se eu tirei alguma coisa!

EURICÃO - Sacuda o paletó.

PINHÃO - À vontade.

EURICÃO - É capaz de estar no fundo das calças.

PINHÃO - Quer ver?

EURICÃO - É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança, cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

PINHÃO - Tome.

EURICÃO - Agora a squerda.

PINHÃO - Veja logo as duas. (SUASSUNA, 2013, p. 105).

Com base na inversão, que seria a troca de papéis das personagens, podemos expor o momento em que Caroba se passa de Margarida e, em seguida, de Benona, tudo isso para que Dodó entre no quarto da filha de Euricão e Eudoro (achando que vai ter uma entrevista com Margarida) entre no quarto de Benona. Essa inversão ocorre para que quando Euricão chegar ver os rapazes nos quartos das moças e exija o casamento de ambos.

Entra Caroba vestida de Margarida

CAROBA - Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODÓ - O noivo está aqui.

CAROBA - Seu Eudoro?

DODÓ - Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

[...]

CAROBA - Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não! *(Empurra Dodó no quarto de Margarida e tranca a porta. Enquanto fala, tira o vestido de Margarida)*

[...]

CAROBA - Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, crote, tia Benona!

BENONA - *(Saindo)* Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA - Não perca tempo, que o homem está aí!

BENONA - Meu Deus!

CAROBA - Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher.

VOZ DE EUDORO - Margarida!

CAROBA - Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA - Para quê?

CAROBA - Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BENONA - Está bem, mas não saia daí! *(Entra no quarto e CAROBA tranca-a, vestindo rapidamente o vestido dela).*

CAROBA - Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!

VOZ DE EUDORO - *(Impaciente)* Como é, Margarida?

CAROBA - Espere, homem, espere! *(Destranca a porta, com o vestido de BENONA)*

EUDORO - Eu... Benona, é você?

CAROBA - *(Imitando a voz e os gestos de BENONA)* Sou, Eudoro. (SUASSUNA, 2013, p. 124-127).

Além dessa troca de papéis das personagens, podemos salientar a inversão de papéis relacionada à classe social ocupada por eles, pois Dodó, ao ser filho de um fazendeiro, se caracteriza como um empregado para poder viver perto de Margarida. E Caroba, ao fazer essa troca de vestidos para se disfarçar das patroas, acaba também ocupando um cargo o qual ela não faz parte, de acordo com a narrativa.

Com base nessa última exemplificação, tratemos agora da interferência de séries, que, segundo Bergson (2007, p. 71) “uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes”. Isso nos faz trazer o conceito do *quiprocó*, pois, para que ele possa acontecer, uma situação deve apresentar dois sentidos, sendo que um é o atribuído pelos atores da cena e o outro pelo público. Desse modo, a cena que expomos acima pode ser vista como um *quiprocó*, já que as personagens não sabem que Caroba está transvestida e, para eles, possuem um sentido, quando para nós, leitores, sabemos qual o sentido real da cena, pois acompanhamos toda a peripécia da personagem Caroba.

Durante a narrativa, esse procedimento também aparecerá novamente, como quando Euricão fala da porca e os demais personagens falam de sua filha; havendo uma confusão entre a porca (cofre) e a porca (comida). Vejamos:

MARGARIDA - Mas o que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

EURICÃO - Aí onde diz «de minha chegada aí». Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA - *De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!*

EURICÃO - Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! (SUASSUNA, 2013, p. 40).

EURICÃO - Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

DODÓ - Nada!

EURICÃO - Ouvi esse tal Pinhão gritar.

PINHÃO - Gritei pela porca!

EURICÃO - Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO - Quer comer, Seu Euricão!

EURICÃO - Comer?

PINHÃO - Sim, comer a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!

EURICÃO - A porca? O jantar (*Entendendo e disfarçando*) Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão? (SUASSUNA, 2013, p. 88).

Como se viu nos fragmentos acima, houve a confusão, um sentido possível, por parte de Euricão em relação à porca, no entanto, nós, por estarmos diante de todas as situações apresentadas, não nos confundimos, pois ficamos diante do seu sentido real.

Além disso, podemos utilizar os exemplos acima para explicitar o efeito do riso proporcionado por determinadas palavras, as quais Bergson (2007) elenca em: inversão, transposição, ironia e humor. Na

inversão, especificamente, têm-se o homem e o objeto, sendo que este toma o lugar do primeiro, acarretando num sentido invertido daquilo que é tido como o correto. Nesse caso, seria a utilização da palavra «porca» referindo-se tanto a Margarida quanto a porca comida.

Esses apontamentos servem também para esclarecer o que Freud (1977) diz em seu livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, onde ele busca mostrar a relação existente entre o processo de criação dos chistes a partir do inconsciente, fazendo uso também da influência que os sonhos acabam tendo para que nasçam os chistes.

Freud (1977) trabalha as técnicas para utilizar os chistes e nos esclarece que as mais eficazes são o deslocamento e a condensação, mas que há outras como: o jogo de palavras, o duplo sentido, o trocadilho, a repetição, a ironia, o sentido denotativo e conotativo, o oposto, o raciocínio falho, dentre outros. Assim sendo, podemos comparar o duplo sentido e o oposto de Freud (1977) com a inversão de Bergson (2007), bem como a repetição que em ambos são tidas como conceitos semelhantes.

Freud (1977) também aponta que o objeto analisado pode proporcionar um contraste entre ideias (o sentido e a sua falta de sentido das palavras); de ter o sentido *nonsense*, que está relacionado àquilo que é absurdo; o desconcerto (estranhamento) e o esclarecimento (reconhecimento como efeito cômico do chiste); aborda ainda a característica de brevidade, mas tendo como pano de fundo múltiplos sentidos; também esclarece que o chiste tem uma função caricata, ou seja, de mostrar o que estava oculto.

A respeito do contraste de ideias, podemos configurá-lo com a interferência de séries, que ocasiona o *quiprocó*, já que há dois sentidos: um entendido pelas personagens e o outro pelo leitor que acompanha toda a narrativa. Já o sentido *nonsense* pode ser caracterizado pelo travestimento da personagem Caroba em Margarida e Benona sem que nenhuma das personagens presentes conseguissem identificá-la, bem como a falta de reconhecimento de Eudoro ao ver Dodó, só por este estar transvestido de empregado e pessoa com deficiência.

Em relação à função caricata exposta por Freud (1977), podemos exemplificar com o desfecho Euricão, já que este, após a sua mulher ter o deixado, passou a dar valor apenas à porca, objeto este que carregava todo o seu dinheiro e que, por conta disso, menosprezava todos que o cercavam, além de sua fama de avaro e mal caráter. Desse modo, como no desfecho ele descobre que o dinheiro não vale nada e sua filha, bem como a sua irmã irão casar e ele ficará sozinho, é revelado o que estava oculto, ou seja, é o momento em que ele se dá conta de que todos os malfeitos que vinha fazendo por enxergar apenas a porca (o dinheiro) na sua vida (um avaro) e desprezar todos ao seu redor.

A respeito da função do riso em Freud (1977), o estudioso mostrada como fazer com que o outro seja humilhado, que foi o que acabamos de expor com o desenrolar da história de Euricão. Nesse sentido o riso acaba sendo uma “espécie de trote social” e não pertence nem de todo à arte, nem à vida. Assim sendo, os elementos que compõem o cômico serão os mesmos no teatro e na vida.

Nesse sentido, rimos dos defeitos dos outros, mesmo esses defeitos sendo graves, como no caso de Euricão. Mas também rimos das qualidades e isso ocorre por conta de essas personagens não andarem “em dia com a sociedade”, ou seja, o sujeito pode possuir defeitos ou qualidades, no entanto, o que irá despertar riso nos outros será sua relação com a sociedade a qual participa.

Ao tratar do que cumpre o riso, Bergson (2007, p. 130) nos traz a vaidade para dizer que esta incomoda a sociedade, complementando ao dizer que “o remédio específico para a vaidade é o riso, e que o defeito essencialmente risível é a vaidade”. Dessa forma, fica entendido que a vaidade é um artifício que procurando sucintamente, até mesmo inconscientemente, em todas as manifestações humanas.

O riso é, acima de tudo, uma correção. Feito para humilhar, deve dar impressão penosa à pessoa que lhe serve de alvo. A sociedade vingá-se por meio dele das liberdades tomadas com ela. Ele não atingiria seu objetivo se não trouxesse a marca da simpatia e da bondade (BERGSON, 2007, p. 146).

Com base no exposto, pode-se dizer que o riso pode ser considerado como algo que não é totalmente negativo, nem totalmente positivo, tendo em vista que o sujeito humilhado pode, a partir da percepção do que causou o riso, “arrumar” seu “defeito”. Mais uma vez trazemos à baila o desfecho de Euricão, pois após ele ter percebido que a sua avareza e toda a sua desvalorização para com os familiares fez com ele refletisse a respeito de sua vida e pensasse naquilo que vinha fazendo. Cabendo a ele a corrigir-se ou não.

Breves considerações

Com base nas análises feitas, pudemos constatar como a teoria da comicidade e os seus mecanismos foram utilizados na obra de Suassuna. Vimos que, por meio das repetições e expressões cômicas, bem como das interferências de séries, chegamos ao que é denominado de *quiprocó*. Além disso, também elencamos o que desenrola a inversão de papéis (bem caracterizado na cena de Caroba), a repetição tanto das palavras como das atitudes. E, por fim, mostramos a função do riso como a correção de um defeito, no caso em análise, vimos a avareza de Euricão como um defeito cometido por ele e repugnado pela sociedade e que esse personagem apenas conseguiu identificar no final da narrativa.

Com base na obra, vimos como a narrativa foi se desencadeando por meio dos elementos e situações cômicas retratados em Bergson (2007) e Freud (1977). Além disso, pode-se dizer que o nosso trabalho,

por utilizar a teoria do cômico, possui relevância não só apenas para poder identificar esses elementos em obras literárias cômicas, mas para mostrar qual a sua função dentro da sociedade, já que a literatura fala da verossimilhança, que é semelhança do mundo real com a obra literária. Ou seja, a partir da caricatura feita das personagens, possamos refletir a respeito das nossas atitudes e dos nossos comportamentos no dia a dia, pois há diversas Carobas e diversos Euricões rodando a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Benedetti. - 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. 1º ed. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1977 [Original 1905].

PERELMAN, Chaïm; TYTECA, Lucie Olbrechts. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. [Original 1958]

SANTOS, Maricélia Nunes dos. Aulularia, de Plauto, e O santo e a Porca, de Ariano Suassuna - aproximações e distanciamentos na constituição do cômico. **Revista AVEPALAVRA**. Ed. 12. 2ª semestre de 2011. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/12/artigos/maricelia.pdf>

SUASSUNA, Ariano. **O santo e a porca**. 28ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA FAMÍLIA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Jocilene da Silva Vidal¹

Willamis de Santana Alves²

Resumo: O presente artigo buscou investigar os principais problemas encarados pelas famílias diante do Ensino Remoto Emergencial causado pela “Pandemia” do novo coronavírus a qual se iniciou em março de 2020, obrigando as famílias, os alunos e a comunidade escolar a essa nova realidade de ensino. A pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo exploratório tendo como instrumento de base um levantamento bibliográfico baseado em materiais já publicados como: reportagens, revistas, artigos científicos e dissertações disponibilizadas na internet. O estudo em questão evidencia que há desigualdades de acesso às tecnologias por parte dos alunos, pois nem todos os pais possuem condições financeiras para adquirir ferramentas digitais, como também acesso à internet. Faz-se necessário refletir sobre possíveis soluções, pois futuras pandemias poderão surgir a qualquer momento, assim é preciso buscar metodologias que favoreçam nesse processo de ensino aprendizagem. É indispensável a participação de todos os envolvidos na colaboração da construção de novas estratégias que possibilitem essas relações.

Palavras-chave: Dificuldades; Famílias; Ensino Remoto.

Abstract: This article sought to investigate the main problems faced by families in the face of Emergency Remote Teaching caused by the “Pandemic” of the new coronavirus which began in March 2020, forcing families, students and the school community to this new reality of teaching. The research is characterized as an exploratory qualitative study having as a base instrument a bibliographic survey based on materials already published such as reports, magazines, scientific articles and dissertations available on the internet. The study in question shows that there are inequalities in access to technologies by students, as not all parents have the financial conditions to acquire digital tools, as well as access to the internet. It is necessary to reflect on possible solutions, as future pandemics could arise at any time, so it is necessary to seek methodologies that favor this teaching-learning process. The participation of all those involved in the collaboration of the construction of new strategies that make these relationships possible is essential.

Keywords: Difficulties; Families; Remote Teaching.

1 Graduada em Ciências Biológicas (FISE). E-mail: jocilenedasilva6@gmail.com

2 Doutorando em Linguística e Literatura (UFAL) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. E-mail: willamissantana63@gmail.com

A Pandemia do novo Coronavírus impactou sócio-politicamente o mundo, atingindo toda a população. Com isso, ela acarretou vários problemas sociais, inclusive na área educacional, posto que os sistemas de ensino tiveram de se adequar a uma nova realidade devido ao isolamento social. Esses desafios se resultam a uma nova forma de trabalho, um Ensino Remoto Emergencial, que é ministrado por meio das tecnologias digitais.

Assim, os alunos se afastam do ensino presencial e praticam um ensino virtual, o qual pode acarretar alguns problemas por conta da nova demanda, visto que muitos deles não possuem condições socioeconômicas necessárias para acompanharem as aulas, bem como a maioria depende da família para o auxílio nas atividades. A partir disso, surgiu o presente questionamento: quais as dificuldades enfrentadas pelas famílias frente ao ensino remoto?

Partindo de tal indagação, este estudo objetiva compreender quais foram os principais problemas que as famílias encararam no Ensino Remoto. Especificamente, procura-se analisar se a escola disponibilizou recursos financeiros aos alunos pertencentes a condições econômicas vulneráveis; verificar se as famílias dispuseram de tempo suficiente para orientar os estudantes nas atividades escolares; e diagnosticar se os professores acompanharam de forma suficiente o desempenho dos alunos nas atividades remotas.

A justificativa deste artigo se dá pelo abalo catastrófico que a COVID-19 causou na educação, visto que a sociedade escolar vivenciou situações excepcionais com a implementação do Ensino Remoto. Assim, a real necessidade do desenvolvimento deste trabalho se baseia em contribuir nas discussões deste problema contemporâneo que ainda tem sido pouco abordado.

Este estudo torna-se relevante por proporcionar aos pesquisadores contribuições acerca dessas novas dificuldades de ensino aprendizagem, corroborando para pesquisa acadêmica em torno das inter-relações entre educação, COVID-19 e novas estratégias de ensino.

Os procedimentos metodológicos desse trabalho foram realizados por meio de uma pesquisa bibliográfica baseada em materiais já publicados como em: entrevistas, reportagens, revistas, artigos científicos e dissertações, disponibilizados na internet. No que tange a sua abordagem, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo exploratório tendo como instrumento de base, um levantamento bibliográfico, procurando informações que ainda não estão explícitas e objetivando na construção de hipóteses que surgem ao longo da construção do tema (GIL, 2002).

A fim de melhor organizar este artigo, dividiu-se em seções. Na primeira, aborda-se que o ensino remoto é uma mudança temporária de ensino e não uma modalidade de EaD, Hodges (*et. al.*, 2020). Já na segunda seção, é discutida as dificuldades enfrentadas pelas famílias no ensino remoto, na qual Carvalho (2020) aponta que pais e mães além de lidarem com o analfabetismo precisam lidar com a falta de internet para seus filhos estudarem em casa.

Para finalizar-se, foram feitas algumas considerações acerca dos resultados da pesquisa, em que se evidenciam as desigualdades de acesso às tecnologias por parte dos alunos, pois nem todos dispõem de condições financeiras para adquirir celulares, tabletes, computadores, entre outras ferramentas digitais, como

também a dificuldade de se ter acesso à internet. Além disso, outra dificuldade enfrentada pela família é o analfabetismo, pois boa parte dela não se sente preparada diante da situação, o que pode gerar a desmotivação de aprender dos alunos.

2. O Ensino Remoto Emergencial

Entre 2020 e 2021, famílias, alunos e escolas foram a busca constante por uma melhor adaptação à realidade imposta pela pandemia, o ensino remoto. Nesse sentido, pode-se considerar que o vírus foi devastador em todos os âmbitos e ainda escancarou outras realidades não menos importantes, a das escolas públicas brasileiras, com sua falta de estrutura que atingiu não só a comunidade escolar, mas também ao seu corpo discente, em sua maioria de famílias de baixa renda, sem totais condições de acompanhar um ensino ofertado por plataformas digitais, principalmente.

Dessa maneira, fica notório que as dificuldades dão-se em decorrência da falta de planejamento dos municípios para lidar com o avanço do vírus e o fechamento das escolas, visto que a pandemia não começou no Brasil, além de que houve um tempo considerável para que todos se preparassem para esse momento e/ou tivesse, ao menos, um plano piloto de como lidar com a suspensão das aulas presenciais por tempo indeterminado. Assim, considera-se que a dificuldade encontra-se generalizada por atingir a todos, de gestores no âmbito político à gestão escolar, até à desorganização das famílias que também não se prepararam para ter seus filhos estudando em casa remotamente.

Outro (des)entendimento que veio à baila foi a noção de ensino à distância, o tão discutido EaD, confundido com ensino remoto, que, como bem asseveram Duarte e Medeiros (2020, p. 1-2) “ [...] não podemos perceber as EaD e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) como sinônimos” o que acarretou em mais uma problemática a ser solucionada pelos educadores. Dito isso, o ensino remoto pode ser considerado como:

[...] uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornariam a esse formato assim que a crise ou emergência diminuísse. (HODGES *et. al.*, 2020)

Os autores da citação acima ainda alertam para os comparativos entre o remoto e o presencial e dizem que a aprendizagem *on-line* é estigmatizada (HODGES *et. al.*, 2020). Porém, esse estigma não advém do ensino remoto, visto que é uma novidade e não deu tempo para isso, mas recai do próprio ensino EaD, outrora questionado por educadores acerca de sua eficiência enquanto ensino e aprendizagem. Depreende-se, com isso, que o sistema EaD, apesar de já ter formado muitos graduados e ser ofertado pelas universidades públicas, ainda gera desconfianças em relação ao seu método, didática, e, principalmente, em relação aos resultados que nos são apresentados através de índices acadêmicos.

Considera-se que a pandemia alavancou debates necessários para a educação, discussões que pareciam estar finalizadas e/ou sem alguma perspectiva de recomeço. Por sua vez, e diante do que se tornou uma mixórdia metodológica/didática, o ensino e aprendizagem através da tecnologia voltou ao centro das atenções, embora o objetivo do ensino remoto distancie-se do presencial, pois

[...] nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante uma emergência ou crise. (HODGES *et. al.*, 2020).

Desse modo e por ser, talvez, o encurtamento mais eficaz entre escola e aluno, é que a internet tornou-se o meio mais facilitador, embora se sabe que nem todos tenham condições de acessá-la. Através de plataformas digitais, a exemplo do Google Sala de Aula, o ensino remoto emergencial ganhou destaque no rol das pesquisas acadêmicas, tanto no que tange às dificuldades encontradas por parte do corpo docente em manuseá-las quanto à falta de acesso de alunos que não dispõem de condição financeira para tal. E, a partir de então, questiona-se: como será dado o retorno ao aluno? Como chegar até esse aluno sem recurso tecnológico? Assim, a escola viu-se diante de outra realidade não muito falada, porém conhecida.

Então, depreende-se que a mediação entre o professor e o aluno é a maior problemática encontrada pelo ensino remoto emergencial e decorre do que já foi citado até o momento. Entre encontros síncronos e assíncronos, faz com que o professor precise inovar no sentido de buscar alternativas além das plataformas digitais. Pensa-se que o viés assíncrono facilita o trabalho da classe docente, haja vista possibilitar uma gama de metodologias viáveis a serem abordadas como, por exemplo, os materiais impressos no formato de apostilas enviados ao aluno, em que não precisa o uso da internet para ter acesso, além de contar ainda com o apoio do livro didático, mas essa trabalho pode dificultar para o aluno, o qual necessita de orientação e, muitas vezes, depara-se com pais e familiares analfabetos.

Diante desse quadro, questiona-se também a formação do professor, se ele está apto a lidar com mecanismos tecnológicos, gravação de videoaulas, *podcasts* etc. Enfim, o ensino remoto emergencial sobrecarregou ainda mais os profissionais da educação na tentativa de solucionar um possível distanciamento entre o docente e o discente, pois a produção de material, seja on-line ou impresso, requer do profissional um tempo considerável, especificamente quando se fala do manuseamento das plataformas, que apresentam instabilidade decorrente do grande número de acessos, e é por onde o professor posta seu material produzido para que o aluno tenha acesso, aquele que pode ter acesso.

Nesse prisma de mediação entre a escola e o aluno, há de se contar com uma análise planejada acerca das dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à aprendizagem e seus recursos, a fim de que esse distanciamento seja diminuído e exista. Com isso, uma didática satisfatória para ambos os lados. Nesse sentido, corrobora-se com as palavras de Duarte e Medeiros (2020):

Nesta linha de pensamento, a mediação do processo de construção do conhecimento dos alunos distantes, deve levar em consideração as tarefas que o aluno pode realizar com autonomia, baseado no conhecimento já consolidado e as atividades na qual o aluno realiza com o auxílio de outros, justificando-se, então, a função da mediação pedagógica. (DUARTE; MEDEIROS, 2020, p. 2)

Ressalta-se que, como a pandemia exige isolamento social, até a mediação ficou comprometida, pois compreende-se ser de fundamental importância para o funcionamento da aprendizagem do aluno que ele tenha contato físico com os demais. Assim, até as atividades a serem realizadas com o auxílio do outro necessita

de uma boa proposta metodológica por parte do docente. Como interagir nesse momento de isolamento? Principalmente com os que não têm acesso à internet? São questionamentos a serem ainda muito discutidos.

Por isso,

[...] é importante ressaltar que apesar de constituírem recursos fundamentais o que pode determinar a aprendizagem não são as TDIC (tecnologias digitais de informação e comunicação), mas sim a relação pedagógica que se estabelece por meio do uso dessas ferramentas digitais. (DUARTE; MEDEIROS, 2020, p. 2) - grifo nosso.

Pode-se ir além disso. Compreende-se que essa ‘relação pedagógica’ não se restringe apenas aos meios tecnológicos. Ela pode ser encontrada a partir de diversas metodologias que o momento exige, até mesmo no *feedback* do aluno nas atividades impressas. Dessa maneira, apresenta-se um profissional polivalente que perpassa por diversos métodos de ensino e sempre se reinventa, até mesmo quando o momento não é de crise sanitária.

3. As dificuldades enfrentadas pela família no Ensino Remoto Emergencial

Na seção anterior, abordou-se que, desde 2020, a rotina mundial foi modificada com o surgimento da pandemia do vírus da Covid-19, seja no trabalho, nas escolas e em áreas de lazer. A sociedade adaptou-se com outras maneiras de viver, pois a pandemia mudou o mundo que jamais será o mesmo. Como diz numa entrevista a rede de TV CNN o biólogo e doutor em microbiologia Lamarino (2020), “O mundo mudou, e aquele mundo de antes da corona vírus não existe mais. A nossa vida vai mudar muito daqui pra frente e, alguém que tenta manter o status de 2019 é alguém que ainda não aceitou essa nova realidade”.

Para o autor citado, as mudanças que a sociedade levaria décadas para fazer foram feitas em questão de meses, semanas, ou até dias, e com essas mudanças rápidas veio os desafios e dificuldades. Mesmo em um mundo tecnológico que se vive, existem muitas pessoas ainda com dificuldades para acompanhar esses avanços, uma sociedade que aos poucos estava adaptando-se com os avanços tecnológicos, hoje é obrigada a aprender rapidamente.

Uma das mudanças no ensino que causou grande impacto nas famílias foi a necessidade das escolas mudarem do ensino presencial para o ensino remoto, visto que muitas foram as dificuldades e questionamentos para grande parte dessas famílias. Para alguns especialistas em educação, como Daniel Cará, professor da universidade de São Paulo (USP), em uma entrevista as redes sociais do BRASIL de FATO em abril de 2020, há alguns prejuízos do ensino remoto para educação. Para ele, é de se observar que houve perdas com essa mudança, com o distanciamento o educador perdeu, não total, mas parcialmente, o real processo de aprendizado do aluno nesse período, tirando suas dúvidas e observando suas dificuldades, perdendo a sensibilidade em que grau de desenvolvimento o aluno está. Ele também aborda:

Todas as pesquisas sérias em termos de pedagogia, neurociência e didática, vão mostrar que a educação depende, especialmente no processo inicial, que vai da creche até o ensino médio, de vínculo. E o vínculo não é só entre educador e educando como diz Paulo Freire, é um vínculo também dentro da turma. O aluno aprende entre si. (CARÁ, 2020).

Segundo o referido autor, os alunos não só precisam de interação e vínculo com o professor, mas uns com os outros, para que, através da interação entre eles, haja também aprendizado e descobertas. Através da experiência social é que o aluno desenvolve o seu cognitivo, conhece suas diferenças, suas competências e a ser sujeito atuante na construção do mundo em que ele vive, mas o ensino remoto perde um pouco desse aprendizado.

Outro problema que atingiu o ensino remoto foi os alunos não terem acesso às aulas, pois muitas famílias no Brasil possuem baixa renda econômica para dispor de um aparelho tecnológico, bem como acesso à internet para adentrar as plataformas de ensino. Outro problema encarado é que, mesmo tendo esse acesso, o aluno acabou não recebendo o acompanhamento necessário tanto de seu(s) professor(es) como da família. Essa falta de orientação familiar aconteceu, muitas vezes, por motivos de trabalho; outros por terem mais de um filho. Além disso, há também fato de alguns pais não saberem ler nem escrever, sentindo-se alienados diante dessa nova realidade.

Uma pesquisa feita em 2019 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) retrata que cerca de 46 milhões de pessoas não têm acesso à internet. Desses 45% dizem não ter por motivo do custo do serviço ser muito caro e 37% pela falta do aparelho celular, computador ou tablete, (CARVALHO, 2020). Diante desse panorama, pode-se começar a observar as dificuldades de boa parte dessas famílias para que seus filhos tenham acesso às aulas no ensino remoto.

O que o autor expõe infelizmente é uma triste realidade de muitas famílias brasileiras, posto que muitas delas não foram orientadas e não possuem os recursos para poderem dar o suporte a seus filhos a terem acesso aos conteúdos didáticos. Não se pode ignorar também que o aumento da falta desses recursos se agravou, pois muitas dessas famílias perderam ou diminuíram suas fontes de renda com o fechamento dos postos de trabalho causado pelo decreto de *lockdown* (Imposição do Governo, bloqueio total ou confinamento), abrangendo todos os estados brasileiros.

Existem também outras dificuldades encontradas, em certos casos, o distanciamento entre a escola e família, antes do vírus as escolas sempre buscaram a aproximação entre escola x família para que ambas fossem coparticipantes, e, diante desse cenário do isolamento social que se passou, ficou mais evidente que escola e família devem andar de mãos unidas, e os pais puderam ver a importância da escola, como diz Sanches (2020):

Os pais e responsáveis estão vendo a dificuldade que é para colocar boa parte dos alunos para fazer uma tarefa escolar. O desafio é grande e só agora eles se deram conta disso. Muito deles, penso eu, achavam que era só chegar na sala de aula, abrir o livro e estava tudo certo. A quarentena deixou claro que famílias e escolas precisam estar unidas em torno de um mesmo objetivo: a educação das crianças. (SANCHES, 2020, p. 03)

O autor enfatiza que os pais perceberam a grande responsabilidade e o papel das escolas e que agora eles terão parte dessa responsabilidade, não só didática como emocional, psicológica, tendo um papel de motivador e protetor, como diz Vaz Serra (1999):

A família tem, como função primordial, a de proteção, tendo, sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para resolução de problemas e conflitos, podendo formar uma barreira

defensiva contra agressões externas ajudando a manter a saúde física e mental do indivíduo, por constituir o maior recurso natural para lidar com situações potencialmente estressantes associadas a vida na comunidade. (VAZ SERRA, 1999, p. 04)

A visão do autor mesmo sendo do século passado, ela é bastante atual no que se espera do papel da família, principalmente no cenário pandêmico em que as crianças se encontraram isoladas em casa, muitas delas sem a interação com outras crianças, parques e praças de lazer e recreação. A falta de capacitação dos docentes para este momento de educação remota foi também uma contribuição para as dificuldades. Este momento se fez refletir o quanto foi deixado de lado o debate envolvendo as tecnologias no processo de ensino nas escolas, distanciando o professor dessas mudanças ocorridas. Sobre a inclusão das tecnologias de informação e comunicação na educação, autores já indicavam:

O domínio do professor sobre as tecnologias existentes e sua utilização na prática, e isso passa, necessariamente, por uma boa formação acadêmica; que a escola seja dotada de boa estrutura física e material, que possibilite a utilização dessas tecnologias durante as aulas; que os governos invistam em capacitação, para que o professor possa atualizar-se frente às mudanças e aos avanços tecnológicos; que os currículos escolares possam integrar a utilização das novas tecnologias aos blocos de conteúdos das diversas disciplinas; dentre outros. (LEITE; RIBEIRO, 2012, p.175).

Neste sentido, basta uma rápida inspeção nas escolas públicas especialmente nas séries iniciais para verificar que apesar de algumas políticas educacionais, portarias e decretos, a realidade muitas vezes é outra, os recursos para essa área, muitas vezes, são deixados de lado, pois jovens que deveriam ter acesso a essas tecnologias são prejudicadas por falta de atenção de gestores.

Esses fatores abordados contribuem para as dificuldades, uma vez que pais, alunos e professores não estavam preparados para essas mudanças tão radicais. Todos foram pegos de surpresa, mas podiam estar melhores preparados para um momento como esse se estivesse dada uma devida atenção para esses problemas. Agora se precisa recuperar o tempo perdido, faz-se necessário a capacitação dos profissionais da educação, diminuir a desigualdade de acesso às tecnologias das famílias de baixa renda e olhar para o futuro, em que a interação tecnológica de ensino se torne popular e essencial na vida dos alunos.

Considerações finais

Diante da realização deste trabalho, percebeu-se algumas das dificuldades encontradas pela família no ensino remoto emergencial devido à pandemia do novo Coronavírus, como: um novo cenário educacional, mesmo com o uso de tecnologias digitais como aliada na transmissão virtual das aulas, os pais sentiram-se alienados diante desses desafios.

Além disso, o estudo mostra que há desigualdades de acesso às tecnologias por parte dos alunos, pois nem todos os pais possuem condições financeiras para adquirir celulares, tablets, computadores, entre outras ferramentas digitais, como também a dificuldade de se ter acesso à internet. O fato de o aluno estudar sozinho, sem o acompanhamento necessário tanto dos professores por conta da sua grande demanda, como dos pais que enfrentam o analfabetismo e se sentem despreparados diante da situação, pode ter gerado a desmotivação do aprendizado por parte desses alunos.

O Ensino Remoto intensificou o papel fundamental que a família exerce diante do processo de ensino-

aprendizagem, sendo indispensável que os pais procurem ajudar seus filhos de alguma forma, já que a escola não deve assumir a responsabilidade de educar sozinha.

Analisando esses acontecimentos no ERE, concluiu-se que, para a melhoria no processo de ensino, seja necessário que haja a participação de todos os envolvidos, sendo fundamental reuniões, projetos pedagógicos entre outros, nos quais sejam construídas estratégias que possibilitem as relações de ensino, as quais participem dessa construção, os gestores escolares, os professores, os alunos, os pais e a comunidade.

Por fim, há de se refletir sobre possíveis soluções, o mundo pós-pandemia não será mais o mesmo, pois futuras pandemias poderão surgir a qualquer momento. Destarte, é fundamental buscar metodologias que possam favorecer no processo de ensino aprendizagem, contribuindo com a educação, garantindo que essa não retroceda, mas possa superar os problemas atuais e futuros.

Referências

BRASIL DE FATO. **Esse vai ser um período mais do que perdido para a educação”, afirma Daniel Cara.** Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/25/esse-vai-ser-um-periodo-mais-do-que-perdido-para-a-educacao-afirma-daniel-cara>>. Acesso em 30 jul. 2022.

CARVALHO, Rone. **Alunos sem acesso à internet encontram dificuldades para acompanhar as aulas.** 2020, p.01. Disponível em <<https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/2020/05/1193773-alunos-sem-acesso-a-internet-encontram-dificuldades-para-acompanhar-as-aulas-online.html>>. Acesso em 03 jul. 2022.

CW BRASIL. **Mundo Pós-Pandemia entrevista biólogo Atila Iamarino.** Disponível em <<https://www.cnn-brasil.com.br/nacional/mundo-pos-pandemia-entrevista-biologo-atila-iamarino/>>. Acesso em 03 jul. 2022.

DUARTE, Kamille Araújo; MEDEIROS, Laiana da Silva. **Desafios dos docentes: as dificuldades da mediação pedagógica no ensino remoto emergencial.** Anais do VI Congresso Nacional de Educação. ISSN: 2358-8829. Realizado em 15, 16, 17 de outubro de 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA19_ID6682_01102020142727.pdf> Acesso em 03 jul. 2022.

HODGES, Charles *et al.* The difference between emergency remote teaching and online learning. **Why it Matters to Higher Education EDUCAUSE Review.** 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>>. Acesso em 03 jul. 2022.

LEITE, Werlayne S. S. RIBEIRO, Carlos A. do N. **A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios.** Magis: Revista Internacional de Investigación en Educación, Vol. 5, Nº. 10, 2012, págs. 173-187 Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/344265>>. Acesso: 30 jul. 2022.

SANCHES, Raquel. **Da pandemia nasce uma nova relação entre escola e família**. Revista NOVA ESCOLA. 2020Disponível em <

<https://novaescola.org.br/conteudo/19474/da-pandemia-nasce-uma-nova-relacao-entreescola-efamilia>>. Acesso em 30 jul. 2022.

VAZ SERRA, A. **O stress na vida de todos os dias**. Coimbra: De Auto, 1999.

Resumo: Ao considerar a excelente repercussão do romance *Torto arado*, no cenário contemporâneo da literatura brasileira nacional, o nosso objetivo, neste breve artigo, é analisar algumas relações existentes entre a terra, o trabalho e os personagens da história por meio de fragmentos diversos. Dentre várias observações, analisamos que, na obra, há um elo visceral do ser humano com a terra, seja ele de pertencimento, de natureza ou de nascimento. Além disso, as ideias de força e de resistência se escancaram frente às lutas enfrentadas por mulheres negras escravocratas, estas representadas por várias personagens principais, a exemplo das duas protagonistas.

Palavras-chave: Terra; vida; nascimento.

1 INTRODUÇÃO

A obra de arte é um produto cultural que admite muitas possibilidades de demonstrações estéticas. O artista sempre parte do princípio de busca da própria complexidade da existência entranhada na própria história de seu tempo. Seja qual for o produto construído, é inegável a elevação de abordagens que remetem, de uma forma ou de outra, à própria realidade. O texto literário, por exemplo, não está longe dessas experimentações. O bom escritor sabe de todas essas reverberações que rondam a escrita criativa e que ela, inevitavelmente, se transforma em portadora de percepções que marcam de maneira potente determinado público leitor. Sendo assim, a literatura se veste de fruições estéticas e ao mesmo tempo de problematizações do mundo exterior. O seu objetivo (se é que há algum específico que possa defini-la inteiramente), pensando o campo da construção literária como uma área demonstrativa e possível definidora de valores sociais, culturais e políticos, não é apenas nos situar no tempo e no espaço, mas fazer com que tenhamos possibilidades de escolhas perante os ínfimos caminhos da vida.

O alemão Hans-George Gadamer diz que “o encontro com uma grande obra de arte é sempre [...] como um diálogo frutífero, um perguntar e responder ou um ser indagado a precisar responder – um verdadeiro diálogo junto a qual algo veio à tona e ‘permanece’” (GADAMER, 2010, p. 101). Nessa linha de análise, torna-se não imperceptível que a relação dialética se mostre como um ponto fundamental na composição do objeto. Talvez seja essa a grande complexidade que permeia a obra literária de Itamar Vieira Junior. Ela não se resume e não se contenta em ser somente forma. Sempre há algo que conecta o próprio ser real e o ser ficcional, isto é, o Homem e a Literatura.

A escritora Toni Morrison, em seu discurso realizado no Ohio Arts Council (1981), disse que “se há

1 Trabalho elaborado e aprovado na disciplina de Teoria da Literatura I, no semestre 2021.1, no curso de Letras - Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

2 Estudante de Letras - Língua Portuguesa, Universidade Federal de Sergipe (UFS).

3 Estudante de Letras - Língua Portuguesa, Universidade Federal de Sergipe (UFS).

um livro que você deseja ler, mas ainda não foi escrito, você deve escrevê-lo”. Esse pensamento parece ser o mesmo que serve de horizonte ao autor de *Torto arado*. A referente obra consiste na especificidade de o criador estabelecer um compromisso consigo mesmo, qual seja, a intenção de elevar a realização do processo de consciência de modo que a arte criativa possa ter a configuração plausível de representações de sujeitos em situações diaspóricas. Situações essas que partem de um lugar onde os destinos aparentemente já estariam traçados e circunscrevem rumo a espaços que jamais deveriam ser subordinados por essências brutais de forças de poder. O que move a narrativa é o nascimento de vozes que foram massacradas a todo tempo pelo eco abafado da história lúgubre da qual fazemos parte e que ainda persiste, insistentemente, em se restituir diante da necessidade ontológica do ser que segue “rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa”. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 204).

Tomando como base a imagem expressiva da palavra “nascimento”, o autor, se valendo de recursos que permeiam a passagem avassaladora do tempo que “chega galopando, como se andasse a cavalo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 235) e a necessidade de rememorar o passado não muito distante, feito uma “procissão de lembranças” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 17), constrói uma espécie de odisséia com ressonâncias de vozes bíblicas em que o corpo e o lugar físico transformam-se em um único instrumento – de um lado, de subjugação, e de outro, de liberdade. Existe nessa unicidade, pois, uma simbiose entre o Homem e o seu semelhante, ou, principalmente, entre o Homem e a terra (natureza). Em outras palavras, *Torto arado* é uma obra de subversão e afirmação que parte do silêncio à resistência identitária.

Numa entrevista concedida ao Jornal *O Globo*, no ano de 2019, Itamar Vieira Junior revela algumas questões que o motivaram a escrever o seu romance de estreia. Ele é funcionário público no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra)⁴. Tem uma formação consistente: cursou Geografia e doutorou-se em Estudos Étnicos e Africanos⁵, ambos na Universidade Federal da Bahia (UFBA). A sua atuação no Incra possibilitou a experiência concreta com ações que envolvem as disputas de terra. Na função de analista agrário atuante, tais ações realizadas no campo no interior do Nordeste impulsionaram desejos que iam muito mais além do que os atos burocráticos. Sobre essas andanças no campo, ele diz: “Conheci famílias inteiras de trabalhadores que vivem em um sistema semelhante à escravidão, que não recebem dinheiro pelo dia de trabalho e só têm direito à morada. É um Brasil anacrônico, que parou no tempo”. Assim, a necessidade de mostrar as vivências dos indivíduos ligados concretamente à terra e, também, de denunciar um mundo cruel desconhecido da maioria dos brasileiros foi o que o motivou a escrever e a publicar os seus escritos, essencialmente, o romance *Torto arado*: “Eu quis dividir esse meu espanto, esse meu choque”, ele afirma.

Mas é extremamente importante destacar que a ideia de desenvolver uma história com fortes reminiscências relacionadas à terra surgiram na adolescência com influências dos grandes escritores da geração de 30 e 45⁶. Isso, portanto, é um fato muito relevante que deve ser levado em conta ao se analisar

4 Órgão responsável pela condução da reforma agrária no Brasil.

5 Sua tese de doutoramento, intitulada “Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo da Iúna, Chapada Diamantina”, foi defendida no ano de 2017 e encontra-se disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6228834.

6 “[...] É um romance que me acompanha há muito tempo. A primeira tentativa de escrevê-lo foi na adolescência ainda, eu tinha só 16 anos, mas estava profundamente marcado pelas leituras dos romances da geração de 30 e 45, principalmente os romances que se passam no Nordeste brasileiro, aí temos a Rachel de Queiroz, o Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos [...] incluiria também o poeta João Cabral de Melo Neto,

criticamente a obra, pois todo o percurso do escritor até então é marcado por percepções com relação às suas próprias origens ou, melhor dizendo, com as origens da realidade social rural brasileira. Como ele mesmo confirma: “Minhas próprias origens me motivaram a escrever essa história. Sempre me interessei por minhas origens negra e indígena, mas vivemos um processo de apagamento tão violento que essas histórias são quase irrecuperáveis” (REVISTA CONTINENTE, 2020).

Atrelado a todo esse processo de experiência cultural e política – “questões atinentes a experiência humana” (REVISTA CONTINENTE, 2020) – que atravessa do início ao fim a construção da obra, a expressão da linguagem torna-se um meio decisivo ao aspecto original do texto e que nos faz pensar na possibilidade de ir muito mais além da representação de algo. A revelação da linguagem construída a partir da vida concreta finda-se em ato afirmativo para a organização do romance. Sobre esse aspecto, o escritor diz: “Fiquei fascinado pela cadência, pela musicalidade dos falantes do sertão, pela linguagem elaborada, rítmica e poética com que esses camponeses contavam suas histórias. Literatura também é oralidade. Percebi aí uma possibilidade estética e quis trazer para o romance.” (O GLOBO, 2019).

A partir dessas primeiras considerações, o nosso objetivo, neste estudo, é abordar a obra *Torto arado* como uma narrativa que brota da terra, ou seja, analisar algumas relações que existem entre a terra, o trabalho e os personagens da história.

2 A TERRA COMO EXPRESSÃO DO NASCIMENTO

A situação de um Homem supõe um espaço onde ele se move; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. Perder a localização, é se ver desprovido de seu lugar, rebaixado de sua posição eminente, de suas relações, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade (DARDEL, 2011, p. 19).

Em *Torto arado*, como foi anteriormente apresentado, a terra é o ponto culminante de todo o processo construtivo do romance. É possível dizer – partindo da reflexão de Dardel (2011) e ao mesmo tempo com o objetivo de ampliar o olhar sobre o conceito de pertencimento – que o espaço no qual os personagens se movimentam representa mais que uma íntima simbologia de relações entre seres.

As lutas ocorridas em Água Negra⁷ confirmam não apenas um elo visceral do ser humano com a terra, pois, as percepções de mundo postas ali em jogo estão distantes de serem somente um meio sistemático de dependência sondada pela disputa. O Homem e a terra se mostram visivelmente feitos da mesma matéria, sendo um a extensão do outro. O pertencimento que é retratado no contar das personagens concebe um sentimento maternal, um elo que transcende o simples lugar e o mero desejo de posse.

No momento em que é dito “naquela terra mesmo, entranhada da secura da falta de chuva, deixamos

que foi uma leitura desse período, e o Guimarães Rosa, com *Grande sertão: veredas*” (BRASIL DE FATO, 2021). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/10/itamar-vieira-jr-o-brasil-esta-encalhado-no-passado-que-resiste-emser-superado>.

7 Comunidade rural fictícia onde se passa a história do romance *Torto arado*.

nossos suores para que lhe servisse de alívio” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 76), pode-se ver esse elo marcado pelo sofrimento mútuo, ou mesmo único. A própria epígrafe⁸, retirada da obra *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, sugere exatamente essa potência de unicidade. Ambas partilham da mesma substância ontológica. Eis um trecho bastante significativo que nos revela tal questão:

Aqui vivi, criei meus filhos, labutei com meu marido, vi meus vizinhos e compadres serem enterrados, [...]. Fui parida, mas também pari esta terra. Sabe o que é parir? A senhora teve filhos. Mas sabe o que é parir? Alimentar e tirar uma vida de dentro de você? Uma vida que irá continuar mesmo quando você já não estiver mais nesta terra de Deus? [...]. Assim como apanhei cada um com minhas mãos, eu pari esta terra. Deixa ver se a senhora entendeu: ‘esta terra mora em mim’, bateu com força em seu peito, ‘brotou em mim e enraizou’. ‘Aqui’, bateu novamente no peito, ‘é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. [...] Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim’. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 229-230).

As palavras expressas por Salustiana⁹ resumem de maneira sucinta a posição de pertencimento da vida com o espaço em que estão. Sendo assim, porém, se tomarmos essa perspectiva somente do ponto de vista político (disputas por “pedaços de terra”), corremos o risco de anular o sentido da afirmação do indivíduo que vive do remexer a terra para dar valor e visibilidade à própria vida. Quando a terra sofre, sofre também o corpo, e vemos isso, por exemplo, nas estiagens: “As crianças eram as que mais padeciam: paravam de crescer, ficavam frágeis e por quaisquer coisas caíam doentes. Perdi a conta de quantas não resistiram à má alimentação e seguiram sem vida, em cortejo, para o cemitério da viração” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 69).

O sentimento e o sofrimento maternos são bastante significativos para entendermos a narrativa sempre a partir da concepção de nascimento. Tomaremos como exemplo explicativo o fato de Donana¹⁰ ter dado à luz a um de seus filhos, Zeca Chapéu Grande¹¹, na lavoura onde era forçada a trabalhar. Na terceira parte do livro, ao descrever o mistério do objeto que havia decepado a língua de Belonísia, diz, em certo momento: “Naquele inferno chamado Caxangá, o inferno de escravidão a que se acostumou como se fosse sua terra, não teve autorização para parir o filho em casa. Zeca nasceu no meio da roça, dentro de charco, com a ajuda das trabalhadoras da fazenda” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 237). A narradora, ao mesmo tempo que relata a concretização dos “lugares” que pertenciam simbolicamente à Donana, também nos conta a necessidade quase mortal de transformar o desespero do nascimento em elo profundo que marcará para sempre o lugar de “pertencimento” de Zeca – a terra.

Mas ainda não podemos deixar de refletir sobre outros aspectos simbólicos dessa conexão ontológica. Vejamos a seguinte passagem:

O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda era a terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas e sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 20).

8 “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos sermões, amor, trabalho, tempo”.

9 Mãe de Bibiana e Belonísia, e uma das personagens centrais do romance.

10 Avó paterna de Bibiana e Belonísia.

11 Pai de Bibiana e Belonísia.

A ação de enterrar os umbigos é considerada indispensável para estabelecer o vínculo da criança com o lugar ao qual pertence. A prática de enterrá-los nos “largos de terra dos quintais das casas” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 207) marca de forma definitiva o nascimento da própria origem no mundo. Existe o entendimento de que o “umbigo tem o poder de definir o futuro da criança, de traçar o seu destino. Por isso é importante que ele funcione como uma espécie de elo entre a criança e o lugar de morada” (SOUSA, 2014, p. 324). Desse modo, por exemplo, se o umbigo for enterrado em terras férteis, perto de árvores fortes e resistentes, a determinada criança também crescerá com essas características. É por isso, então, que, no romance, a terra é o centro de todos os conflitos, é o eixo da manutenção da condição do povo, âncora que norteia a vida: “A terra representa assim um lugar de vida e de morte. Assim como nela tudo nasce, floresce, frutifica, para ela vai também tudo que morre.” (SOUSA, 2014, p. 325).

Torto Arado, contudo, com todos os resquícios do regionalismo (nordeste brasileiro), carrega as pinceladas da arte literária universal. O elo do ser com a terra nos mostra aspectos profundos da condição humana. A potência do “tornar-se” unidade simboliza a luta pela existência. Além do mais, a ideia de ter concebido a estrutura do romance através de personagens femininas não traz só a demonstração das forças inerentes às mulheres negras, herdeiras de um passado escravocrata. A força está, sobretudo, na capacidade de que elas são o centro da vida, as únicas capazes de gerarem uma outra história. Aqui, entretanto, se mostra algo também paradoxal e que é retratado no romance pela imagem de Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira¹².

Através do reconhecimento de que cada uma “sabe a força da natureza que abriga na torrente que flui de sua vida” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 260), essas três personagens simbolizam a representação de que a mulher pode não ser apenas a criatura que dá a vida, mas a que, através da liberdade do pensamento, pode construir o próprio destino. A representação da necessidade e potência do pensamento remete muito ao que foi escrito por Virgínia Woolf no ensaio intitulado *Um teto todo seu*: “Não há portão, nem fechadura, nem trinco que você consiga colocar na liberdade da minha mente” (WOOLF, 1990, p. 94).

Portanto, os personagens dessa complexa narrativa – especialmente as vozes que narram em primeira pessoa as três partes do romance – são tomados pelos ares quentes do sertão, já que, por vezes, “o sol parece uma fogueira acesa de cabeça para baixo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 70). Elas nascem, após um longo tempo, feito semente jogada na terra áspera. Para serem germinadas, tiveram que lutar contra o mau preparo do terreno, resistir às longas estiagens ou enchentes.

Aqui, é como se Itamar tivesse deslizado de suas mãos os grãos “[...] para o solo arado. Com os próprios pés recobrissem as sementes, afofassem com necessária delicadeza para que o movimento do mundo se encarregasse do resto.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 254). Ao crescerem, formaram seus contornos, descobriram outras extensões segundo a realidade a qual estavam impostas, se permitiram na marra a necessidade da consciência mesmo rodeadas de ameaça e medo, transformaram-se em ‘um pau-d’arco sem vergar ao corte do machado’” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 208). Enfim, o autor propõe que alguma coisa necessária seja construída aos poucos com o próprio leitor. E que algo como semente possa também germinar...

12 O romance está dividido em três partes: a primeira é nomeada “Fio de corte”, e é narrada por Bibiana; a segunda chama-se “Torto arado”, e é contada pelo “silêncio gritante” de Belonísia. Já a terceira e última parte denomina-se “Rio de sangue”, que é narrada por Santa Rita Pescadeira, uma encantada, símbolo de resistência e afirmação da ancestralidade do povo afro-brasileiro que vive em Água Negra.

REFERÊNCIAS

DARDEL, Éric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GABRIEL, Ruan de Sousa. A poética do sertão pelo bem-sucedido ‘Torto arado’. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/oglobo.globo.com/epoca/cultura/a-poetica-dosertao-pelo-bem-sucedido-torto-arado-23894455%3fversao=amp>. Acesso: 25 nov. 2021.

GADAMER, Hans-Georg. Filosofia e Literatura. In: GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica da obra de arte*. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 91-110.

MARQUE, Geisa. Itamar Vieira Jr: “O Brasil está encalhado no passado que resiste em ser superado”. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/10/itamar-vieira-jro-brasil-esta-encalhado-no-passado-que-resiste-em-ser-superado>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MIRANDA, Júlia de. “Minhas Origens me motivaram a escrever essa história”. 2020. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/rminhas-origens-memotivaram-a-escrever-essa-historiar>. Acesso em: 01 dez. 2021.

NASSAR, Raduan. *Obra Completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SOUSA, Emilene Leite de. *Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância*. 2014. 422f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Curso de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução: Vera Ribeiro. 2.ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.



Nossos Colunistas



DESDE BUENOS AIRES

ARACELI OTAMENDI

Espejos de agua

“Escribir es la manera de quien tiene la palabra como una carnada: la palabra pescando lo que no es palabra...”

Clarice Lispector

Cuando era chica creía que alguien siempre me miraba, a toda hora, no es una broma.

Es la mañana, camino por una avenida llena, autos, colectivos, personas que caminan en general rápido. Hay sol, el día es una promesa, hay viento, no muy fuerte, hay humedad, poca, siento en el cuerpo, en la cara, esa humedad. El cielo es azul, diáfano. Al llegar a una esquina una mujer descalza, pantalón gris casi hasta las rodillas y un saco que tal vez haya sido de un hombre. La mujer se agacha en una esquina se lava rápido la cara en un charco y sigue caminando. La miro cómo se aleja, se va. Me pregunto si alguien más la ha visto. Es una mujer joven, camina, a la distancia se ve la figura, casi una sombra. Después, enseguida miro el charco. El agua parece limpia. Me dan ganas de preguntar si alguien vio a esa mujer ¿pero a quien? Tan rápido fue el gesto de lavarse la cara en ese charco, tan fugaz, algo así como un sueño. Hay que desandar el camino, entrar en la memoria de los sueños, preguntarse qué pasó anoche por ejemplo. Honestamente no sé por qué alguien ¿quién? no sé, me entrega en la palma de la mano una pequeña criatura humana envuelta en una hoja verde de un árbol. Puedo sostenerla en una mano, la miro, la toco apenas, llora, llora mucho y apenas se escucha el llanto. ¿Qué hago yo, a esta altura de mi vida con esa beba - lo único que hace es llorar - y cabe en una mano? Está desnuda, cubierta sólo por la hoja verde, como si fuera una flor rosa o una planta. No sé, la sostengo hasta que una luz me indica ir hacia otro lado. El deseo me impulsa y voy hacia un jardín, espero ver maduros los higos colgados de las ramas, intactos. La higuera poblada de hojas y de frutos. Me gustan mucho los árboles frutales. Me quedo al lado del río mirando el agua, el cielo, los barcos y los pájaros. La brisa me acaricia el cuerpo, el calor de la tierra y el verde del pasto me sostienen, la luz del sol oblicua tiñe de amarillo intenso las hierbas. Y así esperé una vez todo el verano para ver maduros los higos, hacía tiempo, escuchando el canto de los pájaros. El hielo en cubos, el agua fría, calmaba la sed. Hay muchas personas ahí, y luego cuando la luz se retira y la noche va llegando lenta, los pájaros ya se han comido los higos, los han picoteado, y las frutas así deshechas se lucen en las ramas También vi a dos pájaros pelearse salvaje, abiertamente, a los gritos por un pez en el agua hasta

que uno inexorablemente se engulló el pez y el otro se quedó mirando. Y si como dice Borges “después reflexioné que todas las cosas le suceden a uno precisamente, precisamente ahora” esperé un colectivo en la calle, no sabía adónde iba a llevarme. Después de andar algunas cuadras, subieron cuatro jóvenes, dos chicos y dos chicas vestidos de negro, apariencia de *emos*. Uno de los chicos tiene una especie de pulsera de cuero adornada con larguísima clavos de unos diez centímetros o más. A él le resulta indiferente que yo clave la mirada en ese objeto, no sé cómo llamarlo. Ojalá no se mueva, pienso, ojalá no mueva la mano hacia ningún lado. Sé que los *emos* son una tribu urbana. Y a lo mejor, pienso, la mujer que se lavó la cara en un charco pertenezca a alguna tribu urbana ... pero no era *emo*, no lo parecía, iba descalza, apenas vestida con ese viejo traje. Puedo sentarme ahora cerca del río y buscarle una interpretación tanto a los sueños como a los hechos. Tengo a mi lado un libro de cuentos de Clarice Lispector: “*escribir es la manera de quien tiene la palabra como una carnada: la palabra pescando lo que no es palabra...*” dice.

Es una maravilla la tarde, el color canela del río, el agua calma, hombres y mujeres pescan y yo quiero pescar también, pescar lo que no es palabra para decir. Para decirme algo, no sé. La delicia de una tarde junto al río, puedo leer un cuento y pensar. Puedo leer, y mirar como un barco navega alejándose. Puedo dejar de pensar en esa mujer que vi una mañana lavarse la cara en el charco de una esquina y no lo hago.

Salgo a caminar y unas flores grandes, rojas de un malvón crecido, enorme, solicitan mi atención. Dejo que la mirada se quede en esas flores durante algunos segundos, reconozco que el encuentro con la colorida planta es el cierre de una tarde especial, pienso en el color del río, en la brisa suave y en el libro de Clarice Lispector. Después me voy caminando, alejándome del río y de la vida salvaje de esos pájaros, de los higos comidos a medias, del suave olor del agua, de una tarde que hubiera merecido llamarse color siena tostada, como el de los retratos.

(c)Araceli Otamendi



SORRISO À POESIA

DANIEL BEZERRA

Não se cale, fale

Diga não à violência doméstica
Não aceite, não é coisa natural
Pois as dores n'alma são ruins
Denuncie e seja muito racional.

As dores de qualquer agressão
Refletem no corpo, mente, alma
Quem sofre a tal tamanha ação
Tem medo, se cala e nem fala.

A mulher chora sem proteção
De nossas atuais autoridades
A maldita violência doméstica
Ocorre com promiscuidades.

Por isso, faça você sua parte
Denuncie à justiça o agressor
Porque em mulher não se bate
Nem mesmo com uma só flor!

O PODER DA ARTE

Dhioogo J. Caetano



Imagem: Arquivo Pessoal do autor

OS EFEITOS PATOLÓGICOS DOS ISMOS

O ódio ecoa a vastidão virtual, o prazer em ver o outro sofrer, a difusão das ações belicosas. A materialidade patológica e perseguição ideológica abafam o anseio de muitos que desejam notícia boa. Ocorre a proclamação da violência, banalização dos recursos telecomunicativos, uma onda de egoísmo conectada por um fio tecnológico. O lamentável primitivismo coletivo ganha força, constrói a sociedade dos alienados bestializados, transforma os homens em meros seguidores da guerra ideológica.

Quem são os “donos” do Brasil? O Brasil nunca foi dos brasileiros, originou da Colônia de exploração e ranços de processos que seguem carcomendo as estruturas da sociedade moldada a contextos de lutas pelo poder, para o poder. É triste constatar que as inúmeras mídias têm silenciado a fala dos esquecidos, “invisíveis” marginalizados, estereotipados sobreviventes que não desistem dos seus ideais. Acreditam na humanidade, literatura, educação, arte e cultura, instrumentos de progresso das nações.

Qual é o perfil das mídias? Informar ou bestializar leitores e telespectadores com textos e programas televisivos-cinema alienantes a propagar mensagens que destacam o sofrimento social, fofocas, famosos, digital *influencer's*, sensacionalismo, vasto conteúdo chinfrim? Na contramão do sistema, alienante e lucrativo, formadores de opiniões, conectados às possibilidades da ética, tornam possível despertar os indivíduos rumo à utilização do diálogo direto e indireto, a articular movimentos informativos dos direitos que muitos não acessam, devido à ausência de informação. A mazela gera a corrente de agentes conscienciosos habilitados a enfrentar os casos de desproteção social.

Histórica, a problemática perpassa o contexto de bestialização dos indivíduos alienados à realidade imposta pelo sistema polarizado. Incapazes em questionar o tal setor competente, que deveria trabalhar estatísticas no que refere à expectativa de vida, mortalidade infantil, acesso à saúde, educação, saneamento básico, água tratada, direito de ser, de pertença. A realidade de setores tramados, responsáveis pela proteção dos indivíduos coletivizados, é a da ganância excludente de recursos burocráticos, fato que emperra o acesso aos direitos sociais.

A Pátria amada Brasil foi forjada por pessoas famintas, violadas, escravizadas, homens e mulheres que morreram, continuam desaparecendo no campo de concentração abstrato-concreto do poder pelo poder. A fome não assistida máscara conflitos sociais, gera embates mortais em nome da sobrevivência. O colapso visível estampa todo um País de dimensões geográficas gigantescas, fome alardeada, realidades e perversidades diversas.

A fome que dói, num exército de invisíveis, deveria doer em todos, nós armados de egos. O racionamento dos alimentos por conta de preços exorbitantes pode levar qualquer nação à morte. A calamidade escancarada exige o trabalho em parceria, a fome é crônica, o Estado é perverso. Por meio de políticas públicas, deve-se promover a democratização ao acesso à proteção social. Em caráter urgente capacitar, fomentar profissionais de setores responsáveis, despertar olhar humanizado, ético e consciente ante a fragilidade dos fracos, enfraquecidos, desassistidos. A igualdade e a fraternidade são o remédio, junto o coletivo pode sim escrever capítulos de nova história onde a humanidade tenha o que comer.

Os retratos do Brasil contemporâneo descrevem seu povo a assistir, “bestializado, as movimentações históricas”, afirma José Murilo de Carvalho. As interpretações que destacam o Brasil do alto, de vencedores, esquecem a narrativa dos vencidos. Existe uma Nação que estuda, movimenta e grita, porém, é silenciada, abafada, esmagada por idealizadores elitizados, animalizados do poder abruptamente sucumbido pela ignorância.

O acesso ao conhecimento sempre foi vigiado, censurado, marginalizado. Povo consciente é gente feliz, livre de grilhões, liberta, formada de indivíduos, não de gráficos, números, CPF's cancelados. Os senhores feudais instalados no topo da pirâmide social objetivam não aliados, mas alienados, os que falam olhando sempre de cima para baixo veem mas não enxergam os sujeitos sem face. Até quando a indiferença e ganância que mantém o poder continuarão ceifando vidas dos cidadãos trabalhadores que movimentam a roda operacional do processo de construção da sociedade capitalista? A vida gira em prol do ideal de um Mundo melhor? Ou se está fortalecendo as bases da invisibilidade na promessa das telas de telefones inteligentes?

Que País é esse, onde a fome é realidade vivida por milhões de brasileiros que nasceram e cresceram na desigualdade estrutural? Que Nação é essa que sempre frequentou a lambança da corrupção escancarada, sempre “bem colocada” no Mapa da Fome na condição sociopolítica de Colônia de exploração da miséria em função da riqueza, da minoria rica a perpetuar o roubo dos direitos da maioria pobre instalada na miséria da razão (Coutinho). A pobreza vai além do termo etimológico da palavra, cuja subsistência está correlacionada com os diretos universais de igualdade. Onde está o povo? Os que produzem alimentos para a minoria sabem da maioria que tem fome de ser?

Quem mantém a pirâmide social, o dono do capital ou as massas por ele explorada? A má divisão dos bens gera a miséria e a fome humana gritante, a matar a conta-gotas da desigualdade social milhões de sujeitos que sequer alcançam o status de ser social, no Brasil, Mundo afora. Corrompida, a sociedade pós-moderna vinculou o direito nato às barganhas políticas de interesses pessoais. A maioria dos

indivíduos excepcionalmente não está no foco de possibilidades dos poderosos que governam.

ASTROLABIO



Márcia Batista Ramos

VINE A PARÍS PARA OLVIDARTE

*“He venido a París para olvidarte
pero tú obstinado me impregnas todo espacio.
Eres la quimera horrorosa de los aleros de Notre-Dame,
eres el ángel que invencible sonríe.” Maria Luisa Spaziani*

Ex-amor:

Vine a París para olvidarte, me alojé en *Montmartre*, es uno de los barrios más peculiares y encantadores que tiene París. Antiguamente fue conocido como el barrio de los pintores, debido a que aquí vivieron muchos pintores impresionistas durante el siglo XIX y en el siglo pasado aún era un barrio bohemio. También es un lugar pintoresco por su geografía, está situado en una colina de 130 metros de altura en la orilla derecha del Río Sena y es conocido por la Basílica del *Sacre Coeur* cerca de la cumbre. Se llega luego de caminar por empinadas y pequeñas callejuelas, me recordó a La Paz, por su geografía. Desde el templo se obtiene vistas panorámicas de la ciudad.

El barrio tiene una historia interesante de planetas, monjas, ovejas, reyes, artistas y prostitutas...

Primero llamaron a este lugar de *Mons Marcare*, o sea Colina de Mercurio. Luego, se lo denominó *Mons Martis*, que quiere decir Monte de Marte. Cuenta la historia que el Obispo de París, San Denis, fue decapitado en esta colina en el 272 D.C. Después, en la Edad Media se construyeron varios conventos y también fue hospedaje de Enrique IV en 1589. En la época de la Revolución Francesa, los campesinos destruyeron todos los edificios existentes. Pasó el tiempo la lluvia lavó los destrozos, el pasto y la hierba crecieron y algunos desposeídos empezaron a habitar el lugar que se convirtió en una comunidad independiente de París, donde se criaban ovejas. En 1860 pasó a ser el distrito XVIII de la capital francesa.

Luego a mediados del siglo XIX, *Montmartre* fue lugar de vivienda de numerosos artistas, porque era relativamente barato el alquiler y la comida. En este lugar vivieron artistas de la talla de Van Gogh, Matisse, Renoir y Toulouse-Lautrec (él que era primo de sí mismo). Lógicamente, que cuando ellos habitaban por esos lares, el barrio tenía la peor reputación, porque de a poco, se instalaron innúmeros *burdeles* y *cabarets* desde el 1800.

Hoy, ya no es el barrio que *Charles Aznavour* inmortalizó en su canción *la Bohème* en 1965. Hay lugares preciosos como la *Rue Lepic* con sus tradicionales cafés (donde se filmó la película *Amélie*), pero *Montmartre*, hoy es un lugar turístico, las luces de neón en las proximidades de la *Place Pigalle*, donde se encuentran varios cabarets, entre ellos el mítico *Moulin Rouge*, y la parte más bohemia, a la que se llega luego de subir unos 200 escalones o utilizando el funicular. En la zona más alta de la colina y enmarcada por la *Place du Theatre*, es muy agradable, tiene restaurantes y galerías de arte. Ya caminé por todo el barrio: la Iglesia y el mercado *de Saint Pierre*, el *Espace Dali*, el *Theatre de Abbesses*, el *cabaret Patachou*, el cementerio, la estatua de Chevalier de la Barre, la *Place Blanche*, la *Bonne Franquette* y la *Place Emile-Goudeau*.

En fin, hay mucho que pasear y conocer en la *ville lumière*, apenas estoy empezando. Vine a París para olvidarte y seguramente, cuando leas esta carta ya te habré olvidado. París, 29 de septiembre de 2022.

CASINHA DE SAPÊ



Rosa Regis

BORBOLETA COLORIDA

(poema infantil para ser cantado)

Borboleta colorida
Que lagarta foi um dia
No casulo se encantou
Para nos dar alegria.

Borboleta, oh borboleta!
Você que encanta e colore.
Enfeitar nosso jardim
Vem, por favor, não demore!

Borboleta colorida
Com as cores do Universo,
Traz tuas cores a mim
Para colorir meus versos.

Borboleta, oh borboleta!
Você que encanta e colore
Enfeitar nosso jardim
Vem, por favor, não demore!

Borboleta colorida
Que lagarta foi um dia
No casulo se encantou
Para nos dar alegria.

Borboleta, oh borboleta,
Você que encanta e colore
Enfeitar nosso jardim
Vem, por favor, não demore!

Borboleta colorida
Com as cores do Universo,
Traz tuas cores a mim
Para colorir meus versos.

Borboleta, oh borboleta,
Você que encanta e colore
Enfeitar nosso jardim
Vem, por favor, não demore!

Enfeitar nosso jardim
Vem por favor! Não demore...

Enfeitar nosso jardim
Vem por favor! Não demore...

Enfeitar nosso jardim
Vem por favor! Não demore...

Natal/RN - fevereiro de 2022

RELÓGIO DE PAREDE



Rosângela Trajano

As nossas relações líquidas

A internet e o mundo contemporâneo criaram uma nova forma de se relacionar que não exige laços afetivos duradouros, que são frágeis e por nada se acabam e cada um vai pro seu lado: as relações líquidas. O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman foi quem criou essa teoria da liquidez nas relações afetivas e nas nossas vidas. Vivemos descartando as coisas ao nosso redor como se não tivéssemos nenhum apego por elas, parece que elas nunca nos ofereceram algo interessante que tenha nos causado afeto ou coisa parecida.

Esquecemos dos nossos amigos com muita facilidade e passamos anos sem nos comunicarmos com eles. Os namoros dos jovens também se tornaram líquidos e hoje estão completamente apaixonados por uma garota ou garoto e amanhã já trocam de parceiros sem nem ligarem para os sentimentos do outro. Os amigos virtuais são os mais fáceis de serem descartados, basta um clique do mouse e estarão bloqueados para sempre.

Vivemos tempos e relações líquidas. Já não amamos mais como antes. As relações duradouras de casamentos dos nossos pais que duravam sessenta ou oitenta anos não são mais iguais as nossas. Muitos jovens casam-se hoje jurando amor para sem-

pre e daqui a dois meses já estão brigando e logo se separando. Também não temos mais apego as nossas coisas materiais. Os nossos telefones celulares se pudéssemos e tivéssemos dinheiro para isso os substituiríamos toda vez que saísse um novo lançamento. Assim como não nos prendemos mais as tradições familiares e aos nossos costumes. Tudo é líquido nas nossas vidas, o amor se esvai assim do nada. Se acaba. Termina uma relação por telefone ou mensagem eletrônica.

Bauman falava dessas relações líquidas que estavam acontecendo ao longo da sua vida e agora acontecem cada vez mais. Eu não sei vocês, mas tenho uma grande inveja de mamãe com as suas relações de amizade duradouras. Ela tem amigas de mais de cinquenta anos de amizade. A minha amizade mais antiga tem dez anos de idade.

As coisas passam muito rapidamente. As pessoas estão sempre apressadas e não querem perder tempo com conversas bobas ou ouvindo histórias sem fundamentos dos amigos que não têm quem os escute e quando encontram alguém legal começam a desabafar tudo o que sempre desejaram. Sim, encontrar alguém para nos ouvir está cada vez mais difícil.

Até as crianças estão sendo influenciadas pela liquidez quando se desapegam muito facilmente dos seus brinquedos, das suas roupinhas e das suas coisas. Ninguém guarda mais as roupinhas dos seus bebês ou alguma lembrança da infância. Vivemos um processo de desapego grande em relação as nossas coisas e afetividades. O desapego é uma coisa boa, mas não deve ser feito de uma forma intensa. Desapegar-se com cuidado. Não das pessoas e nem das coisas que nos trazem lembranças boas, mas daquilo que já não serve mais para nós e pode fazer bem para outra pessoa. Tenho uma ligeira impressão que Zygmunt Bauman acertou quando disse que estávamos vivendo tempos líquidos. Tempos em que esquecemos os nossos melhores amigos assim do nada e já os trocamos por outros, que não nos apegamos mais a nada e nem a ninguém.

Estamos vivendo relações líquidas, ou seja, tudo é descartado com a rapidez do tempo. Este tempo que já não podemos perder mais, assim são as relações. Não temos mais tempo para ouvir as lamentações dos nossos amigos, para consertarmos um brinquedo ou não queremos mais consertar um aparelho eletrônico e preferimos comprar outro, um novo. Jogamos tudo fora. Descartamos tudo o que não nos serve mais.

Eu lembro que antigamente nas casas grandes existia um sótão ou era na garagem da casa onde se guardavam as coisas velhas. Hoje esses espaços não são mais usados para isso porque as pessoas não guardam mais coisas velhas. Eu não gosto dos tempos líquidos e nem das relações líquidas. Tenho o cuidado de ainda mandar cartas para os meus amigos e de dizer bom dia para eles. Também não sou de trocar de amigos num passe de mágica. Amizade para mim é algo sagrado, é um tesouro. E tesouro não é coisa fácil de se encontrar aqui na Terra.



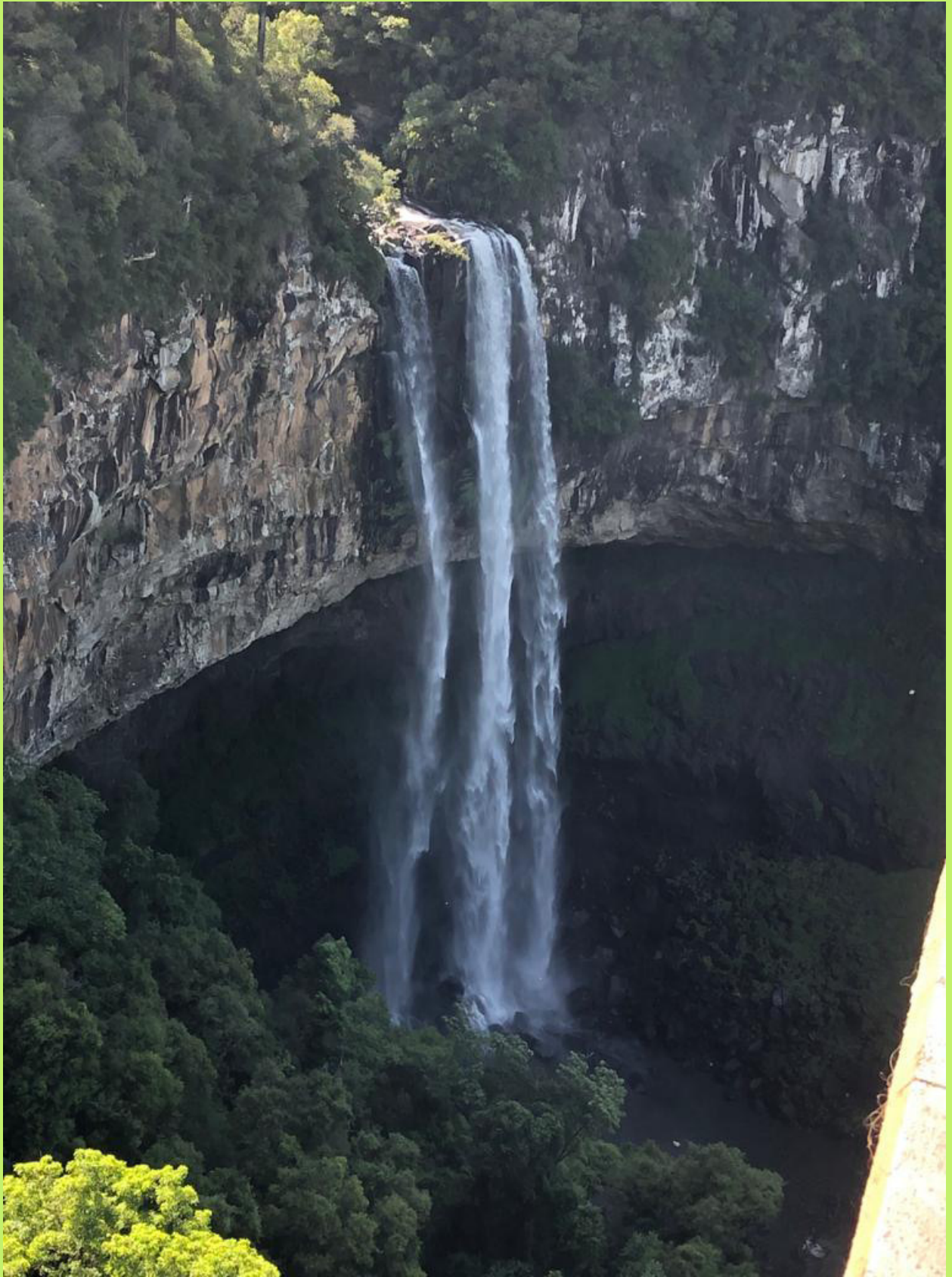
Charges

**MAMÃE, ESTOU
MORRENDO DE
FOME!!!!**

**É, FILHA, OS R\$ 600,00 DO GOVERNO FEDERAL
SÓ DEU PRA COMPRAR 1 KG DE FEIJÃO E MAIS
NADA! SOMOS 33 MILHÕES DE PESSOAS
MORRENDO DE FOME NO BRASIL!**



Dando



Cartas

À moda antiga (34)

Remetente: Mdc santos

Destinatária: Morena Linda

Nas águas transparentes e cristalinas sutilmente me banhei, indo ao teu encontro, em tuas poesias naveguei. Você tão amorosamente não me permitiu afogar. Assim sendo, carinhos em teus braços, pude desfrutar. Teu semblante sereno e sorriso nos lábios, docemente, me encantei. Lágrimas não me desceram dos olhos, pois felicidade tornou-se minha paz. De tanto levar flechadas, levando-me à nocaute, a luz se fez presença quando nos teus lábios mergulhei. Tenha a crença, bela e única dama, meu coração apenas reclama quando aqui não chegas. Há peleja em versos e poesias para que chegue à tua alma encanto e magia. Alegre-se comigo, pois contigo vivo a sonhar. Meu corpo reclama quando te ausentas e se for ser permanência venha logo e fica! Tantas vidas vivi, um tanto de amores encontrei, mas nada podendo comparar a tua presença singular. Pluralidade dos mundos e do existir, contigo pude retroceder e me levar. Fui as alturas e diante de tua candura fiquei. Quero mais tempo e versos compor, sendo entregue ao amor, por mim desejado. A luz que chega clareando nossas almas, em nada além eu penso, nem tão pouco me aborreço. Me prendi no teu penetrante olhar junto o teu mais encantador sorriso.

Quando chegares nada diga

Faça tudo diferente,

Coração te aguarda

Tua presença minha alma sente!

Mdc santos



Contos

O CARMA DE CLARISSA

DOLCE VITA

Mais uma vez — e sem reclamar —, Clarissa ouviu todas as lamentações do vento. Embora estivesse cansada da habitual ladainha, nunca deixara de nutrir compaixão pelo ar ressentido. Naquele fim de tarde chuvoso, logo depois que o vento foi embora, o eco se fez presente numa queixa sem fim:

— Que ventania intragável! Vive remoendo essa história chata. Essa história chata... Essa história chata... Essa história chata...

Clarissa soltou um longo suspiro, antes de retrucar:

— Devo ser a musa da mesmice.



ELZA GHETTI ZERBATTO

Escritora, poetisa, formada professora de educação infantil. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui.

Participa de várias antologias nacionais e internacionais. Acadêmica Correspondente das seguintes Academias:

Niteroiense de Letras, Goiás Velho e Fortaleza. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e um internacional.

Participa da Revista Barbante desde 2021 com seus textos autorais.

Para que serve o GPS?

Eu e marido estávamos a caminho de Poços de Caldas, e a cidade anterior a ela, pela rodovia que se segue é Andradas. Como no ano passado estivemos por lá, resolvemos confiar no GPS, pois não lembrávamos mais da entrada que havíamos feito. Passeamos pela cidade pois estávamos mais perdidos que cego em tiroteio, afinal o bonitinho apontava o local errado que nunca chegava. Detalhe, nosso GPS estava atualizado, mas mesmo assim deve ter tido um AVC no meio de tantas montanhas, ou o medo de altura, fez com que ficasse lesinho, lesinho.

Rodamos, rodamos, e certa hora falei para ele:

- Amor, olha a placa aqui indicando para Poços de Caldas.

- Não, eu vou seguir o GPS.

- Respondeu ele confiante.

E roda, roda, passa montanha, passa casa, passa fazenda e cadê a entrada da cidade? Resolvemos então apelar pelo tradicional pergunte cara-a-cara e o maridão indagou á um rapaz que estava á frente da sua casa, com a família.

- Moço, como eu faço para chegar em Poços de Caldas?

- Olha, o senhor tá vendo aquele morro ali?

- Então, o senhor passa ele, o primeiro, depois o segundo e em frente tem uma casa, então o senhor vira as direita. Bingo!

Indaguei ao maridão se ele havia entendido e ele disse que não. Caímos na risada, afinal quem viaja para Minas sabe que o que não faltam lá são morros, casas típicas de interior, rs.

Sem alternativas seguimos em frente e fomos passando pelo primeiro morro, segundo morro, casas, rs até que finalmente achamos um outro acesso para uma rua mais movimentada, e um rapaz nos explicou como achar a tal entrada. Eba, depois de ver tanto morro, finalmente encontramos e mesmo não precisando mais, eu lembrei da entrada, rs. Coisas de memória, GPS e viagens!

ELZA GHETTI ZERBATTO

Ares de humildade

Senhor Bernardo, em conversa no bar de Paulo, depois de umas cervejas, reclama: *Respira-se intolerância nesse contexto moderno. Só se ver ignorância, individualidade e frivolidade.*

E o Paulo pergunta: E o que se pode fazer, seu Bernardo?

— *Simples, sermos humilde e deixarmos de ignorar ou julgar o ser humano pela cor da sua pele, por exemplo.*

O senhor acha existe racismo no Brasil?

— *Claro que há. Nesses ares de racismo só se enxerga quem tem bens materiais e boa aparência, desde que a pele seja clara.*

— Então, na sua opinião, o senhor acha que o racismo vem aumentando?

— *Sim, porque falta, nessa dita sociedade “moderna”, ares de humildade, que só se constrói com conhecimentos, especialmente sobre a essência da vida. Falta dar importância ao que, de fato, importa, como o caráter e a ética.*

Paulo insiste: O que mais seu Bernardo?

— *Nessa sociedade (des)conectada de princípios, faltam valores humanos e sentimentos de amor, tolerância, compaixão e solidariedade.*

— *E isso resulta em ódio, raiva naqueles que se reconhecem fracos, que não tem coragem para vencer obstáculos e obter conquistas. E para encerrar Paulo, falta vergonha nesse povo que se esconde atrás da sua insignificância para se vingar de quem tem coragem e determinação para lutar e vencer. Falta também ação do Estado. Sobra impunidade.*

Paulo agradece às lições que aprendeu com seu Bernardo, pois deduziu que ele havia presenciado cenas de racismo naquele ambiente.

Iêda Chaves Freitas

19.07.2022.

A Herança

José Victor do Lago

Trouxe consigo da guerra uma promoção a Tenente Coronel e uma enormidade de traumas. Reencontrou sua mulher um tanto envelhecida, o sofrimento fez mais diferença que a idade, também não pouca. Ela o amava. Foram tempos difíceis.

Agora afastado da atividade militar, o quartel ficou lá longe de onde o Coronel escolheu para passar o restante dos seus dias. Dois anos e meio, exatamente foi o que lhe restou.

Mais de dois anos naquela pequena cidade interiorana. Fechado em seu jeito de ser, mantinha uma convivência discreta com os moradores dali. Sua mulher também o acompanhava nesse modo de vida, não que fosse assim na sua juventude, mas pelo tempo que passou ao lado dele, acabou por assimilar o seu comportamento.

A curiosidade dos moradores era exacerbada. Especulações exageradas campeavam pelos quatro cantos da cidade. Por que teriam escolhido justamente ali para virem morar, é o que perguntavam uns aos outros. É que não se tinha notícia de ninguém que teria vindo de fora, que tenha escolhido ali para residir. Todos conheciam a todos e eram todos dali. Por que alguém viria para um lugar tão pacato e monótono, diziam perguntando.

Depois daquele janeiro em que o Coronel faleceu, parece que não existia mais o que falar entre eles a não ser no tamanho da fortuna que a viúva herdaria. O vai e vem de comentários especulativos cada vez mais atiçava a imaginação das pessoas.

Pouco ou quase nada de verdade era possível saber. Naqueles dois anos o casal levou uma vida muito discreta. O conforto em que viviam não havia como esconder. Isso era tomado pelas pessoas de que economicamente estariam muito bem.

Com o passar do tempo a viúva passou a apresentar problemas de saúde. Frequentemente visitava os consultórios médicos da cidade vizinha. Esse fato, aos poucos foi aguçando as cobiças e alimentando as especulações. Espalhou-se o boato de que ela era rica, que possuía bastante dinheiro e que seus dias estavam por findar. Em pouco tempo ela se tornou o melhor dos partidos. Jovens, muitos muito jovens, não se importavam com o fato dela ser uma mulher velha, sonhavam com a fortuna. “É velha mas é rica”, “amanhã ela morre e o rico serei eu” diziam.

A velha passou a ter um tratamento especial. Gentilezas não faltavam. Mães interesseiras levavam-lhe quitutes, doces, faziam para ela muitos dos serviços rotineiros sem nenhum pagamento. A velha reinava soberana ali no lugar.

Expedito, o garoto que durante todo o tempo, desde que o casal foi para lá, cuidou dos cavalos e manteve sempre impecáveis as duas charretes que o casal tinha e usava em seus passeios, que sempre gozou da confiança deles, que nunca pensara em mais nada além do seu pequeno pagamento, acabou por se deixar influenciar por aquele disse que me disse do povo. Passou a olhar a velha com os olhos do interesse. Sua mãe foi a sua principal aticadora. Ela o induzia para esse modo de pensar, ela sonhava com a vida rica. Via-se na posse de todos os bens da viúva. Ela dizia ao filho que ele estava muitos passos na frente de seus concorrentes, pois trabalhava na casa, entrava e saía com plena liberdade, que era da absoluta confiança da viúva. Dizia que agindo com inteligência ele colocaria a mão na fortuna da velha, que a fortuna logo seria só sua, porque a velha estava perto do fim.

Afinados, iriam urdir a teia. Conquistar a velha para se casar com Expedito. Com toda a matreirice de mulher madura e de malícia refinada, a mãe passou a instruir o filho. Tudo bem feitinho, muito bem engendrado, que mulher velha não se jogaria nos braços de um vigoroso, agora homem, de dezoito anos, dizia a mãe.

A velha estava doente, o tempo corria contra eles, precisavam de rapidez. Ninguém estava interessado em qual seria a doença, só se falava no pouco tempo que ela viveria e no quanto ela possuía. Muito dinheiro sim, sim! Muito dinheiro, era a notícia que corria.

O empenho trouxe resultado, a velha estava no papo. O futuro seria brilhante. Dias passados, casamento marcado, o moço no seu dilema. A velha apaixonada, sua carência insaciável, ele já entojado. O casamento já bem pertinho, ele na encruzilhada, pegar ou largar, seguir ou parar, a liberdade, o dinheiro, o trabalho duro, a vida boa. A carência dela inesgotável.

Casou! Comunhão de bens como era a norma. Dinheiro? Sim! A boa pensão do Coronel. Conforto, boas roupas, nada de trabalho. A velha não economizava, dava ao rapaz uma vida que ele não teria sem ela, mas exigia dele na medida de sua carência, da sua enorme carência. Os dias foram passando e já não se falavam mais na doença da velha, nada de remédios nem médicos, a velha estava curada. E a fortuna? Somente a pensão do Coronel, que cessaria no dia da morte da velha.

JÁ É NOITE

Já é noite!

Em qualquer bar um bêbado apoiando sua dor num copo, só se levanta quando amanhece o dia, pensando achar a solução.

Os ladrões vagueiam pela escuridão, sorrateiros à procura de uma vítima que trabalhou o dia inteiro.

O adúltero espreita o crepúsculo, pensando num ser visto por olhos alheios, esqueceram-se dos olhos de Deus.

Os mendigos voltam de cabeça baixa, cansados de tanto pedir, voltam para onde dizem ser o seu lar; quase sempre de mãos vazias.

As mães com seus filhos grudados ao peito murcho de tanto sugar seu único alimento do dia, andam sem pressa de chegar, sem destino, sem esperança no rosto sem brilho no olhar.

O velho bate um papo na esquina relembrando seus velhos tempos. A espera de a hora chegar.

Já quase sem motivos para viver.

As crianças saem à rua para sua última brincadeira antes da noite chegar, presas pelo perigo da noite.

Já é noite. Tudo parece ser escondido, só porque é noite.

Mas logo amanhece e o dia chega e onde esconder tanta coisa triste, tanta maldade, tanto desamor, tanta falta de segurança.

Será sempre noite, neste mundo sem amanhecer???

Maripenna



Sobre Amor e Nuvens

O caminho até o quarto nunca pareceu tão longo. Sapatos e roupas abandonados no chão e nas escadas denunciavam a urgência do amor entre eles. A respiração era ofegante, a pressa se agigantava e nem precisaram se desnudar completamente antes que o desejo os dominasse e vencesse. O aconchego do colo, ao final, confirmava o amor existente, acima de tudo.

Viviam nesse estado de intensa paixão desde que se conheceram e iniciaram o romance. Coisa de química de pele, diziam.

Ambos eram aventureiros, adoravam desafios. E resolveram se amar sobre nuvens, voando em um balão.

O calor do momento vivido os impediu de notar que o vento havia mudado o curso do voo e que se distanciaram demais. Presos num emaranhado de árvores numa densa floresta, foram encontrados dias depois, abraçados e com expressões serenas nos seus rostos... agora frios.

Tudo tinha valido a pena.

Marise Castro

O Casarão Abandonado

Eu passava por ali e olhava para aquele casarão. Estava morando naquela cidade há quase três anos. Algo nele sempre atraía meu olhar. De maneira irresistível muitas vezes eu parava e olhava demoradamente para aquela fachada desgastada pelo tempo. As informações sobre ele eram desconhecidas. A quem ele pertenceu? O que aconteceu para que uma casa tão linda ficasse assim por tanto tempo desabitada? Não se chegava a um consenso e as pessoas evitavam o assunto e também o casarão. Diziam apenas que este mistério já resistia há algumas gerações.

Era uma construção muito antiga que resistiu às intempéries e ao tempo.

Eu tentava pesquisar e investigar aquele mistério. Durante muito tempo minha busca foi em vão.

De tão atraída e até certo ponto, obcecada, comecei a sonhar com aquela casa. Era sempre um sonho tenso em que eu me perdia dentro da casa e não conseguia encontrar a saída.

Cada vez mais aquela casa me intrigava. Cada vez eu chegava mais perto.

Eu não era uma pessoa muito corajosa e não me aventurava com facilidade. Ainda mais sendo uma mulher, ficava temerosa em chegar muito perto. Fiquei por algum tempo só admirando o casarão do lado de fora do portão.

As grades e o portão eram grossos e altos. Pelo requinte da fachada, podia-se perceber que os donos dali eram pessoas abastadas e, provavelmente, poderosas.

Após mais um sonho agitado e tenso com aquela casa, ousei entrar no jardim. Estava sozinha. Mas como não ia entrar na casa, pensei que estaria segura.

Andei por todo o jardim e ali reinava um silêncio assustador. O jardim e quintal eram muito grandes. Muitas árvores e o abandono era total. Nem um canto de pássaro se ouvia. No fundo do jardim havia uma construção parecendo um túmulo. Cheguei até lá e ali se lia: Ana Emília Almeida Araújo com as datas de nascimento, 10 de junho de 1852 e morte 15 de outubro de 1880, José Artur Mendonça Araújo com data de nascimento 26 de fevereiro de 1834 e morte 09 de julho de 1901

Jaziam ali uma jovem mulher e um homem. Quem seriam?

Quando eu me virei, estremei de susto. Minhas pernas tremiam e eu não conseguia dar um passo. Uma jovem mulher me olhava e perguntou:

-Está procurando alguma coisa?

-Não. Este casarão sempre me atrai. O portão estava aberto e entrei apenas para olhar.

-Quer entrar na casa?

-Não. Não quero incomodar. Nunca vi ninguém por aqui. Você mora nesta casa.

-Estou sempre aqui.

-Nunca lhe vi pela cidade.

-Eu já lhe vi várias vezes no portão observando o casarão.

-Você é a dona desta propriedade?

-Não. Nunca fui dona de nada. Nem da minha própria vida.

-Mas se você vive aqui deve conhecer os proprietários.

-Não vê que a casa está abandonada?

-Então você é moradora de rua e se abriga aqui?

-Você acha que tenho cara de moradora de rua?

-Não. Você se veste muito bem, mas com roupas estilo antigo. É uma excentricidade sua?

-Não. Quer conhecer a casa?

Intuitivamente eu a segui, sem medir as consequências.

-Você conhece a história desta casa? Sabe quem viveu aqui e quando?

-Sim. Conheço toda a história desta casa. Está desabitada há muitos e muitos anos.

Entramos e ela me mostrou algumas partes da casa. Depois sentamos na sala, que era o único cômodo que se via que estava limpo.

-Gostaria que me contasse a história.

-Sim. Posso contar com uma condição.

-E qual é a condição?

-Que você conte esta história, que faça com que ela fique conhecida.

-Posso tentar. Não sei se terei muita audiência.

-Não importa. Tenho certeza que ela chegará ao lugar certo.

-Como ao lugar certo?

Sem responder minha pergunta ela começou a falar.

-Aqui morou um casal rico. Os casamentos arranjados pelos pais eram muito comuns. A mulher que residia nesta casa não fugiu a esta regra. Era uma mulher muito bonita e o senhor, dezoito anos mais velho, se encantou com ela e praticamente a comprou de seu pai, que era bem mais humilde. Ela tinha na época do casamento vinte anos. Ele a cobriu de belos vestidos, de jóias e luxo. Mas quem diz que o coração se deixa encantar por bens materiais? Aquela jovem não gostava do senhor e vivia infeliz.

Três anos após o casamento nasceu o único filho.

A rotina interminável daquela jovem foi a tornando triste, aquele casamento infeliz a sufocava. Os eventos sociais a entediavam. Sua única distração era a leitura.

Um dia, num destes eventos sociais, ela conheceu um jovem professor. Ele falava de coisas que ela nunca ouvira falar, falava de literatura, de artes, de lugares e países e muitas outras coisas. Seu coração de mulher inteligente e sagaz se encheu de alegria. Ela se calou por um instante. Eu, que a ouvia com atenção, pensava como ela poderia saber tantos detalhes. Esperei que ela continuasse.

-Por meses ela teve a oportunidade de encontrar várias vezes com aquele professor e cada vez mais ela se encantava com ele. Pensava que poderia escutá-lo por horas a fio sem se sentir cansada ou entediada. Ele, por sua vez, gostava de conversar com ela e a olhava de maneira comprometedora.

As conversas entre eles começou a ficar mais ousada. Começaram a se encontrar às escondidas. E quando se deram conta estavam completamente envolvidos. Seguindo o curso das coisas ela acabou por se entregar a ele. E por muitos meses se entregaram a um louco e perigoso amor. As pessoas pareciam não desconfiar. Eles foram ficando cada vez mais apaixonados, ousados e descuidados.

Numa noite, em que seu marido havia viajado, ela levou seu amado para dentro de sua casa. Para a cama que dividia com o esposo.

Estavam nus e se amando como se fosse aquele o último dia de suas vidas.

De repente a porta se abriu. O marido entrou sem se importar com o filho de cinco anos que estava do lado de fora.

-Sua vagabunda. Eu bem que estava desconfiado. Sempre se faz de santa e pudica comigo e para este desqualificado, para este ingrato é assim que você se entrega? Como uma meretriz? Você desonrou meu nome, você não mereceu nada que eu fiz por você. Você nunca mereceu o meu amor e o zelo com que sempre cuidei de você.

Eles estavam apavorados e a criança olhava assustada a cena. Ela olhou para o filho e se sentiu culpada, se sentiu a pior das mulheres.

Eles permaneceram calados esperando a sentença que os aguardava. E assim se fez, ele deu dois tiros em cada um.

Depois virou e saiu.

A mulher que cuidava do menino o tirou dali depressa e chamou a criadagem.

O esposo traído e assassino fugiu da cena.

O menino estava mudo olhando pro nada.

Retiraram os corpos dali. Foram enterrados fora da cidade como banidos da sociedade.

Aquele quarto ficou trancado por muitos anos. Como se não pertencesse à propriedade. Ali foram dispostos todos os pertences da jovem senhora.

Muitos anos depois, após a morte do pai, o filho, providenciou o traslado dos restos mortais da mãe para o túmulo da família, no jardim. Ele então, fez uma última homenagem à ela e partiu. Foi morar em outra cidade.

Ele casou, teve filhos, mas aquela lembrança sempre o perseguiu. Nunca foi feliz, nunca foi capaz de amar e confiar em uma mulher. Aquele fantasma o perseguia e ele acabou se suicidando aos trinta e sete anos. E seus familiares nunca mais voltaram ali. Talvez nem soubessem da existência daquele casarão.

Como vê, nesta casa aconteceu uma tragédia que começou a ser desenhada no dia em que o pai daquela jovem garota a entregou ao marido a quem ela se dava como a um carrasco.

Aquela mulher de coração livre e alma sonhadora não suportou o jugo de um casamento sem amor.

Agora vou te levar até o quarto em que tudo aconteceu. Você quer?

-Não sei se tenho coragem.

-Venha.

Mais uma vez me deixei levar, como se uma força mística me impulsionasse, e a segui.

Ao entrar no quarto eu olhei o ambiente. Estava cuidado e limpo como a sala. Olhei todas as peças. Era como se revisse a cena. Observei cada detalhe. Na penumbra daquele ambiente macabro eu olhei para a parede oposta e reparei no que estava ali. Ao olhar o quadro eu não acreditei no que via. Olhava para o quadro e olhava para a mulher. Para me certificar, eu disse:

-Como você se chama? Quando for contar a história, gostaria de dizer quem a narrou.

Muito tranquilamente ela disse:

-Ana Emília Almeida Araújo.

Neste momento um frio percorreu meu corpo. Eu senti uma vertigem e desmaiei. Não sei se de medo, de susto ou de incredulidade.

Quando acordei estava no jardim da casa. Deitada na grama.

Não sei se aquilo foi realidade, sonho, pesadelo, miragem. O fato é que a partir daquele dia eu fui atrás daquela história. Passei muito tempo pesquisando, procurando documentos, escritos e fatos. Não encontraria mais nenhuma testemunha dos fatos. Tentei encontrar o paradeiro dos descendentes desta mulher. Mas nunca obtive sucesso. Mas no fim, constatei que tudo ocorreu exatamente como me foi contado. Os documentos batiam com as datas. Umhas poucas palavras deixadas. Provas frágeis mas que mostravam a veracidade daquela história.

Eu, que nunca acreditei nestes fatos sobrenaturais, em espíritos ou em comunicação de seres mortos com seres vivos, tive que me curvar. De alguma forma aquela mulher me contou sua trágica história.

Tratei então de cumprir minha promessa e levar adiante essa história para que ficasse conhecida, ainda que por poucas pessoas. Certamente ela chegou ao lugar certo...

Nana Gonçalves



Crônicas

No final alguém vira ouro?

Qual o valor de uma vida?

Onde e quem decidiu que uma raça, um credo, a mulher é um objeto ou uma ideologia é única?

E humilhar e ainda pior; ceifar a vida de alguém sem motivos é aceitável?

Muitas pessoas aparecem camufladas da justiça, da lei, de imposições e despercebidas de xenofobismo e sectarismo, enquanto na verdade existe ego, incredulidade, desrespeito, vaidade, entre outros tantos adjetivos que maculam o ser humano. O que realmente importa que é o respeito, a equidade e a preservação da vida, o cotidiano tem nos revelado um inconcebível desprezo a esses valores com atitudes covardes e inaceitáveis como acontece diariamente, onde presenciamos através de noticiários e presencialmente, negros, mulheres e índios serem assassinados por desprezo e ignorância as leis e ao ser humano, ganância, machismo entre outros motivos que classifico como fúteis e covardes. Existem inúmeros casos divulgados nas mídias e redes sociais desses crimes odiosos. Talvez um dia irão descobrir se essas mesmas pessoas reagissem e criassem uma revolta armada e perseguidora como seria a reação de todos?

É uma questão de reflexão não é mesmo, mas essas vítimas felizmente são pacíficas e na grande maioria das vezes não reagem a esses brutais acontecimentos.

A intolerância não aumentou, agora ela é filmada e divulgada para o mundo se conscientizar e tomar atitudes.

Hoje somente sei que existem pessoas hipócritas, que simulam um moralismo indecente e tosco que não são dignas de serem chamadas de humanas e não deveriam conviver em sociedade civilizada e honesta. Então penso que seja cultural essas atitudes insensatas e deixo aqui algumas reflexões.

A lua para brilhar e clarear o mundo precisa de escuridão, o arco íris é bonito porque tem várias cores. O universo é um imenso espaço que é iluminado pelo astro rei e sabemos que quanto mais expostos mais negros ficamos e a Terra é nossa mãe, uma mulher com uma imensa barriga que abriga a todos sem distinção. O que estou tentando aqui é fazer que percebam que a própria natureza nos indica a diversidade e muitos viram as costas para essas evidências.

Enfim, a vida é uma só e não poderá jamais haver quaisquer distinções de cores, raças, credos e seja lá o que for, mas pra entender isso é imprescindível saber o que faz parte da nossa essência.

A sociedade precisa se impor não só para coibir, mas dar um ponto final nesses tipos de crime que traduzem as mazelas do mundo e os piores defeitos de um ser humano.

No final ninguém vira ouro, pois Midas é um personagem da mitologia grega, e a história real da humanidade é outra.

Antônio de Magalhães

Escrever é minha definição

Cassia Caryne - 17/08/2020

Entendi outro dia que escrever é minha sina, meu destino. É precisão, um modo de ajeitar a emoção, de organizar pensamentos. Escrever é um jeito de não enlouquecer com tanta beleza que vejo na natureza. É colher um pôr-do-sol e ofertar a alguém; é brincar na chuva, porque seu cheiro e sua canção me sacudiram os sentidos. É desengasgar a emoção diante da grandeza e força colossal do mar. É entender o silêncio das montanhas e falar por elas. Escrever é uma prova maior de amor ao homem, enquanto espécie. É dar voz aos pequeninos, aos invisíveis e excluídos, como os andarilhos, os fugitivos, os pedintes, os presos, as prostitutas, os miseráveis... É deixar que todos falem por nossas bocas de poeta, que sabem ser românticas, mas sabem ser deladoras também. Elas, as bocas, precisam denunciar a insensatez de alguns, que se acham melhores ou seres superiores ou donos desse mundo. E acho que o poeta é capaz de falar todas as verdades de seu tempo com a delicadeza de uma rosa! Não é raso, mas profundo e inquietante nas suas afirmações, sem precisar ser cruel. Aliás, acho que só o amor é capaz de tocar alguém na sua natureza. Só o amor transforma. Escrever é a minha definição.

A lista de Deus

Deus dará ao passarinho um poste novo para fazer o seu ninho e na sombra do meio-dia ele descansará. Deus dará à aranha casa e arranha-céu para tecer sua teia e sob a energia elétrica ela dará à luz. Deus dará à cobra carro e moto para esconder-se, e ao ligar o motor ela será aquecida.

Deus dará ao jacaré piscina para banhar-se e quando a chuva forte vier, ele nadará entre as casas, mas se vacilar vai virar bolsa de madame. Deus dará ao mar força para cuspir na areia os dejetos químicos e orgânicos, e o que ficar voltará para o homem.

Deus dará ao cão viadutos, praças, becos e vielas, e debaixo das estrelas ele estará mais seguro. O homem também terá benesse, mesmo sendo um agente de causa. Deus dará ao assalariado condições para aposentar-se com mais de 70 anos, e vos será acrescentado cinco anos de expectativa de vida.

Deus dará ao sem-teto um guarda-sol para refrescar sua cabeça e ele ficará bronzeado. Deus dará poder ao homem, e ele irá eleger um representante para escravizá-lo. Deus dará um tempo ao ser humano para pensar na consequência dos seus atos, e ele quebrará o relógio.

Assim fica difícil até para Deus, pois tudo o que Ele deu ao homem foi contaminado pela ganância, perversão e autodestruição. Pelo visto, Deus é o ópio do povo, empresário, banqueiro, construtor, tapa-buraco, baú da felicidade, roda da fortuna e fiador. Na cabeça insana do homem, Deus sempre dará um jeitinho brasileiro.

Jaciara Santos Souza Dias

Salvador/BA.



Biografia– Karol Costa

Sul-mato-grossense poetisa, escritora desde 2017, com quatro obras literárias publicadas entre 2018 e 2021 no selo motivacional. Atualmente integrante das Academias de Letras Internacionais (AICLAB; AILB) e União Brasileira de Escritores de MS (UBE-MS), com programa Semanal na Feira Internacional FILCDUBRÁ e participação no Programa Cantinho do Bar Brasil.

Não seja seu próprio inimigo

Quantas vezes você foi ou ainda é seu próprio inimigo? Não leu errado, você por vezes se sabota sem perceber, isso acontece por estar no piloto automático.

É aquele exato momento em que deixa de sentir, de enxergar as coisas e as situações de forma simples e clara, se sujeita a coisas sem necessidade.

Tendo por base as palavras de Leandro Karnal: “A cabeça que encontra a solução, é a mesma que elabora o problema”.

A frase de Leandro Karnal vem de encontro com a pergunta que foi deixada lá em cima, se você é capaz de inovar também é capaz de se estagnar.

Já que tudo é uma questão de ponto de vista e de escolha.

Nem toda escolha é simples, nem impossível de ser tomada, ou seja, o enfoque a ser dado não é imediatista, mas sim a longo prazo.

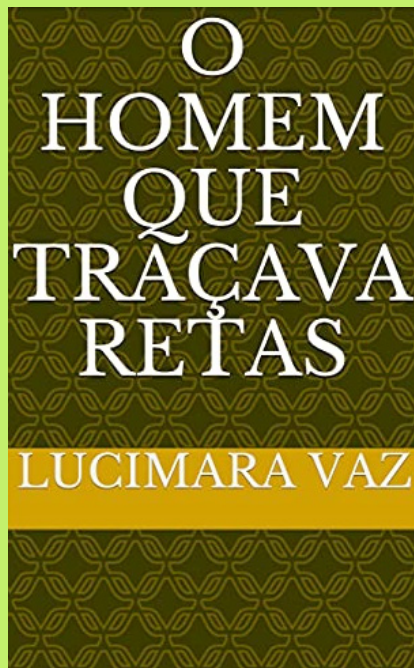
Cada escolha tem a sua renúncia e sua consequência sendo ela mínima ou até mesmo gigantesca por isso é importante e até mesmo fundamental “colocar na balança” se vale a pena ou não ter tal posicionamento.

Então não se compare com os demais, pois os cenários nunca são iguais, embora por vezes haja semelhanças, entretanto, a vivência torna cada situação diferente.

Ainda nas sábias palavras de Leandro Karnal: “Jeito ou sorte é o nome que todo vagabundo dá para o sucesso alheio” e isso vem de encontro com algo que em textos passados já foi dito, muitos olham a colheita, mas esquecem do plantio que você fez e quanto tempo demorou para tudo estivesse pronto.

Portanto, respire fundo e continue o seu processo já que apenas você sabe o preço que está pagando ou irá pagar a curto ou a longo prazo.

Nunca se esqueça do que é essencial, para que ao chegar aonde se quer saiba valorizar cada detalhe e principalmente quem está ao seu lado.



BIOGRAFIA

Lucimara Vaz tem 57 anos, é formada em Letras pela UNEMAT e funcionária pública aposentada. Nasceu em 08/10/1964 na cidade de Cascavel/PR. Atualmente reside em Tangará da Serra/MT, um lugar cheio de sol e céu azul. Portadora de surdez bilateral profunda, passa seus dias entre a rotina doméstica e a rotina metafísica que é criar um filho. Gosta de livros e séries, de acordar cedo e de arroz com bastante alho. Escreve pequenas crônicas sobre as personagens do cotidiano.

O HOMEM QUE TRAÇAVA RETAS

Era uma vez um menino que tinha uma grande habilidade para desenhar linhas retas de qualquer tamanho e em qualquer posição. Por certo que descobriu sua habilidade num desses dias que ficam marcados na memória de vida, e que ela não lhe veio pronta e acabada.

Num dia ensolarado, quando tentava colocar na folha de um caderno de desenho a paisagem em frente à igreja, todos os seus traços tendiam a tornar-se retos. A igreja foi retratada com exatidão; os canteiros e as árvores mal foram esboçados. A professora, ao comentar algo sobre ter mãos e olhos firmes, estimulou um gosto que lhe duraria a vida inteira e uma ambição que se manteve viva enquanto todas as demais esperanças falhavam.

Ele queria ser um homem que traçava retas perfeitas.

Inicialmente ele descobriu que, se a linha fosse muito extensa, apenas no meio ficaria exata e trabalhou com grandes extensões de muro para aperfeiçoar-se nas grandes retas, antes de passar para folhas de metro, com lápis nº 2. Descobriu também que, conforme o material de desenho, a pressão da mão deveria modificar-se. Lápis de grafite macia exigiam apenas um descansado gesto, como o pincel atômico bem novo; e este, como as canetas de ponta porosa, dava uma grossura desigual para a linha, o que também foi corrigido com muito tempo e treinamento.

Ao superar a adolescência, era hábil com todos os materiais de desenho convencionais. Os colegas levavam para ele os cartazes escolares: com traços contínuos e precisos, desenhava uma moldura a exatos três milímetros da borda da cartolina, sem falhar.

Levou a tentativa para telas e tintas, panos e cerâmicas. Em pouco tempo, a associação de artesãos lhe levava pequenos e delicados vasinhos de porcelana, corações e caixinhas para que seu traço perfeito delineasse em dourado as encantadoras peças de argila cozida.

Passou as férias com o primo da Funai na reserva Pataxó, aprendendo a traçar com o dedo, sobre o próprio corpo, com a tinta do urucum e do jenipapo, retas e mais retas concêntricas e geométricas.

Tentou a faculdade de arquitetura. As plantas desenhadas em papel vegetal, um primor de precisão, o encantavam. Coursou até o terceiro ano, quando as condições de vida o obrigaram a trocar o estudo pelo emprego. A imagem da tristeza é uma linha truncada, pensou.

Conheceu uma linda moça. Apaixonou-se. Comparou o amor a duas retas paralelas que, ao encontrar-se no infinito, tornam-se uma só. Casaram-se e, no livro de registros de casamento, com um pouco de tinta de ouro que guardara especialmente para a ocasião, sublinhou o nome de ambos com traços retos e luminosos.

Teve filhos. Trabalhou. Não se pode dizer que tenha sido um sucesso profissional ou que tivesse obtido da vida tudo que queria. O fato indiscutível é que criou a prole com as necessidades decentemente atendidas. Passava horas com os filhos ao colo,

ensinando mãozinhas gorduchas a traçar retas no papel. Nenhum herdou sua invulgar habilidade; aposentou-se com quinze quilos a mais do que tinha ao casar-se e um grosso par de óculos que dava a seu olhar um aspecto confuso.

Enterrou a esposa num certo dia de primavera, em tudo semelhante ao dia em que a conhecera; poderia ser o mesmíssimo dia, semelhante em luz e cor, emoção e desejo, não fosse os longos anos permeando um e outro. Ele pensou: entre o início e o fim, o caminho é reto.

Conheceu os netos e viveu ainda uma dúzia de anos, entretido a ressuscitar velhos sonhos. Voltou para a faculdade, mas descobriu que preferia cochilar nas aulas. Viajou para a cidade natal e nela não reconheceu nada, a não ser o traçado das ruas. O violão, com suas seis cordas esticadas, levantou-lhe indagações filosóficas sobre a tensão das retas que o distraíram da música. Tentou se dedicar à pesca, mas a morte chegou antes que tomasse o gosto.

Quando, no hospital, esperava chegar o derradeiro momento, ouviu no corredor perguntarem quem era o paciente daquele quarto. A enfermeira respondeu: é o homem que sabe desenhar linhas retas.

Sorriu e faleceu.

Tangará da Serra, 11/11/03.

A Dança

A dança está na história da humanidade desde sempre.

Com o passar do tempo ela assumiu características místicas, religiosas, chegando a enfeitiçar os seus adeptos.

Mas o que é a dança hoje?

Para muitos é uma atividade física, recomendada até por médicos.

Para outros é uma atividade mental, limpa a mente, alivia o estresse que vivemos.

Mas para algumas pessoas ela é magia, é um mundo a parte, a pessoa fecha os olhos, sorri e flutua num mundo a parte, onde não existem pessoas, olhares, nem o tempo.

Quem chegou a este nível, parabéns, chegou num estágio que é para poucos.

Quem os observa, logo os reconhecem, pois o sorriso, os olhos fechados e o dançar leve e solto, transformam a pessoa em um ponto luminoso.

Literalmente as pessoas “babam”, é de encher os olhos, e pensam consigo mesmas: “eu queria dançar assim!”

Magno Quadros



Céu de Sakura

Quando há 4 anos, ganhei de meu marido duas mudas de Sakuras, achei que não chegaria a vê-las florescer, que era ousadia minha ter no meu jardim árvores tão famosas, Cerejeiras Japonesas, eu nem acreditei! O mundo anda numa urgência que eu não acompanho, tudo é tão polêmico e cansativo. Gosto mesmo é de escrever poesia sem compromisso, falar com meu filho pra sentir meu coração vibrar, pedir a bênção pro meu pai, afagar os cabelos brancos de minha mãe; gosto mesmo de alimentar os pássaros, de vê-los livres e voando, imaginar que ainda tenho tempo de sonhar e ver minhas cerejeiras florendo o jardim e encantando quem passa por ele, arrancando sorrisos guardados e acordando encantamentos, porque uma coisa é certa, em algum momento dessa minha existência, eu dormi no ponto e perdi a oportunidade de dizer eu te amo pra alguém, de pedir perdão, de estender a mão e caminhar junto, deixei passar aquele olhar que poderia ter me impulsionado a ser muito mais do que eu consegui ser. Nosso olhar para o mundo deveria ser mais atento, perder o desabrochar de uma flor, é perder o brilho do espetáculo e calar os aplausos.

no jardim de casa

as cerejeiras florescem –

céu de sakura

(Sandra Laurita)

*foto: acervo pessoal.

QUEM OLHARIA PARA AQUELE OUTRO MUNDO

Por Joao Claudio

A malha de pessoas esquecidas em qualquer modalidade e até desprezadas por quem tem a vida normal está cada dia mais crescente. São pedintes, pessoas encarceradas, mendigos, endividados, doentes sem recursos para cuidar da própria moléstia, pessoas simplesmente pobres ou empobrecidas pela condição que o destino lhes impôs.

Ajudas não devem ser apenas em socorro, embora sempre bem vindas e ainda não somente quando solicitadas. O senso comum poderia entender que a roda gira e mudanças de situação acontecem com qualquer um de nós. A necessidade das pessoas é uma coisa que em muitos casos salta aos olhos. Voluntariado é algo que deve ser natural e sem exigências de contrapartida, aliás, como querer tal contrapartida de alguém que está com fome, que está massacrado por dívidas, encarcerado sem possibilidades de recuperação própria, salvo em caso de ajuda?

A grande gama de movimentos ONGs e tudo que parece querer de alguma forma melhorar a vida dos outros não deve ser mais importante do que um único indivíduo em situação normal entender que quem está tão próximo dele, pode ser alguém com problemas variados, necessitando de auxílios simples como um diálogo, uma visita oportuna, uma interação natural e frequente. Não quer dizer que esteja a nosso alcance resolver problemas alheios, mas ainda que minimamente qualquer ajuda é bem vinda e nesses contatos acontecem as proximidades e nelas o conhecimento de tais problemas e em muitos casos o compartilhamento de ajudas, que na ciranda possamos levantar quem está caído. Cada um tem sua necessidade. No nosso itinerário não encontramos sempre pessoas sorridentes e seria gratificante poder estender qualquer ajuda ou apoio pelo caminho.



Ensaaios

Nota de leitura sobre o Último Desertor, de Sebastião Araújo Silva

“Desertor” significa “aquele que abandona suas convicções, sua religião, seu compromisso ou a causa de que era defensor”, podendo dar a impressão de abjuração, ou mesmo de traição, para com causas ou ideias outrora defendidas, o que para o autor desse livro significa a apostasia de velhas crenças em favor de ideias igualitárias e de respeito ao próximo.

Esse Último Desertor Poesia e Métrica de Sebastião Araújo Silva, codinome “Vampiro”, é um livro cheio de imagens míticas e históricas, que relembram homens do povo, mulheres-amantes, familiares, terras distantes, e fazem referências a mitos populares brasileiros, a santos, a figuras da mitologia greco-romana, a religiões diversas, cantando até personagens emblemáticos do presente e do passado recente como, por exemplo, Zumbi dos Palmares, Chico Mendes, Raul Seixas, Camões, Ayrton Senna, Maria Bonita, Padim Ciço, Lampião.

É um livro também de “combate”, no sentido de denúncia, contra a exploração do latifúndio, da ganância religiosa, das farsas políticas. Sebastião, assim, tenta alertar o seu leitor, mesmo em tom desprovido de qualquer rigidez, para as injustiças e as incertezas sociais, aludindo, principalmente, vivências na região de São Félix do Xingu, no Pará. Apesar de o poeta não ter nascido no Xingu, dessa terra se fez parte, por isso são predominantes temas e assuntos relacionados a essa região. Um dos poemas mais significados, e que passo a transcrever, é a “Deusa do Xingu”:

Deusa do Xingu

Rio sereno que lava o meu coração

e me traz inspiração

quando eu preciso cantar

as suas águas onde a lua se retrata

também curtem a serenata

que eu faço pra não chorar.

Eu me perco quando ouço

o cantar do irapuru

me reencontro quando vejo

as belezas do Xingu.

A minha alma faz abrigo em suas margens
onde ouvir lindas mensagens
de amor carinho e paz
as suas praias atraentes e serenas
onde eu vi lindas morenas
que não esqueço jamais.
A brisa mansa quando o sol vem despontando
a passarada cantando
leste, oeste, norte e sul
tudo é bonito
mas a beleza maior
é a índia caiapó
que é a deusa do Xingu.

A relação com a natureza é uma fonte de inspiração da poesia de Sebastião, natureza que é o puro retrato do feminino (mãe-mulher-amante). Essas formas-figuras inspiram o poeta a cantar aquele que é um dos ecossistemas mais importantes do Brasil, a região amazônica do Xingu, com seus rios, florestas e seus habitantes autóctones, que resistem há séculos a grandes invasões, seja a dos europeus, seja a de nós, brasileiros, que ainda continuamos a desmatá-la. Sebastião tenta então recorrer ao que há de mais grandioso no estado do Pará, seus recursos hídricos e naturais, para a composição de seus versos populares. Como Poeta autodidata, vê na poesia um caminho para melhor expressar seus anseios e medos.

Um outro traço da poesia de Sebastião é que dela se sobressai uma sonoridade que nos lembra a literatura de cordel, mas não só: esses versos estão muito atrelados às leituras de roda, às cantigas populares, aos cantares das lavadeiras, dos violeiros apaixonados, dos adolescentes quando começam a rabiscar os primeiros versos. Então, encontramos nessa poesia uma multiplicidade de estímulos que permitem abundantes releituras, que leva – nós, leitores(as) – a um emaranhado de sentidos, num jogo complexo e intrincado de palavras.

Lembre-mo-nos do que diz Rafael Núñez Ramos, na obra *La Poesía*: para se compor uma obra em versos é preciso se estabelecer um “jogo” através de características específicas da linguagem, não como uma imitação da realidade, mas como relação de um “eu” e o seu mundo, expressado, no poema, por meio de um jogo metafórico. Afirma-se que a poesia tende, muitas vezes, a dissolução dos laços convencionais com que se atam os vocábulos e a sua libertação no espaço textual dar-se-á através das relações de afinidade ou oposição

que os vínculos permitem.¹

Por isso, o/a leitor/a não estranhe em encontrar nesse caderno de versos de Sebastião poemas gráficos e criptográficos, poema sobre o “nada” (que ainda está por se fazer), páginas em branco convidando o/a leitor/a a dialogar com o poeta. Enfim, essa obra é um convite à imagética popular das cantigas, do imaginário tradicional brasileiro, lembrando estórias, paixões, canções, versos de um homem-poeta que vê a poesia como um ato libertador da construção de sua realidade, desejando um futuro melhor para o seu povo.

Professor Doutor Fabio Mario da Silva²

Universidade Federal Rural de Pernambuco

1 Rafael Núñez Ramos, *La Poesía*, Madrid, Editorial Sintesis, 1998, p. 150.

2 Essa nota de leitura foi uma das ações do projeto de extensão “Poetas e Poetisas do Xingu”, cadastrado na UNIFESSPA/IEEX, em 19 de março de 2017.

Klinger Sobreira de Almeida Cel. PM Vet.; Curso de Formação de Oficiais – APM; Membro do Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN – 05/93 a 09/97; Membro do CETRAN/Bahia – 10/99 a 03/2010; Bacharel em Direito – FDVRD/ FADOM/MG. Artigos Publicados: Revistas: RODONAL, ABRATI (Associação Brasileira Transportes Rodoviários); SUINDARA/ Academia Valadarensense de Letras, Estudo e Informações/TJMMG. Imprensa Gazeta Mercantil/ SP; Estado de Minas/BH; O Tempo/BH; A Tarde/BA; A Tribuna/ES; Membro Fundador da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Próceres Magistral em Ciências Militares – Defesa Social e Excelência em Pesquisa; Detentor do Troféu Kenedy/ Imprensa BH.

DELINQUENTES HIPÓCRITAS

Segundo a compreensão Espírita, a Terra, no seio da infinidade de mundos habitados, é um planeta de “*provas e expiações*”. A maioria absoluta que, ao longo da viagem cósmica da Alma, aqui aporta, está usufruindo da oportunidade de ascensão. Grande parte se realiza, mas, um número considerável persiste em rastejar nos baixos valores morais: estaciona ou involui, usando o livre-arbítrio para o exercício do mal.

A atividade criminosa, em todas suas nuances – homicídio, roubo, extorsão, estelionato, estupro etc. – constitui a maneira mais cruel que o indivíduo de baixo nível consciencial se utiliza em sua fugaz travessia terrena: acarreta desgraças e destruições.

De um lado, proliferam os delinquentes escancarados. Estes, às vezes inconsequentes, porém mais fáceis de serem antecipados e/ou reprimidos. Se violentos, expõem-se ao confronto com a Polícia, quando podem tombar sem vida.

Em outro ângulo, deparamo-nos com os delinquentes enrustidos, ou seja, os que vivem na comunidade como cidadãos de bem. Ostentam honestidade irrepreensível em atividades aparentemente lícitas. Contudo, escondem, sob a capa da hipocrisia, o lastro do mau-caráter. Estes – terríveis! – são os mais perigosos.

Victor Hugo, em uma de suas obras – Os Trabalhadores do Mar – exhibe o retrato do delinquente hipócrita, após um delito sórdido e longamente planejado: “... *Era o mal, e consorciou-se com a probidade (...) Era monstro internamente; vivia em pele de um homem de bem (...) Clubin era o fantasma da retidão, sendo o espectro do crime...*”.

Os delinquentes hipócritas apresentam-se como homens probos, tornando-se, alguns, líderes comunitários, ou portentosos políticos adorados pela massa. Disfarçam-se em empresários, produtores rurais, executivos, dirigentes de estatais, ou vestem outras roupagens pomposas (a **Petrobrás**, quase destruída, é um exemplo da ação desse tipo!).

Há anos, um industrial da área de medicamentos foi desmascarado. A garimpagem policial elucidou uma situação que vinha matando centenas de inocentes cancerosos. Pessoas carentes recebiam os remédios do Governo da União, cujo fornecedor único era a indústria falsificadora. Esse tipo de delinquência assassina medrava no Brasil.

No noticiário da imprensa, 18/Nov/21, recordei-me dessa delinquência tenebrosa: **investigação policial desmontou fábrica que adulterava cachaça em Contagem**: (1) apreendido mais de 60 mil litros de álcool veicular que renderiam o dobro de bebida adulterada;

(2) as cachaças, conhecidas como ‘barrigudinhas’, já estavam embaladas; (3) continham álcool etílico, desdobrado em água e serragem; (4) o etanol, com possibilidade de se transformar em metanol, pode causar cegueira e até provocar morte do usuário...

Se não fora a inteligência policial, teríamos, em breve, a destruição orgânica de centenas de pessoas, mormente da classe pobre, em que se situam os maiores consumidores de aguardente. Os delinquentes foram detectados antes da consumação.

Essa delinquência terrível, e avassaladora em suas consequências, perpetrada por uma elite de hipócritas, insuflada pelo clima de impunidade, avançou em tudo: falsifica e adultera alimentos, medicamentos, máquinas.... Não há limites éticos!

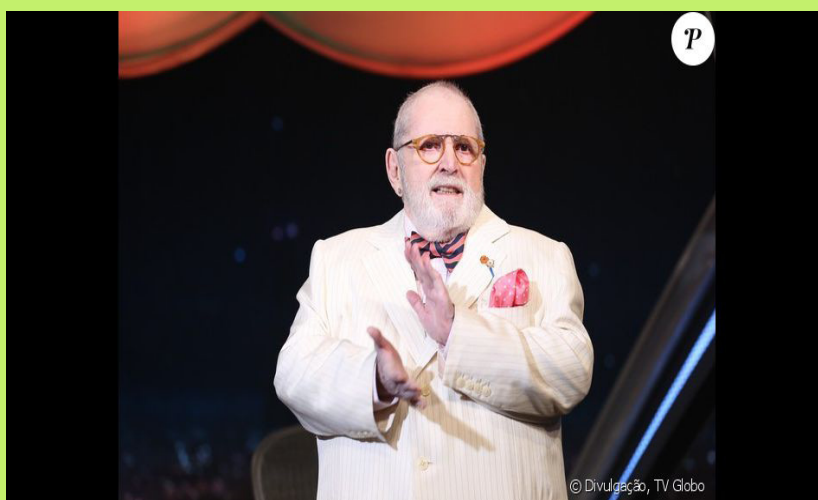
Como preveni-la e/ou reprimi-la? Como erradicá-la?

Deixar somente nas mãos da Polícia! Não. O problema é da sociedade como um todo, envolve a conscientização, concretizada em ações, de todas as áreas de Defesa Social: Congresso Nacional, Assembleias e Câmaras, Poder Executivo e Judiciário, Empresariado, Sindicatos etc... Impõe-se ação saneadora, e já!



Poemas

Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PMQOR; Bacharel em Direito; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira nº 04 da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Membro Correspondente da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni – MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri; Detentor do título de Honra ao Mérito, concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte – MG, pelo relevante Alcance Social e Cultural dos belo-horizontinos!



Viva o Gordo

Jogar as tristezas para bem longe: era esta sua alegre sina,

Orgulhava-se por ser Gordo e fazia seu corpo arrancar os sorrisos.

Sempre alegre, dileto e prestativo amigo. Tinha o Jô uma alma divina.

Épicos personagens por ele criados, faziam todos mostrarem o siso!

Ele – para o infinito e sem despedidas – tristemente nos deixara!

Ulos e lágrimas incontidas, pelas nossas faces cascateiam. Mas, Viva o

Gordo que o Brasil abraçou, e que, saudoso, por ele chora!

Êxodo das alegrias se espargem pelos ares em lamentoso dó!

Não mais veremos o Capitão Gay, o Reizinho e o Zé da Galera

Implorando: -Telê, ponha um ponta na Seleção – só um – unzinho só!

Oh, meu Santo Deus: – Como conviver com esta dor que dilacera?

Satiricom; Família Trapo; Faça Humor, Não Faça a Guerra, (...)

O seu incrível repertório para criar personagens e programas:

A Praça da Alegria; Planeta dos Macacos – que alegravam a galera!

Relembro: – O Beijo do Gordo todos esperavam antes de irem para as camas!

Estamos órfãos! A dor da saudade calou-nos a voz. A alegria? Esta, já era!

Solitários estamos nós. Nos peitos somente tristes corações em chamas!

Em nossos corações a tristeza fez morada e, tão cedo, não vai querer se mudar. A ausência deste grande astro do humor – e que tantas e indeléveis alegrias nos proporcionou – da nossa mente nunca sairá!

Faça os Céus sorrirem, amado Jô Soares. Jô(leve) Só(ares) de alegrias para que o Nosso Pai Celestial possa sorrir. De há muito Ele está triste com os filhos que fora por Ele criados. Por favor, Jô: Faça-O sorrir!

Ao eterno e inesquecível Jô Soares, uma modesta homenagem do autor!

AH! ESSE SORRISO...

Angela Ferreira

Quanto benquerer vejo em ti
Toda fragilidade aparente
Em nada constrange

Tamanha essência
Que por consequência
Transmite segurança
Espanta os medos
Que me habitam

Blinda a convivência com harmonia
Sabedoria que só os deuses
Poderiam proporcionar

Teu sorriso, luz divina
Inebriante imagem
Quero perpetuar
Na memória, no coração
Não canso de me ver em teus olhos

E conjugar
Nas páginas de nossas vidas
O verbo amar

INSTINTIVO

Angela Ferreira

teu fitar, pura lascívia
das vestes, despida
atrevida querença

NO NICHU, O PÓ

Angela Ferreira

decreto de uma época
rugas marcam horas
caixinha de lembranças

Escritora e poeta, autora do livro *Aflorar Poetrix* (Scortecci/2022) participou de diversas antologias e coletâneas, membro de cinco academias e da confraria literária *Ciranda Poetrix*, publicações em revistas, blogs, redes sociais, participou de contação de histórias infantis na Rádio Heliópolis e Zumm 87,5 FM pela APEOESP. Instagram: @angela.ferreira3

*O poema **AH! ESSE SORRISO** faz parte da **Antologia Luz dos Olhos Teus – EHS Edições / 2021**



O VENTO QUE VEM DO LESTE

Vem o vento num arrulho
Trazendo manso frescor...
Aliciando as rosas e antúrios
Com doces uivos e olor!

Bem sei, esse ar envolvente,
Tão etéreo que enternece,
Vindo assim tão mansamente...
Esse vento vem do leste!

Nos lagos dançam os cisnes
Flertando as flores silvestres;
Em meus olhos brotam risos
Sentindo o vento do leste!

Envolvendo espaços vácuos
Em rito com a natureza em festa,
Ameniza o pranto inócuo
O vento que vem do leste!

Não temo procelas que passam
Ameaçando a flor bela,
Pois logo bons ventos retornam
Trazendo do leste o sol belo!

Passam as estações como um sonho...
Num sopro tristonho enturvecem!
Meu lenitivo e consolo
É o vento que vem do leste!

O sol cintila sempre em riste
Vindo também lá do leste...,
E meus olhos ficam tristes
Ao vê-lo morrer no oeste!

Antenor Rosalino

SOUVENIRS

Porqu'em verdade, meus sonhos não cabem dentro de mim...
Se auto-expulsam,
ganham corpo, vida
planejam destinos
soltam-se em desalinhos (finos)
como uma primavera florida em preto e branco (eis que o antigo é charme)
e entre risos (mimos), partes iguais,
guardam s'em memórias
- costumeiras vitórias -
como singelos souvenirs...

<https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-vida/7552818>

Antonio Jadel de Brito Mendes

OAB/SP 120.278 - CRA/SP 76.180

ajadel@uol.com.br / ajadel@aasp.org.br

cel.(11) 99520.1391 / AJ - ADVOCACIA - www.ajadel.com.br

METAMORFOSE...

*Sinto-me num casulo
passando pela metamorfose.
Aqui dentro não há luz,
mas a dinâmica da vida acontece
e aguardo o momento pra poder voar...
Quando ao invés de casulo
me sentir uma borboleta,
voarei pelas vagas do meu ser,
sobrevoando os infortúnios que passei...
Pousarei sobre as flores da poesia,
que permaneceram enclausuradas,
congeladas dentro em mim...*

BRYZZA

06.08.2022

LITERATURA DE CORDEL

Carlos Silva

CANDIDO PORTINARI



([Brodowski](#), São Paulo - [29 de dezembro de 1903](#) — [Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1962](#))

O artista **Candido Portinari**

Nascido no interior do Estado

Um paulista que o mundo

Conhece bem seu legado

Um Filho de migrantes Italianos

Conforme está registrado

Em 29 de Dezembro

Numa fazenda ele nasceu

Bem pertinho de Brodowski

No solo que lhe acolheu

Em 1903

Este fato aconteceu

**Giovan Battista Portinari e
Dona Domênica Torquato**

Eram os pais do garoto
Assim começa o relato
Citando os seus genitores
A história relata o fato

O casal teve 12 filhos
Candido fora o segundo
Cresceu em inteligência
Com seu talento profundo
Mais tarde esse artista
Era conhecido no mundo

Na fazenda de café
Naquela vida agrária
De fato, sua educação
Fora de forma precária
Mas a vida revela fatos
Bem mais que imaginária

Aos 14 anos de idade
Um grupo de pintores
Artistas Italianos
Que eram restauradores
Foram estes acredito
Seus primeiros professores

Pois passavam por **Brodowski**
Esculpindo ou restaurando
O Jovem **Portinari**
Pela arte se interessando
Recrutaram como ajudante
Ele de pronto aceitando

Iniciando nas artes
Pois talento possuía
Foi o que os mestres viram
Que ele desenvolvia
Tremenda boa vontade
Isso muito ali se via

Aos 15 anos de idade
Este talento brasileiro
Resolve deixar sua terra
E vai pro Rio de Janeiro
Aprimorar os seus dons
Com seu jeito verdadeiro

Escola Nacional de Belas Artes

Foi ali onde ingressou
Na **E.N.B.A** ele
Seu talento demonstrou
E a atenção de todos
De certo logo chamou

UM BAILE NO CAMPO foi este

Primeiro Quadro vendido
Esse abriu as porteiras
Praquele menino sabido
Assim a vida traçava
Os passos de um mestre surgido

Em 1922
Primeiro prêmio recebeu
Uma medalha de bronze
Isso então aconteceu
O Nome de **Portinari**
Por ali então cresceu

1923 ele ganha
Três prêmios de valor
Era a ele concedido
Com o Retrato do Escultor
Paulo Mazzuchelli
Escola de Belas Artes sim senhor

Mas a medalha de ouro
Que ele tanto almejava
E com determinação
Ele então se dedicava
Vários prêmios então vieram
Só não o que ele sonhava

Mas em 1928
A coisa então reverteu
E a tão sonhada medalha
Ele então recebeu
Ganhou também a viagem

Pelo talento tão seu

O modernismo então
Passa a ser admirado
Pois **Portinari** lutou
Por este ermo um bocado
Que todos da época via
Movimento marginalizado

A imprensa descobria
Nele um grande talento
Artigos em vários jornais
Escrevia a todo momento
E com toda badalação
Pra seu engrandecimento

No Salão de belas artes
Muitos prêmios ele ganhou
E em 1929
Para a Europa viajou
E algum tempo em Paris
O nosso artista morou.

Os dois anos que lá viveu
Ele então se consagrou
Outros artistas famosos
Na Europa ele encontrou
E por **Maria Martinelli**
Ele então se encantou

Dai estava firmado
O compromisso do amor
Os dois se enamoraram
Eu afirmo pro senhor
A arte estava completa
Na vida do grande pintor

Distante da sua terra
Eu lindo berço seu lar
Mas sempre batia no peito
A saudade do lugar
E sempre fazia planos
Dizendo eu vou voltar

Em 1931
Volta ao Brasil renovado
Muda o modo de arte
E melhorando um bocado

A estética da sua obra
Fora então modificado

O Salão Nacional de Belas artes
Criado em 1931

Lucio Costa seu diretor

Eu firmo pra vocês

Ele era um arquiteto

E inovações se fez

Portinari, Anita Malfatti

Celso Antônio, Manoel Bandeira

Faziam parte da comissão

Da mudança verdadeira

Ligados ao movimento moderno

Da nossa arte brasileira

Murais e afrescos ganham

Muita notoriedade

A expressão do artista

Trás nova realidade

Construindo com carinho

Dedicação e bondade

Expõe três telas de vez

Um fato fenomenal

Foi assim no pavilhão

Brasil da feira mundial

Na cidade de Nova Iorque

Em 1939 afinal

Os quadros chamaram a atenção

Do então diretor geral

O Senhor **Alfred Barr**

Do museu de arte local

Conhecido como **MoMA** (*)

Grande passo ao genial

(*) **Museu de Arte Moderna de Nova Iorque**

A Década de 40 sem duvida

Pra **Portinari** foi de valia

A tela “Morro do Rio”

Alfred Barr lhe compraria

Para expor lá no **MoMA**

Era muita honraria

Os grandes artistas que eram
Mundialmente consagrados
Expunham ali suas obras
Seus belos quadros mostrados
E o Nosso **Portinari**
Era um desses comentados

Uma exposição individual
O Sr. **Barr** preparou
Para o artista Brasileiro
E ele então topou
Aqueles tempos pra ele
A vida lhe consagrou

Portinari faz quatro murais
Pra Biblioteca do congresso
Em **Washington** capital
Respeitando o seu sucesso
Nova Iorque abraçava
Nosso artista de progresso

A obra de **Pablo Picasso**
Mudaria novamente
O estilo de **Portinari**
Ele achou tão envolvente
Cuja obra **GUERNICA**
Impetrou em sua mente
Isso aconteceu no **MoMA**
Quando ele foi visitar
Deparou-se com a obra
Passando admirar
Achando-a interessante
E ele ficou a pensar

Em 1951
Uma anistia Geral
Faz com que ele retorne
Ao seu país afinal
No mesmo ano acontece
Então a grande bienal

Com obras dele expostas
Era uma consagração
No seu solo brasileiro
Recebia ele então
O abraço do seu povo
Sua gente e seu chão

Numa sala particular
Suas obras destacadas
Grande reconhecimento
Em suas longas caminhadas
Expondo pela Europa
As suas telas pintadas

Mas na década de 50
Esta seria marcada
Por problemas de saúde
De forma anunciada
Começava aparecer
Face a sua empreitada

Em 1954
Teve grave intoxicação
Pelo chumbo ali presente
Nas tintas face a exposição
No manuseio das mesmas
Que alterava a situação

Estados Unidos e Israel

Não parava de trabalhar
Era muito dedicado
No ofício de pintar
A vida de Portinari
Teve rico dom de criar

Foi em 1962
A convite da prefeitura
Municipal de **MILANO**
Que aquela nobre criatura
Pra uma grande exposição
Aceitou com sua candura.

200 telas e ele
Trabalhou intensamente
Pra aprontar a exposição
E assim freneticamente
Dedicando ao seu ofício
No que fazia tão contente

Face a intoxicação
Que o deixava debilitado
Com consequências fatais
Fora ele envenenado
E no dia 06 de fevereiro
Seu momento é chegado

Cemitério São João Batista
No **Rio de Janeiro** enterraram
O poeta dos pinéis
Ali então sepultaram
Galerias do mundo inteiro
Os seus quadros desfilaram

Homenagens são muitas
Que a ele dedicaram
No mundo inteiro seu nome
De certo ali falaram

Vivo o artista Brasileiro
Lembranças boas ficaram

João Candido Portinari
É ele e ninguém mais
O filho do nosso artista
De obras tão geniais
Que cuida do seu legado
E dos direitos autorais

Vamos citar algumas obras
Passe então acompanhar
A DESCOBERTA DA TERRA
Outras irei citar
GUERRA E PAZ (1953/56)
E vamos continuar

Por ser ele comunista
Houve complicação
Pois os Estados Unidos
Não lhe permitiram não
Que o nosso bom artista
Fosse á inauguração

Ciccillo Matarazzo
Então tentou trazer
Os painéis para São Paulo
Mas não pode acontecer

Tinha que ir para a América
Pra que o povo pudesse ver

**Os painéis foram expostos
No Theatro Municipal
Lá no Rio de Janeiro
Em 1956, afinal
por iniciativa do Presidente JK
Esse também foi um fato legal.**

Passados 53 anos
Novembro de 2010 porém
Voltaram para o Brasil
Assim então nos convém
Pois a arte é Brasileira
Pra nós muito valor tem

No teatro Municipal
Lá no Rio de Janeiro
Os painéis foram exibidos
Pro nosso povo inteiro
Pra conhecer bem de perto
A arte do pintor Brasileiro

E em 2012
Assim a história me ensina
Os painéis foram expostos
Museu da América Latina
Na Cidade de São Paulo
Onde a arte predomina

MENINOS E PIÕES E FAVELA

Parte do acervo permanente
Da Fundação **Maria Luísa**
E Oscar Americano certamente
São algumas de suas obras
Que ficarão eternamente

O maior acervo sacro
Pinturas e afrescos estão
Exposto na Igreja Bom Jesus
Da Cana verde com devoção
Na cidade de **Batatais**
Cuidado com toda atenção

Ao todo 23 obras
Incluindo dois retratos

Ali estão bem cuidados
Assim colhi os relatos
A riqueza cultural
Revelam em telas os fatos

De **Brodowski** a **Batatais**
16 quilômetros separam
Da cidade natal de **Portinari**
E por ali conservaram
As obras do grande mestre
Vários países comentaram

OS MILAGRES DE NOSSA SENHORA

E a **VIA SACRA** composta
De 14 quadros cuidados
De forma bela exposta
Guardada com todo carinho
E o povo admira e gosta

A SAGRADA FAMÍLIA, O BATISMO

FUGA PARA O EGITO também

MARTÍRIO DE SÃO SEBASTIÃO

Vasta obra eu sei que tem
Deixada por **CANDIDO PORTINARI**
Pois a arte lhe fez bem

Outras pinturas do mestre

*Temos o **MEIO AMBIENTE***

COLHEDORES DE CAFÉ

MESTIÇO e tenho na mente

O LAVRADOR DE CAFÉ

Repete a rima novamente

O SAPATEIRO DE BRODOWSKI

LAVADEIRAS, MENINO COM O PIÃO

GRUPO DE MENINAS BRINCANDO

MENINO COM CARREIRO e então

Tem também **CENA RURAL**

Que encanta o coração

A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

TIRADENTES e a **CEIA**

A arte fala e muito diz

As obras de Portinari

É o Brasil de outros Brasis

OS RETIRANTES, FUTEBOL

O SOFRIMENTO DE LAIO

CRIANÇA MORTA, PIPA

*Do enredo eu não saio
Falando de suas obras
Certeiras que nem um raio*

VILA SANTA IZABEL

MARIANA XAVIER

O acervo é muito rico
Pesquise quando puder
Citei aqui algumas delas
Conheça mais se quiser.

Uma das obras mais importantes
Assim conta a história
É O LAVRADOR DE CAFÉ
Que rebusquei na memória
Na pesquisa que eu fiz
De forma aqui tão simplória

Ele conseguiu retratar
Questões sociais do momento
Sem precisar desagradar
Ou causar um descontento
Pois só colhe tempestade
Aquele que semeia vento

Da arte moderna europeia
Ele então se aproximou
em perder a admiração
Do público que lhe consagrou

Aproxima-se do cubismo
O surrealismo o impressionou

A Universidade de Chicago
Em 1941 publicou
Primeiro livro sobre o pintor
Ao grande mestre valorizou
HIS LIFE AND ART
Rockwell Kent assinou.
Foram muitas homenagens
Que ele então recebeu
Legião de honra na França (1946)
O Governo então lhe deu
E a medalha de ouro
Nova Iorque concedeu (1955)

Como o melhor pintor do ano
Varsóvia o condecorava
Com uma medalha de ouro
A Academia o respeitava
Foi em 1950
Que esta homenagem ele ganhava
O Prêmio Guggenheim de pintura
Por **GUERRA E PAZ** ele ganhou
Esse painel é famoso
O Mundo o consagrou
1956 em Nova Iorque
Esse ato se passou

Candido Portinari o Mestre

Aqui sei contribuiu
Retratando suas histórias
Lutou de forma varonil
O mundo inteiro conheceu

Sua obra e seu Brasil

Surrealismo cubismo
Isso ele aprovou
Livre em sua mensagem
Valorizando a imagem
Assim ele se consagrou

Esta é a minha homenagem

A este famoso artista

Da cidade de Brodowski

Do interior Paulista

Obrigado Portinari

Tua arte é sempre vista

(Brodowski, São Paulo - 29 de dezembro de 1903 — Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1962)

Obra: literatura de cordel

Modalidade: Em sextilha

Autor e pesquisador: Carlos Silva

Obras publicadas em cordéis, pelo autor

1. O Brasil em visto com outros olhos
2. Me sinto feito menino nessa terra abençoada
3. Combate a exploração do Trabalho infantil
4. Euclides o libertador
5. Encontros no além
6. Mestres da Literatura (Primeira edição)
7. O Nordeste Brasileiro
8. Combatendo a dengue

9. A cidade de Inhambupe (Primeira edição)
 10. Os cem Zés de Itamira
 11. Itaporá ou Apomira
 12. Patente de Capitão
 13. Três vates e uma peleja
 14. Manihot – Casa de Mani (Primeira edição)
 15. Mestres da Literatura (Segunda edição)
 16. APLB – Sindicato Núcleo Aporá
 17. Migrantes da Coragem (1)
 18. A pedra de Bendengó
 19. A cidade de Inhambupe (Segunda edição)
 20. A presença nordestina em São Paulo vol. 1(Sextilha)
 21. A presença nordestina em São Paulo vol.2(Septilha)
 22. Teodoro Mendes Vasconcelos
 23. O Centenário de Luiz Gonzaga
 24. Migrantes da coragem (Pela Editora Luzeiro)
 25. Caldas de Cipó (Um oásis no sertão)
 26. Áureo de Oliveira Filho
 27. Alice de Oliveira Costa
 28. Dominginhos (O discípulo do rei do baião)
 29. Casa de Mani (segunda edição)
 30. Nininho de Uauá
 31. Coronel Ludugero
 32. Mazaropi
 33. Eles perto de mim eu dou castigo e encomendo suas almas lá pro cão
 34. Novembro azul
 35. Planeta água
 36. Zoofilia
 37. Sou Mulher, quero respeito
 38. O cangaço de Pedro Léo
- Divagações poéticas de três anjos tortos
39. Sou Mulher, quero respeito(2ª.edição)
 40. Jucier Barros Correia
 41. Dia do folclore
 42. Maria Quitéria
 43. Quem Lê viaja
 44. Cordelistas desembarcam na estação do cordel
 45. Peleja de Carlos Silva com Janete Lainha
 46. Rebuscando a história do Capitão Virgulino
 47. João Libório e Lampião
 48. Algumas Mulheres da nossa história
 49. Coisas do interior
 50. Liberdade tem seu preço (Tiradentes)

51. O Talento Brasileiro
52. Apagou-se o Lampião
53. Já é o fim do mundo?
54. Santidades Masculinas
55. Santidades femininas
56. Mais cuidado com o idoso
57. O dia que um Deputado quis dar lição num prefeito
58. História de Margarida
59. Tributo a João Ubaldo Ribeiro
60. O mundo pede socorro
61. Língua portuguesa
62. Centenário de Paulo Freire
63. O Centenário de Dias Gomes
64. 84 anos da morte de Lampião
65. a História de Aracaju Serigy

Carlos Silva

Poeta, cantor, compositor escritor de livretos de cordéis é Mestre de Cultura Popular, historiador e biógrafo.

Paulistano, mudou-se ainda pequeno para a cidade de Nova Soure e posteriormente para Itamira município de aporá.

Trás a vivencia do verso, colhido no modo de viver e de falar do seu povo, assim também, é a forma de identificar o estilo musical do artista, que utiliza também a linguagem urbana, publicando suas poesias em vários sites pelo Brasil.

Participou de uma coletânea de Livro e cd da coperifa, produzido pelo Itaú cultural (SP). E de mais duas coletâneas aqui na cidade de Salvador-BA.

Viaja o Brasil, divulgando a cultura popular, participando de feiras e exposições (Como Feira do livro em Feira de Santana e Fenagro em Salvador, além da Bienal do livro em Salvador na Décima edição – 2011), e na Bienal de Recife em 2016.

Hoje é membro titular do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, tendo sido eleito na V conferência de cultura em Camaçari na cidade das artes.

Contatos:
(75) 99838-0637

E-mail cscantador@gmail.com

Twitter: @poetacantador

@carlos_silva_poeta_

Carlos Silva, Poeta cantador compositor e escritor de livretos de cordéis, foi membro titular do Conselho Estadual de Cultura da Bahia.

Mestre de Cultura Popular, habilitado através do edital Leandro Gomes de Barros, edição 2017, pelo MinC.

Residente e domiciliado, na cidade de Cipó – Bahia. Na quarta travessa da Rua 5 de agosto, número 15 – Centro. Cep. 48450-000. (75) 99838 0637.



Uma Criança

É ainda uma criança,
E sonha ser alguém...
Vive nessa esperança,
Sonho que se mantém...

Todo ele é ternura,
Tem nos lábios um sorriso.

A traquina criatura,
Brinca ali no paraíso...

O seu pequeno coração,
Irradia muito amor...
A sua muita afeição,

Faz esquecer muita dor!
Aprendamos esta lição...
Sem qualquer pudor!

Casmil, Poema criado 21.04.2009



Cellyme

CHEIRO DE FLOR

Nas flores que ela recebia, trazia um sentido especial para a sua vida. Além do olor que oferecia para perfumar o seu dia, vinha a dose de carinho e ternura, num bilhetinho escrito à mão, simbolizando a mais singela forma de amar. Um amor leve, livre, sem cobranças e nem amarras; o amor fraterno. Um encontro de almas, com toques sutis de leveza inenarrável, que a fazia flutuar no espaço infinito, envolta nesse fluídico cheiro. Cada vez mais se acentuava o bem querer, o doce viver.

Nesse entrelaçar de carinho, nesse encantar florido e perfumado, ela mergulhava naquele mundo tão aprazível.

Encantava-se imensamente com a beleza de cada uma das flores. Vez por outra, espetava uma dessas na lateral de seus cabelos, adornando-os. Após soltá-los, adorava deixar seus cachos caírem sobre os ombros, esvoaçando e exalando o perfume suave de seu shampoo preferido, misturando-se com o aroma da flor, dando-lhe uma sensação refrescante, um quê de inebriante.

Assim, sentia-se vivendo uma constante primavera a espera de seu beija-flor.

@@@

Razão dos meus versos

Abro a janela

Vejo o bosque

E você lá está

A caminhar

Sem sequer

Imaginar

Que é a razão

Deste meu versejar

Chico Legal

@@@

A TRAVESSIA

Construo

Sobre nuvens e sonhos

Meus castelos

De cores diversas.

Meus versos em pedaços

Cacos de desejos

Ferem meus pés na insônia

De noites desfloridas.

Novos caminhos

Não são novas possibilidades

Apenas delírios diferentes.

Eu tento a travessia

Por portais estranhos

E por estrondos mentais.

No fim

Apenas trovão

Sem relâmpago

Sem registro, sem manchar a história

Sem deixar pegadas.

E você se vai

Quando o sol surge

Deixando minha cabeça

Vazia.

Cláudio Antonio Mendes



PROTEJA O MEIO AMBIENTE ELE É A NOSSA CASA

Imagem - Revista Danda / Marcel Silva

O Mundo Ficou Careca

Mas como pode se fazer alguma coisa se o mundo ficou careca. Como se não bastasse no dia 29 de julho a terra girou mais do que o normal, e para completar o Vale da Morte na Califórnia que é o mais quente do mundo, teve uma incidência de chuvas em torno de 75% do que poderia se esperar se tratando do Vale da Morte.

O mundo está ficando careca. A Amazônia, localizada no Brasil, está sendo destruída e vendida a troco de banana. Portugal por exemplo nessa época do ano ocorrem os incêndios florestais nas Aldeias e adjacências. São inúmeros, por causa da elevação da temperatura ou incêndios criminosos por motivos escusos.

O mundo está ficando careca quando os direitos humanos deixam de ser respeitados e o órgão (in) competente não viabiliza com atitudes propícias para o momento. Estamos assistindo o confronto da Rússia e a Ucrânia e o desmantelo que já está a promover no mundo.

Até quando o mundo continuará enfermo? É uma agenda por cima da outra com a reunião de cúpula e nada se resolve. A camada de ozônio já nos condena. Mas a ambição está aí a nos deixar com um mundo careca.

Para quem não sabe, já existem moradas garantidas em outro planeta pelos donos do mundo, para quando tudo explodir eles estarem garantidos. Enquanto nós relés, pobres mortais nesse mesmo mundo, não temos direito ao mínimo como saúde e educação.

O mundo ficou CARECA.

Ecila Yleus

MULHER SÉRIA

No passado...

mulher séria não sorria.

Mulher séria não mostrava os dentes.

Mulher séria cobria as canelas.

Mulher séria não poetava.

Mulher séria buscava a tristeza

para lamentar com a natureza

o estado de dor.

Mulher séria ...

sem acenos ao amor,

vestia rosa

para reafirmar o seu valor.

No presente...

cinquenta tons de rosa

desvelam as novas nuances do amor!

Elza Francisco

Lavrinhas SP

NÃO JULGUEIS

Julgam-me...

Até meus risos!...

Ninguém sabe do meu cisco

Nem das suas consequências.

Preferem me rotular

Sem conhecer conteúdo.

Fico muda.

Me explicar, pra quê?

Só vêm o que querem ver...

Então, nem contesto

Meu tempo não vou perder ...

Só eu sei as minhas dores

As minhas decepções

Dos cacos no meu chão!...

(ErivasLucena)

UMA ROSA ANGELICAL

Das roseiras que existem na natureza,
Você está entre as rosas mais lindas;
Seu espírito(nobre)de superação
Nos reveses da vida, idas e vindas,
É motivo, sempre, de grande orgulho,
E as suas qualidades nunca são findas.
Sob a lua, o sol e sob as estrelas,
Cada luz, de cada, te ilumina,
Mas você tem o seu brilho próprio!
E simpatia que nunca termina,
Coração maior que o próprio peito;
Onde pisa, no rastro, uma flor germina.
Nada há que seja intransponível
Pra você, que é grande Guerreira,
Altivez nas suas lutas, na labuta,
Sem deixar de ser mulher faceira
De sorriso aurífero e eletrizante,
E de alma mais pura e verdadeira.
Emana alegria por aonde passas,
Eflui enlevo e és admiração,
Em fração, tristeza de ti esvai-se;
Humildade ancora em seu coração,
És farol a brilhar no horizonte,
Ser angelical, é a sua condição.

GSFreire

PRESTANDO CONTAS

Sou diante de Ti com todo aprendizado,
Obtido vivenciando em todos os reinos,
Ao longo de milênios, sendo acumulado,
Com perdas e ganho, servindo de treino...

Metade do caminho a tempo transposto,
Abre as perspectivas pra minha jornada,
Venho prestar conta, e o faço com gosto,
Pra levar comigo, uma nova Empreitada...

Viver transtornos alertado por profetas,
Mas com tecnologia e as contrapartidas,
Para alma pródiga, que mesmo, inquieta,

Agarrará a chance pra ser desenvolvida,
Praticando o bem, fazendo a coisa certa,
Enfrentando os males de frente erguida...

Jacó Filho

Somente um é o Verdadeiro

Já é tempo de reconhecer qual é o caminho certo
Porque há muitos caminhos que estão abertos
Para melhor o homem complicar
Mais existe Somente um que é o Verdadeiro
Enquanto os outros só fazem este mundo inteiro
A não ter amor e não caminhar

vêm!

Vamos seguir o Caminho Verdadeiro
De braços dados como caminheiros
Vamos caminhar

Vêm!

Vamos seguir a Verdadeira Estrada
Unir as forças sob a cruz pesada
Vamos carregar

Irmãos o nosso caminho é muito difícil
Mais vale apenas caminhar firmados em Cristo
Quem não faz isso jamais é cristão
Todo homem que é batizado já tem um chamado
É hora de reconhecer se você está parado
Como cristão, cumpra sua missão

Cuidado, a porta larga é caminho fácil
Juventude cristã não caiam neste laço
Pois são muralhas que não tem saída
Dentro do grande abismo na escuridão
Não queiram nunca malograr seu grande valor
Pois o Único e Verdadeiro Caminho
É Jesus Cristo Nosso Rei e Salvador

Autor: Joaquim dos Santos Marques
Urucará / Amazonas

Respiração acelerada

Respiração acelerada inquieta a noite
Nos galhos e folhagens sussurros do vento
Aquieta minha alma e desfaz sofrimento
É o vento a brilhar, soprando contentamento.
O vento sopra e espalha leveza
Esvoaçante, abraça e acaricia
Palmeira que dança ao som da melodia
E o poeta, da janela, compõe a poesia.
Vento que inspira
Faz tremer e arrepiar
Agarrado ao nada
Vejo o barco navegar.

Joyce Lima

CADA CORAÇÃO: UM ENIGMA

Por Juliana Silva Valis

O sonho declama versos na dimensão da alma,

Assim, dispersos, como são os dias,

E quantos universos do coração, sem calma,

Habitarão as mentes entre as noites frias ?

Sim, a emoção declama suas próprias leis,

Além da dor, além do céu, do mundo,

Entre tantas pessoas, sejam pobres, ricos, reis,

Quais serão autênticos no amor profundo ?

Assim, talvez a paz seja indelével prêmio,

Um luar que traz os sentimentos todos,

Nos ventos só, em cada só milênio?

Pois cada coração traz seu próprio enigma

Na estrada da vida, além de véus e lodos,

Entre os céus imensos que cada amor consigna.

{Caminhos?}

*Quais caminhos escolher?
com retas e curvas, planos ou escapados
com subidas e descidas, de fácil ou difícil acesso*

*Caminhos abstratos ou concretos
Margeados por rios ou perpassando desertos
Por céus ou por serenos mares, com flores ou espinhos...*

Sempre escolheremos os nossos caminhos...

Sempre!

Juli Lima

[SOU humana!] (Dueto)

A felicidade...

Está perto (a uns dois palmos de distância)?

Está longe (a umas mil milhas d'aqui)?

Ser feliz...

Demora muito (uma vida a que seria)?

Demora ou quase nada (uns dois segundos ou minutos, talvez)?

Ter sonhos...

Por que se estar dormindo (o tempo todo)?

Ou, por se estar desperto e consciente do que se deseja?

Ao se escolher

Onde se quer chegar

A viagem às vezes é boa

Outras vezes, pode até ser difícil...

*E enquanto belas são as paisagens,
não importa que se demore um pouco mais*

Quando o percurso é ruim, desagradável

Oh! Quanto se deseja

ao destino

chegar...

Vale a pena prosseguir ou seria melhor parar?

O que motiva a continuar uma “viagem”?

Sei lá! Estou confusa

Ocupo-me com qu'eu devo me ocupar

Mas tento não me preocupar...

em vão (tento)

*O tempo passa tão rápido
ou eu é que sou muito lerda?*

Também sei lá! A verdade é

que tenho pressa

de ser feliz...

[será essa ansiedade

Um defeito de fabricação?

Tempo arrependido seria a prova de tempo perdido?

Tempo de quem não viveu, quem sabe?

Quantas oportunidades

Se tem na vida?

[Persigo a felicidade mais que tudo [...]]

*Os anos passam
Aniversários acontecem todos os anos
Seria doídice minha, mas queria não fazer muitos aniversários
... para não envelhecer muito rápido
Contudo, o tempo é inexorável...
Às vezes até atropela...
Temos que estar
“Antenados” ...*

*O tempo
Não espera pela prontidão de ninguém...
E tenho certeza de que o Tempo agora está a rir desta minha bobagem...*

*As páginas do Tempo
não dobram nem tem “orelhas”
E a cad’ano vou nelas escrevendo e registrando...
(experiências todas)
E neste livro tem de mim, de tudo um pouco
Não coloco nenhuma censura
em termos de idade
... para ser lido
Não, não, e mil vezes não
Quero que seja lido
E refletido...*

*[As experiências não param
Mais uma vez faço aniversário
Se fiz coisas de que me arrependo!?
Não é presunção,
mas é NÃO!*

*Aliás, que bom qu’eu fiz “M” na vida
O que ratifica qu’eu não sou
nenhuma deusa
do Olimpo
(ou de qualquer outro lugar!)
Nem tenho a pretensão de ser...
Não sou exibicionista
Não sou de selfies...*

*Tenho consciência
De minhas imperfeições...
Sou humamentente
Humana...*

*Sim, já fiz escolhas equivocadas...
Já, refiz, muitas trilhas
E caminhos...*

Sem lamentações

*Sem arrependimentos
Responsável pelas escolhas*

*Sou feita de carne e osso
E de mil sonhos
e desejos...*

*Dialogo, também com meus medos (como qualquer um)
E por que assim sou? Por que sou humana,
e sei que minha destinação
é a perfeição...*

(E longe da perfeição ainda estou...)

*Contudo
sou muito feliz
em ser o que sou... humana*

[SOU humana!]

Juli Lima e Cássio Palhares

{“A Vida é feita de escolhas”...} (Duo)

*Eu escolhi ser Feliz
Sentir a Vida
nas veias*

*Validar
meus
segundos...*

*Se eu amanhã
não respirar
Partirei
completa
Vivi
o Amor...*

Juli Lima & Marise Castro

Ei, escuta!

*Tudo é grito em mim
No peito não há espaço
Pois a saudade é sem fim...*

*Não se detenha
Venha...Venha... Venha...
Venha correndo, venha pra mim!*

Ei, escuta!

*Diga sim ao sentimento,
Dá asas pra reciprocidade,
Pois em mim é amor imenso...*

*Que haja
A completude
Em total unicidade!*

Ei, escuta!

*O vinho doce
Aquele de sua preferência
Já está no gelo, ansioso aguarda seus lábios...*

*Porta está sem tranca
Lembra da nossa música?
Eu e ela estamos aqui a sua espera!*

Ei, escuta!

*Tenho em mãos
Um ramalhete de versos
Versos livres e coloridos de amor*

*Não se detenha
Venha...Venha... Venha...
Venha correndo, venha pra mim!*

Juli Lima e Mdc santos

A VITAL PERGUNTA: DEUS EXISTE?

“Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus.

Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.

Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor”

(1 João 4:7-8)

Oh! que ninguém s’engane no que irei perguntar:

Deus existe?

Ou a pergunta deveria ser: “Deus existe... p’ra mim”?

- Oh! E que diferença fará em minha vida s’Ele existir ou não?

Pergunta-me alguém, então

Responderei agora:

- Fará, oh! decerto que fará... toda a diferença

Visto que no que cremos nisto está toda a nossa vida

E então...

Deus existe ou não?

Eis a grande e vital pergunta:

Deus é “Alguém” ou somente uma “ideia” (para ti)?

Poderia alguém perceber Deus com sua consciência?

Ou deixaria isto p’ra lá e se conformaria com o que as religiões lh’ensinaram?

Mas, uma inegável verdade é que as religiões separaram as pessoas

Queres, pois, ressuscitar... para a Verdade?

Morra, então, para suas mentiras (se tiveres coragem)

Por que, enquanto viveres par>elas, não terás como

... conhecer o gosto e o amor pela Verdade

E como dizia Santo Agostinho:

“Nada deseja a alma tão fortemente como a verdade”

Deus é a Verdade

Ah! Admiro as beatas das igrejas que “sabem de Deus” sem saber “por que” sabem

E “apenas” sabem

Suas almas não são barulhentas como às dos filósofos e teólogos

São almas puras...

Você conseguiria viver “desligado” de Deus?

Oh! Mas e o mundo não está?

E acaso o mundo «vive»?

Quem não é um crente é um ateu... na vida (e, sobretudo, co’a vida)

É óbvio, não há como fugir desta verdade

Aliás, não há como fugir cad’um de “sua verdade”

Deus existe?

Ond'Ele está (caso exista)?

Somos cegos d'alma pelo que da vida fazemos
E somos cegos de corpo porque não vemos «os lírios do campo»
... nem «as aves do céu»
Sim, não reparamos na beleza das flores [vivas]
Não nos atentamos com as lindas e coloridas alvoradas
E que Deus nos deu de graça aos nossos olhos
Embora preferimos pagar caro para vê-las nos quadros no Louvre
(ou em qualquer outro museu)

- Vivo, mas não creio em Deus. – Disse-me novamente aquele cético
- Mas, estarão suas decisões corretas (no que fazes de sua vida)
... pelo que não crê n'Ele? – Pergunto-lhe, então
- E acaso os que se dizem crentes [n'Ele] realmente acreditam?
Suas vidas confirmam seu credo... ou a [Ele] negam?
Atirando-me, assim, tais palavras em minha cara
- De fato, estás certo: a grande pergunta (se Deus existe) não a respondemos
... com palavras, mas, sim, com nossas vidas

Deus!
Definitivamente não é... uma “ideia”
Nem está preso... a nenhuma filosofia ou sistema de pensamento

Deus!
Um “existir infinito” a que “Ele “é”
E não somente “está”... no limite espaço-tempo em qu'estamos
Vida eterna então no que Ele existiu sempre (e sempre existirá)?
Ah! A eternidade!
Um conceito em que a razão diante dela se cala!

Ou Deus seria “ação vital” no dinamismo de Seus movimentos?
E em tudo que move a haver uma “lei”,
... ond'então Deus seria o “Legislador supremo”?
Da sabedoria e inteligência perfeita
A provar [isto] em tudo o que Ele fez (e faz)

Deus!
São tantos os conceitos...
E nenhum destes (isoladamente) contradiz... os outros
Embora eu prefira um que diz:
“Deus é Amor”

03/07/2022

“Mesmo que vivas um século, nunca deixes de aprender”
(Anônimo)

Kim Akemi Hinata

Cada um dá o que tem

Se cada um dá o que tem
Quero ter o pôr do sol
Ofertar aos meus amigos
As nuances do arrebol.

Se cada um dá o que tem
Quero ter a brisa do mar
Que é boa, refrescante
E ajuda a acalmar.

Se cada um dá o que tem
Quero ser jardim florido
Com flores de várias formas
Tudo muito colorido.

Se cada um dá o que tem
Quero ter a luz do luar
Para levar claridade
Ajudar alguém a enxergar.

Se cada um dá o que tem
Quero ter árvores frondosas
Para oferecer sombra
Muito frescas e gostosas.

Se cada um dá o que tem
Quero ser céu estrelado

Para oferecer brilho

A quem estiver do meu lado.

Se cada um dá o que tem

Quero ter em mim poesia

Dedicar a alguém os meus versos

Alegando assim o seu dia.

Se cada um dá o que tem

Quero ter a paz de Jesus

Compartilhar sua alegria

Refletir a sua luz.

LuCosta

Pais e Filhos. Direitos e Deveres

*O Lar é o mundo essencial para atender desígnios divinos, em desdobramento. (1)
Nele, o Evangelho de Jesus não consegue falar aos sem discernimento. (2)
A compreensão do caráter divino da paternidade dá origem ao engrandecimento.*

*Direito é campo de elevação e dever zona de serviço, sem transferências.
Aprender vigilância de si e não desdenhar aqueles com maiores experiências.
Na maturidade, risco de desânimo, pois a compreensão retorna pós intercorrências.*

Aquele filho descuidado, ocioso ou perverso se tornará pai inconsciente no Lar.

Um adulto emocionalmente infantil, de quem a felicidade fugirá sem hesitar.

Luiz Carlos Formiga

1.

Emmanuel. Livro Vinha de Luz, Lições 135-6

<https://www.nepe.wab.com.br/book-part/?book=3&chapter=135&id=2221>

<https://www.nepe.wab.com.br/book-part/?book=3&chapter=136&id=2222>

2.

Depois do Noivado.

<https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7519861>

3.

Vadio, indolente.

<https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7571002>

UM SENTIMENTO INCONDICIONAL

Antes mesmo que eu houvesse nascido,
Já havia, por este clube,
Uma forma de amor, de amar:
Latente, manifesta, despontada...
No meu íntimo: na alma e no coração.
Difícil, impossível de esconder.
Era um amor palpável, perceptível.

Assim que eu vim ao mundo,
Uma forma de amar, de amor, próprio
E essencial, existente por si mesmo,
Veio intrínseco em mim.
Um sensível sentimento – e lindo!
Infindo, assombroso... Admirável!

Hoje, reside em mim, um amor
Que faço questão de escancarar.
E não há no mundo amor maior!
Na alegria ou na tristeza; na derrota ou na vitória...
Não há como não admitir, assumir...
Notório e evidente, é um prazer inegável.

E, para sempre, na superfície do meu ser
Ou no mais profundo, no âmago da minha alma,
Haverá, por esta equipe, um amor inesgotável!
Na alegria ou no pranto, cubrir-me-ei como seu manto.
E entoarei, não um hino, mas uma forma oração:
“EU TERIA UM DESGOSTO PROFUNDO SE FALTASSE O FLAMENGO...”
E nem existe uma torcida – há sim, uma nação. Ele é imensurável!

E não arrisque tentar entender – meu Mengo é Inexplicável!
E nada, nem ninguém, conseguirá apagá-lo,
Destruí-lo, varrê-lo de mim – ele é indelével.
Pois nem mesmo palavras, atos
E gestos o definirão – ele é indefinível.
Uma emoção passional, racional...
No entanto, sempre em movimento – e nunca imóvel.
Pelo meu Mengão, há
Um sentimento, uma paixão, uma ternura,
Um afeto, uma idolatria, um amor...
Incondicional, Imensurável – e indissolúvel!

Marcos Aurélio Mendes

Teu gosto na madrugada

*Tua graça é vida sempre presente
Teu sorriso veste a noite de poesia
És cor luminosa que para mim edito*

*Aceita meu silêncio, nele todo o não dito
Vem, mistura teu gosto à madrugada
E escuta o que a noite não dita*

Veste apenas o véu que nos deixa a lua

E faz do meu corpo a tua doce morada

Marcus Vinícius Andrade

12/03/2022

... meu eu lírico busca seus afins para juntos eternizarmos poesias.

- **Minibiografia**

Maurício de Oliveira nasceu em São Paulo (Capital) em 29/05/1966.



Desde adolescente escreve alguns momentos vividos, mas resolveu se dedicar mesmo à escrita depois dos 40 anos de idade.

Sou uma pessoa analítica, observo e questiono, procuro saídas normalmente psicológicas, deste jeito passo para o papel.

Gosto de escrever textos complexos através de reflexões/pensamentos.

Pseudônimo: Verbalizar.

É voluntário na recuperação de adictos (dependentes químicos)

Mantem o site: www.prosaeverso.verbalizar.net, consta mais de 140.000 leituras em 12 anos e várias mensagens.

Membro da CONBLA “Confederação Brasileira de Letras e Artes”.

Títulos: Membro/Delegado/Embaixador da Paz pela CONBLA.

Trabalhos literários.

“Conhecendo a Deus”. Editora CBJE / “Adoração”. Antologia Poética Editora CBJE. / “Apagando o Pavio” Autoajuda - Editora CBJE / “Antologia Poética Amor” Editora CBJE. Coletânea Chá das Cinco – Editora Recanto das Letras. / “Sonhos Impressos” Editora Becalete.

Eternizando Poesias

Poesias escrevo

Escrevo me faz bem

Bem maior que tudo

Tudo posso escrever.

Escrever e ler

Ler também comentar

Comentar poesias

Poesias q' fazem viajar.

Viajar n'outras dimensões

Dimensões maravilhosas

Maravilhosas e lindas

*Lindas são as **poesias**.*

Poesias que repousam

Repousam, voam em belezas

Belezas que nos ofertam

*Ofertam nossos **corações**.*

Corações que se unem

Unem-se num só propósito

Propósito de eternizar

*Eternizar **poesias**.*

O Experimental EcoSys é uma criação da poetisa Suely Sabino Reis.



Brotam as flores cativantes

As sementes e os galhos foram plantados
Tilintam gotas e raios de sol com bravura
Brotam flores cativantes com sol e chuva
Acessam para a vida, quando germinados.

Agora exigem um pouco mais de atenção
E certa habilidade no trato e nos cuidados
Os caminhos podem estar contaminados
A natureza é incerta, exige-nos precaução.

A inocência é um fato, a natureza se exalta!
Os holofotes dos encantos são exuberantes
De uma rosa florescendo, plena e cativante...

Um perfume atrai e um instinto sobressalta
Nobres ou sutis, põe-se arte na sobrevivência
Há perigo real se há descuidos na existência.

Texto e imagem: Miriam Carmignam

Soneto

ROSA

Rosa miúda, tão resplandecente,
Cintilas, mesmo que não saiba...
E floresce tão rapidamente,
Ainda que no peito, não caiba.
Rosa, tão admiravelmente, pequena,
Vives mais do que todas flores,
E essa beleza tão serena,
Inunda os corações de amores.
Rosa, se pela arte que te rege,
A cada jardim, és a alegria,
Enquanto este sangue que ferve,
Serás sempre, a melhor poesia...

Rio, 29/05/2022

NATOMARKES

O MEDO E A FÉ

A Alma as vezes, no medo fica envolvida
A dor provoca lágrimas e desalentos
Quanta coisa passa em nossos pensamentos
E ficamos pensando em nossas feridas
Procurando na fé a solução para a vida
Assim vamos vivendo a cada novo dia
Tentando sempre estar com Deus em sintonia
Esperando as bênçãos de luz e proteção
Para seguirmos a jornada em certa direção
Promovendo a vida com preces e sabedoria

Então vamos cultivando bons pensamentos
Para matar o medo e toda a negatividade
Vencendo a dor e trazendo mais felicidade
Na dualidade da vida temos os livramentos
Que toda prece vai trazendo como alimento
A alma se despe do medo e busca a coragem
Na beleza da vida, buscando a bela mensagem
Que consola e fortalece cada fibra da alma
Meditar traz conforto, mudanças e acalma
Assim vamos seguindo a nossa grande viagem

A vida é um espetáculo com muitos desafios
É uma escola de grandes ensinamentos
A alma busca pela paz, o amor que salva...
E com sintonia no bem, vem bons sentimentos
Cumprindo a jornada, a rosa da vida é a guia
Na paz e na luz a vida é cheia de boas energias
Assim com esperança elevamos o pensamento
E na luta vamos vencer, na sagrada sintonia....

(Norma Aparecida Silveira de Moraes -30/06/2022)

O xadrez da vida

Feito um jogo de xadrez, a vida se manifesta.
Cada lance, cada jogada, pode ser a definitiva.
O movimento certo não se contesta.
Regras rígidas, mas possibilidades infinitas.

O objetivo de derrubar o rei do oponente,
Sacrificando peças e movendo peões.
Mas respeitando os adversários de frente,
E em cada tática e método buscar inspirações.

Paciência e calma para a jogada certa.
Aprendizado para calcular teoremas.
Astúcia e perspicácia para a empreiteira
De escolher os lances com estratagemas.

Mas surpresas acontecem e não há sorte.
São planos sem foco e aventureiros.
Pois as decisões tomadas sem norte,
Não são recompensadas no tabuleiro.

Vencer na vida é ser rei do próprio jogo.
É dar um xeque-mate em nosso egoísmo.
É ver com clareza que um preceito é fogo,
Para iluminar o caminho do altruísmo.

Patrícia Alvarenga

TEMPO VITAL

“O sentido da vida é o que você quiser que ele seja.
Nós somos o universo contemplando a si mesmo”
(Stephen Hawking)

O tempo... é implacável
Será a eternidade... justa?
Se não for, será [ela] também julgada... pelo tempo?

Será que viemos... de longe?
No que somos visíveis... somos matéria-prima... no tempo
E somos almas ainda em processo de construção
(pelas mãos da eternidade... no tempo)
Ainda não estamos... prontos
E isto é uma grande verdade

Precisamos de mais... tempo
Para atingirmos o ápice de nossa evolução

E que ninguém s'esqueça:
Quando uma só alma cai (no caminho do calvário da vida)
... toda a humanidade cai co'ela
Isso mesmo: ela não cai sozinha

Sendo assim, que ninguém se orgulhe em achar que é melhor que o outro
(só porque ele caiu)
O tempo o dirá o quanto ele é igual a qualquer um
Ninguém é melhor que ninguém!
Ah! o tempo! sempre ele...

Certa vez ouvi da incrível Clarice Lispector:
“O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo”
Ah! o relógio de pulso!
Apesar de que, devido aos celulares, quase ninguém mais usa
Quem o criou provavelmente se inspirou na figura d'uma algema
E o fez para que olhando par'ele, nos lembremos qu'estamos sempre presos...
... no tempo!

O que fazemos aqui no tempo que não seja somente perder... tempo?
Faz sentido para a vida não a senti-la em toda sua expressão?
Oh! Quantas vidas se desperdiçam... no tempo?

O tempo... vê... tudo
O tempo... ouve... tudo
E o tempo... julga... tudo

A que também dará a sentença:
Ou a absolvição... ou... a condenação...
Em função do que fizemos (e ainda fazemos)... no tempo

Que ninguém s'esqueça:
O dia do juízo final é sempre... o dia de hoje

27 de julho de 2022

“Para um escritor autêntico, mais de um leitor é exagero”

(Lêdo Ivo)

Paulo da Cruz Machalla

O amor expulsa a tristeza!

A alma vislumbra o azul infinito
Vê a magia que há no horizonte
Hipnotizada sente o céu distinto
E da eternidade se torna a ponte

A poesia verbaliza o belo encanto
Traduzido em rimas, verso e prosa
E o poeta descreve em todo canto
Inclusive quando descobre u'a rosa

Nos dias de inverno os olhos brilham
Com a luz refletida no espaço celestial
Ela gera emoção e sentimento especial

É a ação do amor que expulsa a tristeza
Trazendo riso e a felicidade com certeza
Amar aponta o destino dos que caminham

Silvanio Alves

Terra...

SoniaS

Pensamentos,

Soltos,

Nos meus desassossegos...

Da Terra sai nosso corpo

Da Luz nossa Alma.

Estrangeiros aqui somos

De corpo físico emprestado.

Temos que saber:

Qualquer dia....

Qualquer hora....

Devolveremos à terra

Este corpo emprestado.

Aproveitemos nosso tempo por aqui.

Ele é indeterminado.

Chegará o dia de voltar

Às nossas origens...

Viajaremos à Luz

Que nos chama...

Com energia pura...

Sem a matéria, aqui deixada.

Bendita Terra

Acolhedora de um povo

Que não sei se sabe

Tudo que nos doa,

Tudo que nos ajuda

Nesta transitória caminhada.

Bendita Terra!
Glorioso planeta...
Que nos abre as portas
Da evolução e da Graça!
Nosso respeito.
Reverência a Ti
Terra amada!

Sonia Salette Lagonegro e outros autores em:

Verso e Prosa “Poesia na escola”

(Projeto Cultural)

(8a edição da Editora Palavra é Arte).

Escritora e poeta com o nome de «SoniaS»

no «Recanto das Letras: com Poesias ...

Poesias declamadas ...

E-books etc.



Em Pensamentos...

*Vivi sonhos em demasia
E como castelos de areia construídos,
se foram... destronados, destruídos,
quando a maresia a tudo corroeu*

*Da janela assisti aos anos que passavam
em desenfreada correria, tentando alcançar
o que não foi vivido, ou o que não morreu*

*Mas talvez ainda não tivesse nascido,
quando desfilavam opções para as escolhas,
das vontades de, com pedras, tudo reconstruir
e em finais de sonhos me perdi, antes mesmo do fim*

Taíssa Viveiros

13/08/2022

Velhas Citações Reflexivas – (Parte 32)

Toda pessoa que anda com o pires na mão,

É porque, às vezes, é levada a mendigar,

Mas quando esse pires apoia uma xícara de café bem quentinho,

Todo cuidado é pouco para não se queimar. //

É na adversidade que se conhece os amigos!

Pois, quando mais você precisa deles não aparece nenhum para te apoiar,

Mas quando você está por cima da carne-seca, cheio da grana,

Aparece uma porrada deles, de olho na tua carne-de-sol, no teu charque, em suma, no teu jabá. //

Toda santinha do pau oco, sempre teve um fundo falso,

Onde os padres da época escondiam os tesouros da Igreja, para nenhum imposto pagar,

Mas as santinhas de hoje em dia, fazem coisas do arco da velha,

Que você jamais poderia imaginar. //

Quem parte com três pedras nas mãos para cima de você,

É porque está querendo te apedrejar,

Da mesma forma que, todo marinheiro de primeira viagem,

Também, tem uma boa chance de enjoar. //

Quando dizem que, não existe nada de novo no reino da Dinamarca,

É porque para os dinamarqueses continua tudo na mesma e, o rei continua a governar,

Mas quando citam essa frase aqui para o Brasil,

É porque os governantes continuam os mesmos,

só se interessam pelas benesses do cargo e, o que o poder pode lhes proporcionar. //

Quando alguém resolve mover mundos e fundos,

Está sujeito a chuvas e trovoadas, na esperança de ver um lindo sol raiar,

E depois destas idas e vindas,

Resolve se acomodar. //

Existem pessoas que, são extremamente pobres nesta vida,

Pobres, pobres de marré deci que, você talvez, não conseguiria imaginar!

Mas quando as imagens da TV invadem nossas casas, mostrando, por exemplo, a miséria na

Etiópia,

Muitas vezes, sentimo-nos incapazes, só nos restando chorar. //

Toda pessoa que comete loucura em cima de loucuras,

É porque não bate bem da cachola e, está na hora de internar,

Da mesma forma que, quando você não consegue curar a dor de uma perda,

Pode, pelo menos, tentar se consolar. //

Toda pessoa que, é carismática demais,

Tem algumas qualidades inerentes a sua personalidade e consegue liderar,

Da mesma forma que, quando alguém nega, peremptoriamente, qualquer tipo de acusação,

Ufa! Terminantemente, nega e, se recusa a aceitar. //

Todo cara que é chamado de espírito de porco,

É claro que não tem nenhum espírito suíno e, muito menos gosta de se emporcalhar,

Na realidade é um cara que não concorda com nada,

Porque o negócio dele é contrariar. //

Quem faz promessas demais e não consegue cumprir,

De certo que, vai ter que se penitenciar,

E aí eu pergunto?

E quantos Pais-Nossos e quantas Ave-Marias, os políticos vão ter que rezar? //

Dizem que, tempo é dinheiro!

Se for isso mesmo, o que é que te leva a perder tanto tempo, lendo estas baboseiras que, eu gosto de publicar?

Afinidade, amizade e, é claro que eu te agradeço desde já,

E se tirares proveito de alguma coisa, movimente a barra de rolagem até embaixo para comentar! //

Grato, fui!.....

Tom Oliv do Recanto das Letras

Nossa realidade

A esperança já nos deixa feliz hoje,
deseja só a realização dos sonhos;
o amanhã para quem não enxerga
é sempre amanhã, mas a fé é vida
e sempre haverá a espera pela luz salvadora
brotada no jardim de nossa realidade.

Walter Cintra de Souza Lima
(TCintra)

Trem da vida

Num pragmático desatino
Um desejo descontrolado
Descarrilha com o destino

Podemos sofrer por amor
Por falta da contrapartida
Sem a cura da nossa ferida

Se vivemos numa escuridão
Fazemos rastros dos passos
Com as trevas de um porão

Busquemos a pura felicidade
Agindo sem fazer besteira
Para sacudirmos essa poeira

Zedio Alvarez



Biografia da ilustradora desta edição

IÊDA CHAVES FREITAS (Dr^a). Professora (aposentada) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Tem livros publicados, entre esse, um de Crônicas, “Nas Entrelinhas da Vida”, pela Editora Sarau das Letras, 2020. Escreve artigos, capítulos de livros. Participa de Antologias e na Revista Barbante. É integrante da Coletânea Café & Poesia e coautora do livro Verso e Prosa. Editora Palavra é Arte (2020). Mora em Florianópolis/SC.

Ou

Iêda Chaves Freitas

Professora universitária (aposentada), apaixonada pela vida e pelas belezas naturais. Principiante na escrita literária, amante da simplicidade, com requinte de prazer. Se define como uma mulher feliz, curiosa e desafiadora, o porvir é o que a move rumo ao SER sempre uma pessoa melhor. Atualmente mora em Florianópolis-SC.

Barbantina

Especial escrito por crianças
ANO II - NÚMERO 13 - AGOSTO DE 2022



Carta aos pequenos e pequenas leitores(as)

Querida criança, estamos bastante felizes por ter você aqui! A Barbantinha tem como objetivo estimular a leitura, a escrita, o desenho e a criatividade. Todo mundo pode tornar-se um artista! É só pegar um lápis e um papel e soltar a imaginação! Vamos lá?!

O nosso desejo é o de recebermos muitas colaborações de crianças do mundo inteiro que queiram mostrar os textos que escrevem e suas pinturas e desenhos. Por isso, pedimos aos pais, às mães, responsáveis, professores e professoras que incentivem suas crianças na arte da escrita e do desenho, para que possam compartilhar conosco dessa alegria.

A Barbantinha foi presenteada nesta edição com a imagem de capa de Kelly Pucarico, 10 anos, moradora da cidade de São Paulo, estudante da E. E. Romão Puiggari. Agradecemos à Kelly, sua professora e os seus pais que autorizaram a publicação da sua ilustração.

Também fomos presenteados com ilustrações e textos das crianças das E. E. Romão Puiggari e EMEF Zilda Gomes da cidade de São Paulo.

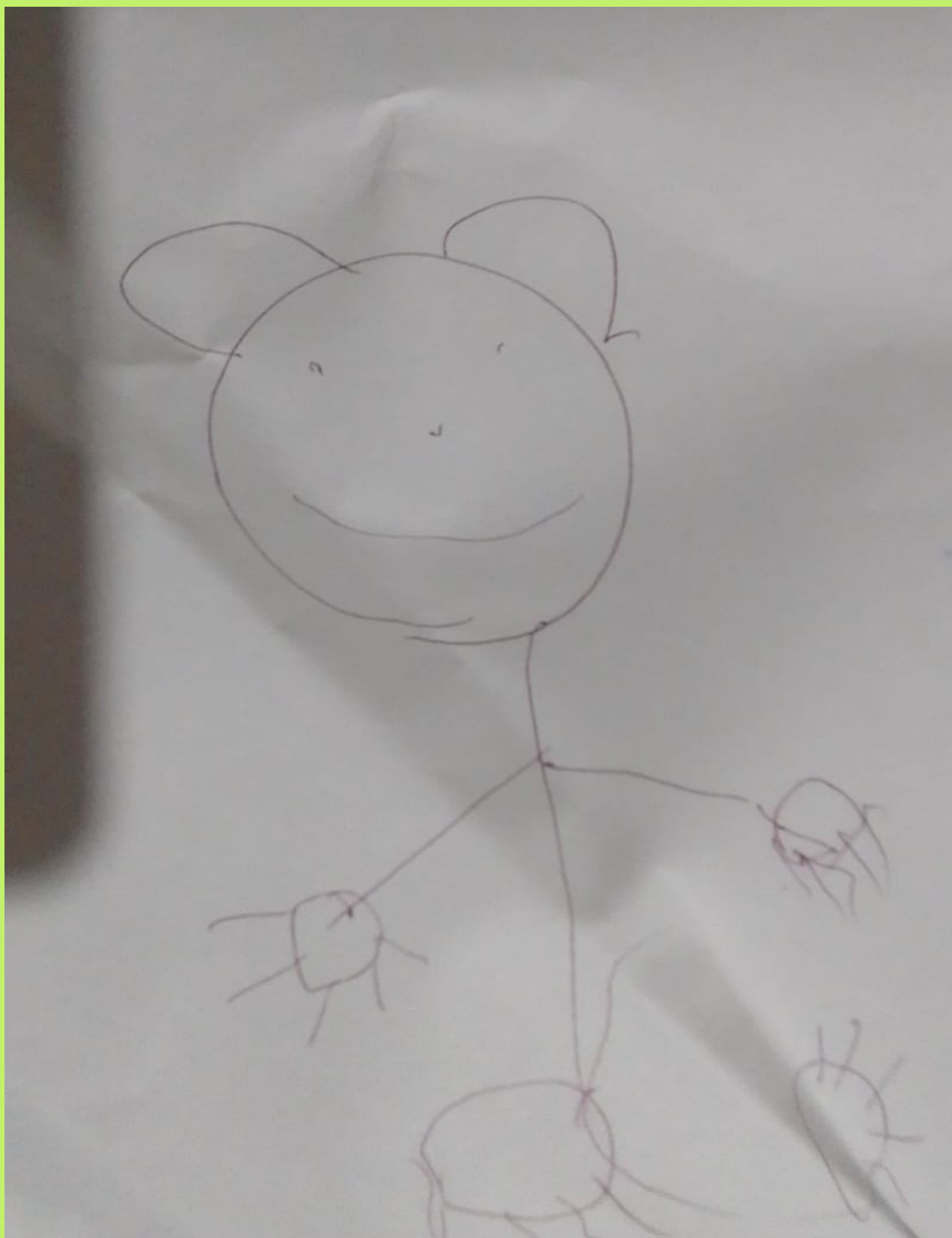
A nossa Barbantinha está recheada de ilustrações das crianças da Escola Casa e Aconchego da cidade de Caicó no Rio Grande do Norte que trabalha e dedica amor e cuidado às crianças especiais dessa cidade, sendo a maioria das ilustrações aqui publicadas de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Venham, meninos e meninas brincarem de ser barbantes junto conosco!

Um abraço,

As editoras.

Ilustrações



Eduardo (Dudu), 8
anos, Caicó RN.



Alicia Valentina -
São Paulo-SP



Davy -
São Paulo-SP



Davy -
São Paulo-SP



Davy -
São Paulo-SP



Davy -
São Paulo-SP



Samuel -
São Paulo-SP

ELY ESABELA CHIPANA VLARDE 4^o GERALDINA

BÂNDERA DO BRASIL



Ely Esabela -
São Paulo-SP

ELY ESABELA CHIPANA VLARDE, 4-C GERALDINA

A MENINA ARYA
ESTAVA NA FLORESTA

Arya



Ely Esabela -
São Paulo-SP



Erick -
São Paulo-SP

— OLÁ, NORMAN, SEJA BEM
VINDO A NOSSA ESCOLA AQUI VOCÊ
VAI APRENDER MUITO, E TAMBÉM
SE DIVERTIR. NORMAN ERA UM MEMINO
QUIETO, FOI PARA SUA SALA, MAIS
NO PRIMEIRO DIA NINGUÉM FALOU
COM ELE, 6 MESES SE PASSARAM,
E TEVE SEU ANIVERSÁRIO, FEZ UMA
FESTINHA NA SALA, TODOS OS ALUNOS
NÃO DERAM FELIZ ANIVERSÁRIO, MAIS
UM ALUNO CHAMADO: JON, DEU FELIZ
ANIVERSÁRIO, NORMAN DEU UM SORRISO
E OS DOIS VIRARAM MELHORES
AMIGOS, E TODOS OS ALUNOS PERCEBERAM
QUE PESSOA AUTISTA SEMPRE FOI
UMA PESSOA NORMAL ASSIM TODOS
VIRARAM AMIGOS DO NORMAN, SUA
MÃE, E SEU PAI, FICARAM FELIZES. APÓS
NORMAN FAZER AMIGOS, DEPOIS DISSO
NORMAN VIVEU FELIZ PARA SEMPRE.

AUTOR: ERICK RYAN.

Erick -
São Paulo-SP

O MENININHO AUTISTA.

UM MENINHO QUE TINHA NASCIDO COM UM PROBLEMINHA DE AUTISMO, O NOME DELE ERA NORMAN, E NINGUEM QUERIA SER AMIGO DELE, ATÉ UM DIA RECEBEU UMA NOTÍCIA QUE, IA PARA UMA ESCOLA, COM 9 ANOS, INDO PARA O 4º ANO, SUA MÃE ESTAVA PREOCUPADA DE ELE, O MOTIVO DE TALVEZ ELE NÃO FAZER AMIGOS, ELE FOI PELA PRIMEIRA VEZ NA ESCOLA, MESMO NÃO TER IDO PARA A ESCOLA, ERA MUITO INTELIGENTE. A MÃE ENTROU NA ESCOLA, E VIU O DIRETOR, O DIRETOR DISSE:
— OLÁ MÃE DO NORMAN, SEJA BEM VINDA, LOGO A PÓS ISSO A MÃE DISSE:
— OLÁ DIRETOR, VIM AQUI TRAZER O NORMAN, E O DIRETOR DISSE:

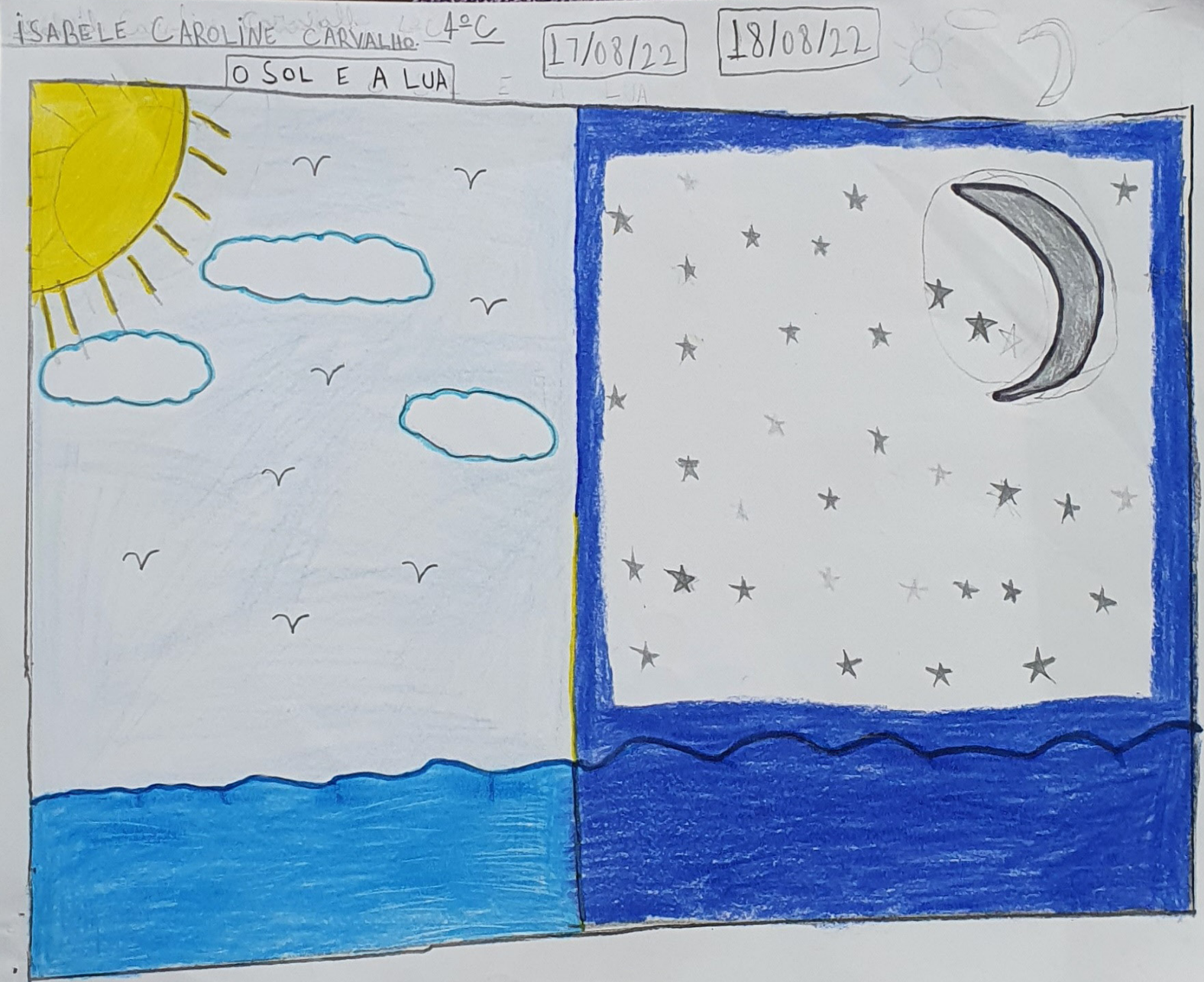
Erick -
São Paulo-SP

GABRIEL FARIAS

N.º 12



Gabriel Farias -
São Paulo-SP



Isabele Caroline -
São Paulo-SP

uma linda paisagem
de
Montanha



João Victor -
São Paulo-SP



Kelly Pusarico -
São Paulo-SP

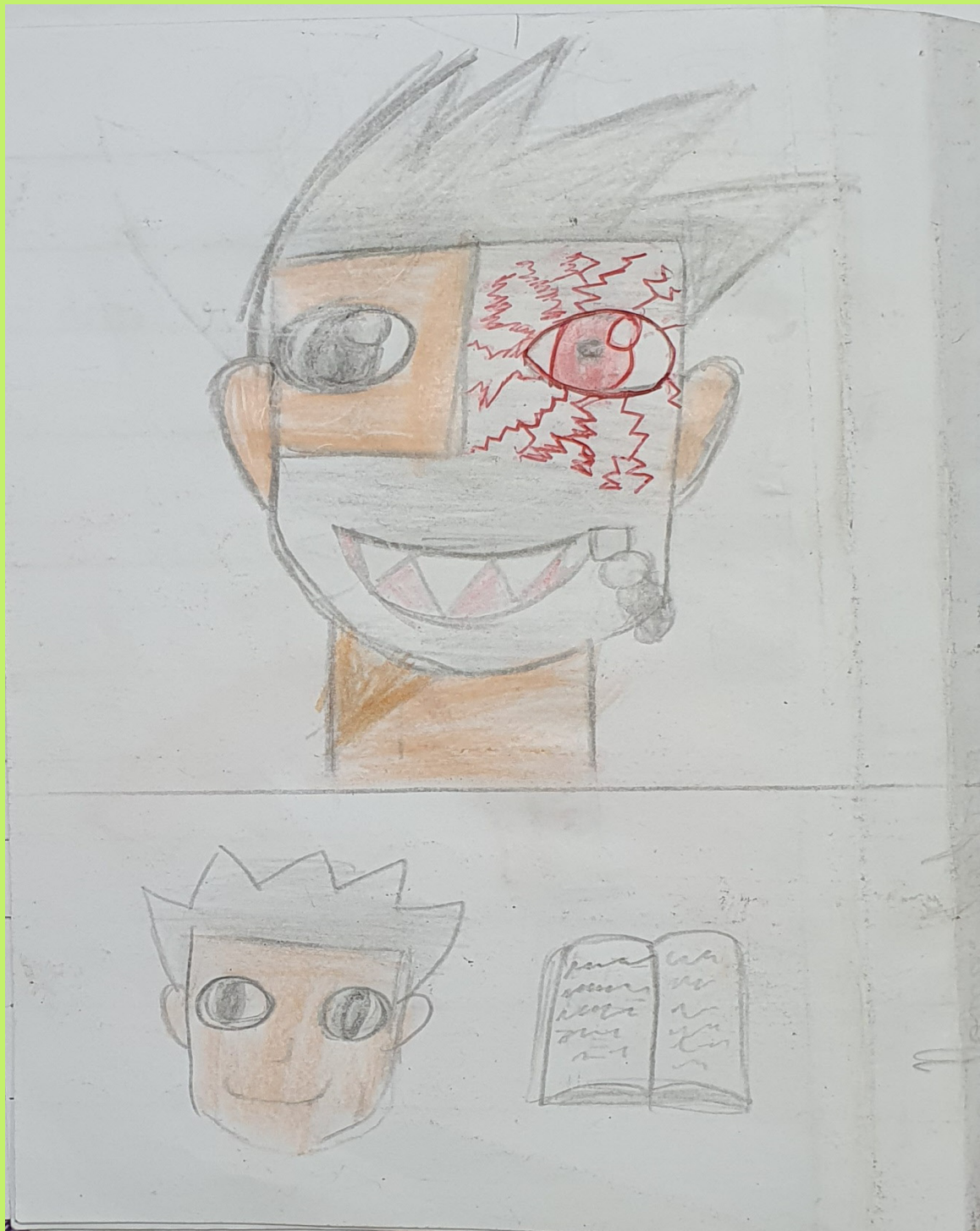
TOKYO

GUL



Autos Lailson Evert

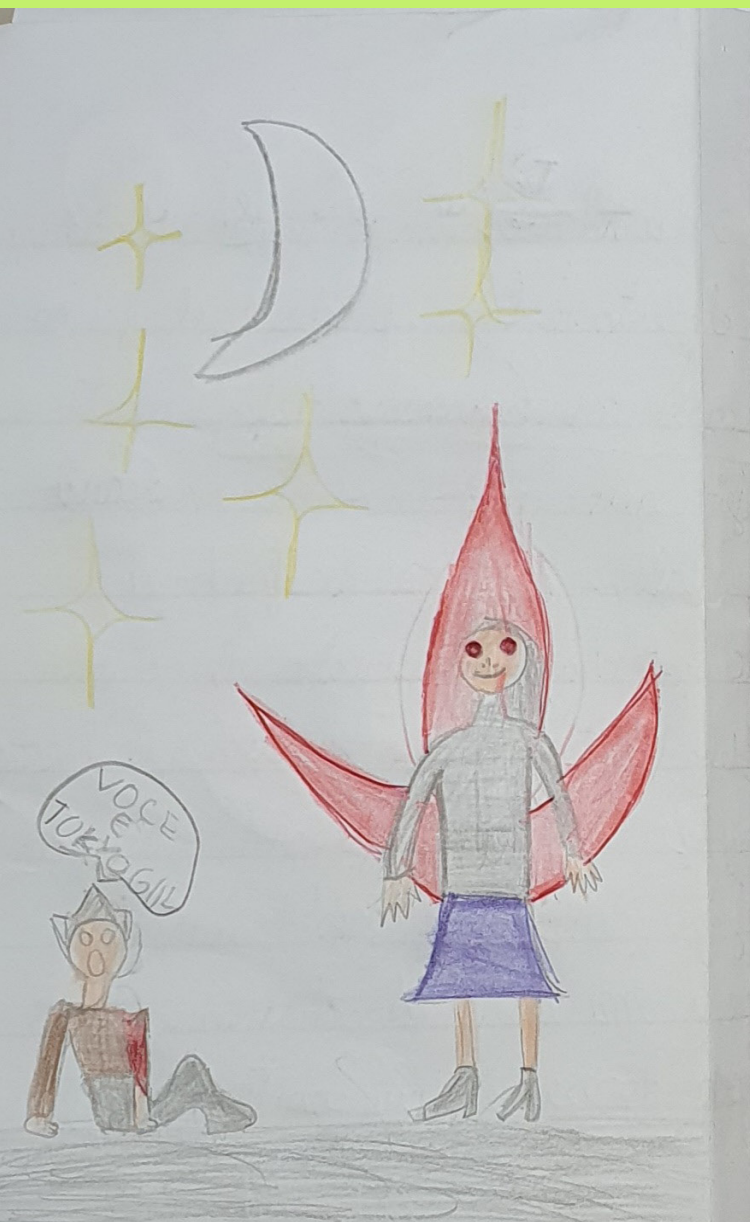
Lailson -
São Paulo-SP



Lailson -
São Paulo-SP

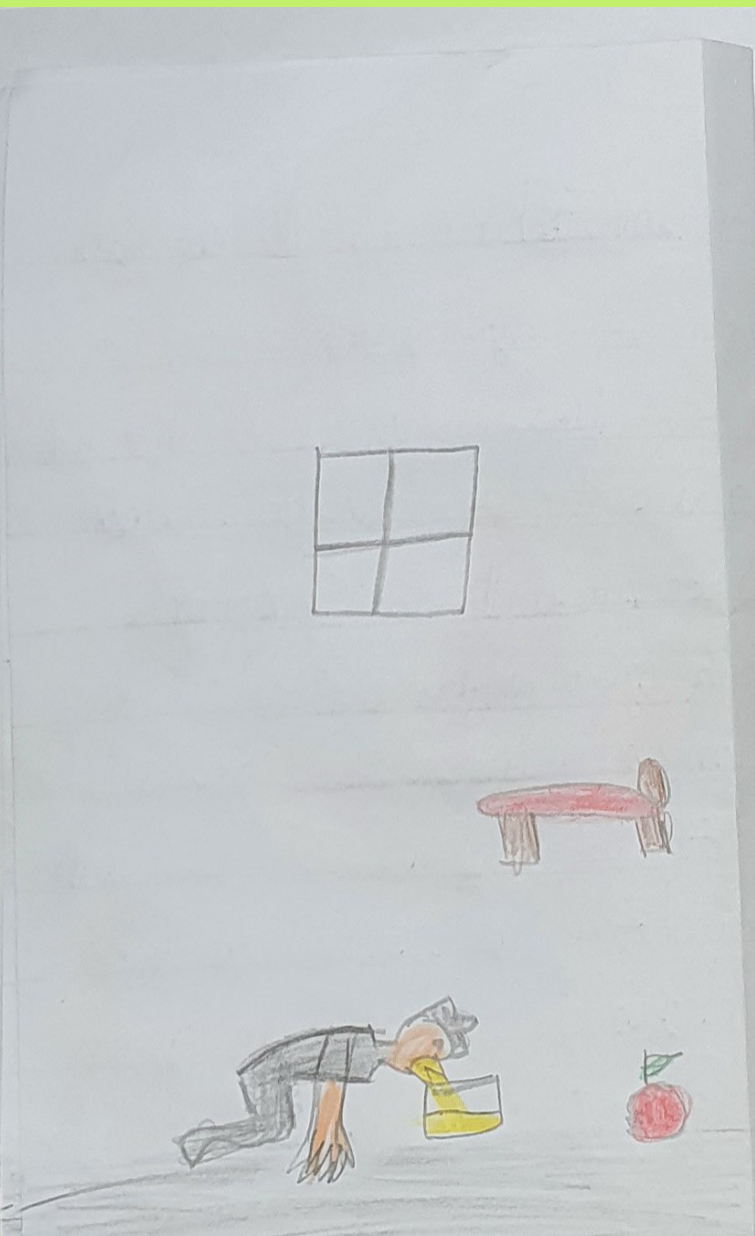
Era uma vez um jovem chamado Archigo -
ele estava numa escola e ele foi no
casa comou amigos depois na teresi
feira seu amigo foi convidar seu amigo a
um cafe, e ali no cafe tinha uma
Garota chamada micara ele gostava
dela entao ele leu e fez cair o livro
e foi uma moça linda mas ele
foi a companhia ate a casa dela
e a micara abraçou e mordeu o
hombrro sendo que era Tokyo gul

Lailson -
São Paulo-SP



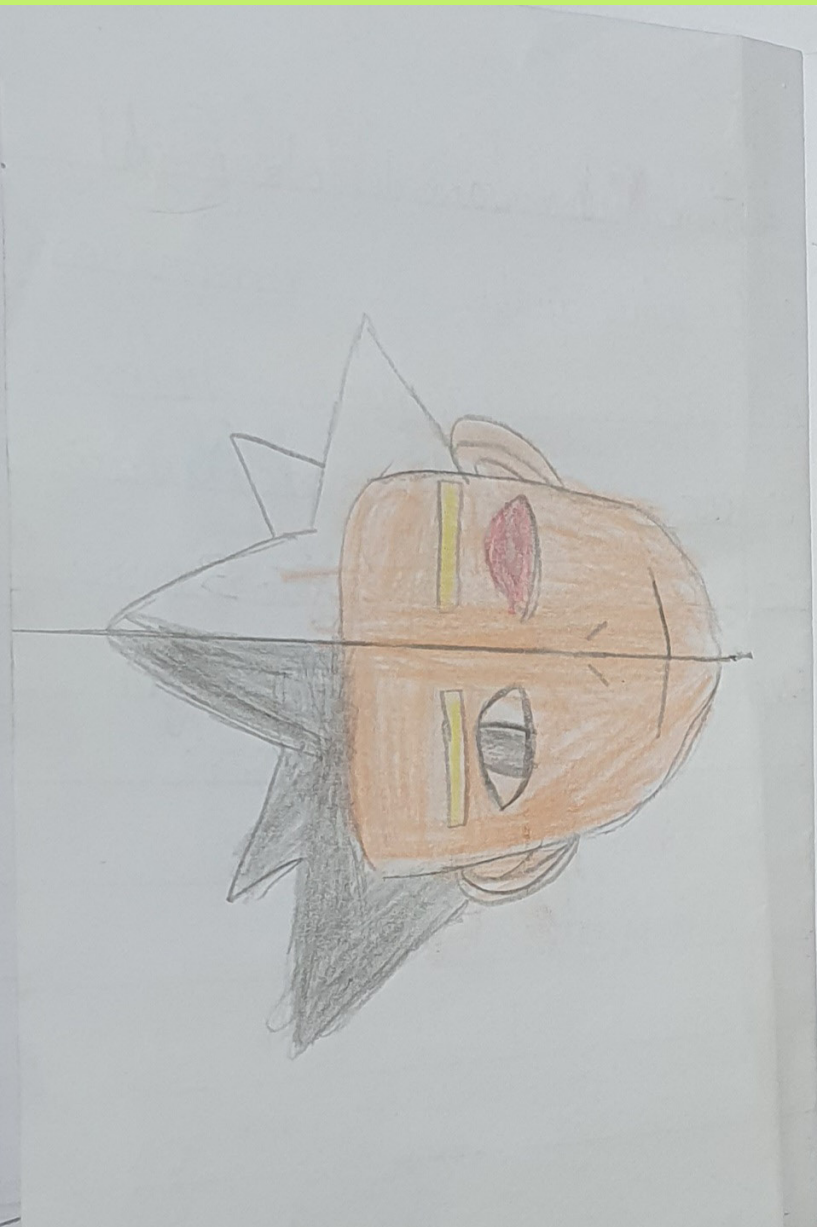
pegue o Tokyogil - e eu sou
e ela pegou ele e queria comer o
outro hombrão mas uma pedreira grande
caiu e chocou o chigã e a micasa
morreu e o forren foi para sua
casa machucado ele doitou na
cama e a micasa apareceu ela
entrou pela chancela e lá pois uma
minhoca na orelha ela foi
embora ele comeu uma maçã
ele gomitou caritudo

Lailson -
São Paulo-SP



Eu tinha uma base de tokryogul
ele foi pedir ajuda e eles compraram
uma maraca porque um halho
estava vermelho porque não
com segiu controlar entro 3 meses
Depois com segiu controlar fim

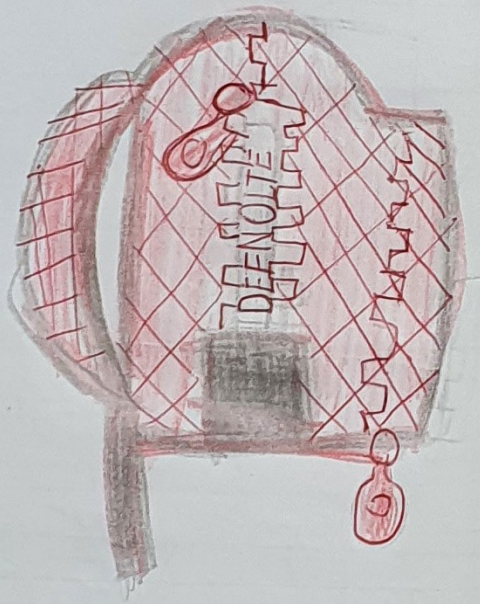
Lailson -
São Paulo-SP



DEFNOLTE



Lailson -
São Paulo-SP



ele pegou o livro e escreveu
um nome de excreção
nome e em se passaram 5
5 minutos e eram mortos
e ele escreveu casi todas
as nomes de todos seu e
mimigos o dono do livro
que não pegou o livro mas
mão com razão pagar ele ficou
feliz

Lailson -
São Paulo-SP

Dai el levou o livro para todo lugar
o dono do livro pegou e ficou chateado
e assim vai até a mãe e
seu pai Jim

BORUTO



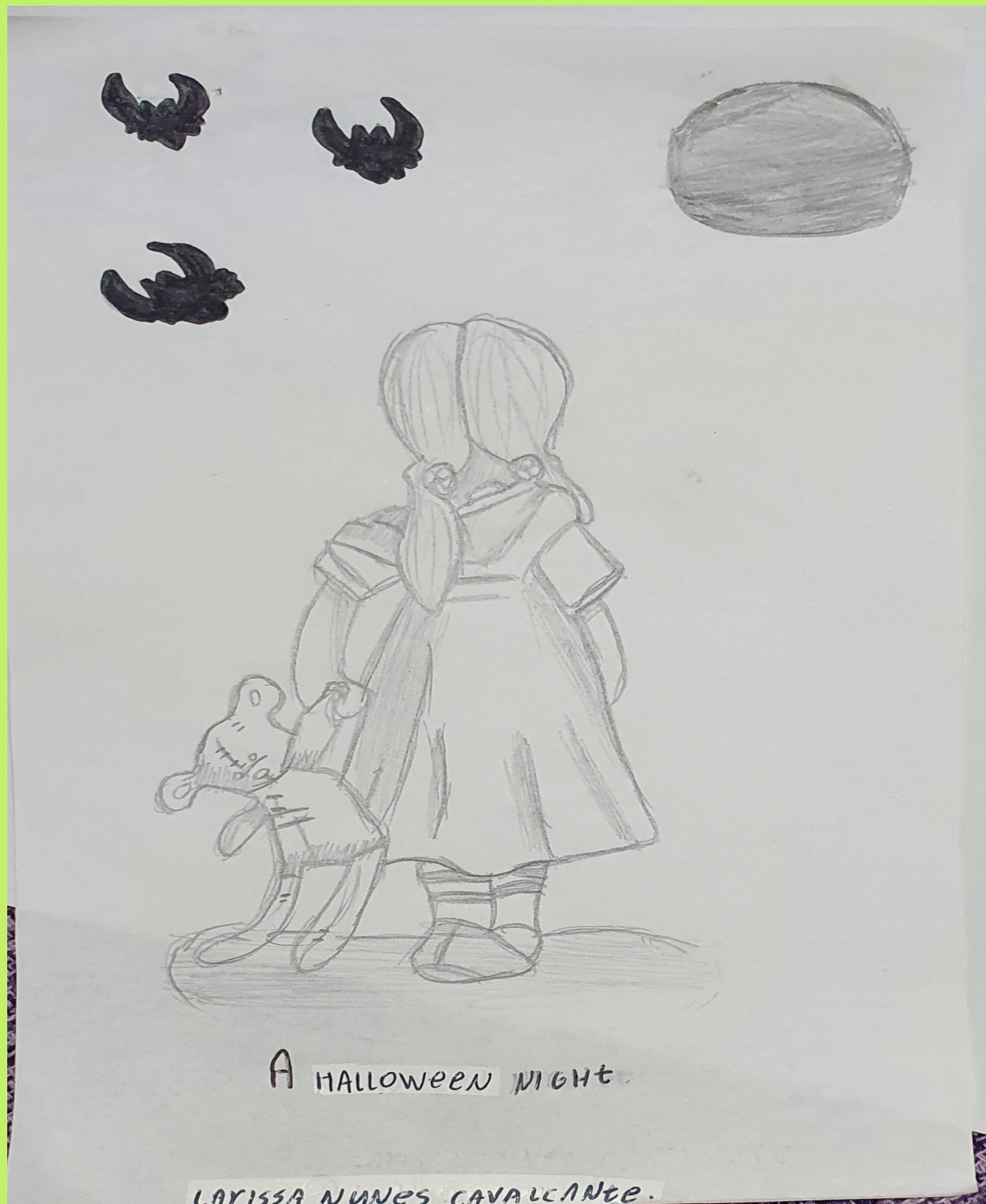
Lailson =
São Paulo-SP



Lailson -
São Paulo-SP

Era uma vez um jovem
ele viu cair um livro
no céu quando era
pequeno ele pegou o livro e levou
para sua casa e investi-
gou ele não sabia o que
era isso então ele colocou
o livro no armário e foi
para a escola e quando abriu
a mochila viu o livro deno-
vo ele ficou surpreso

Lailson -
São Paulo-SP



A HALLOWEEN NIGHT

LARISSA NUNES CAVALCANTE.

Larissa Nunes -
São Paulo-SP

EM FRENTE A SUA CASA PARA
DISTRIBUIR DOCES E TRAVESUTAS PARA AS CRI-
ANÇAS, SUA CASA FICOU ABANDONA-
DA, E PESSOAS FALAM QUE QUANDO PASSAM
EM FRENTE A MANSÃO OUVEM,
GRITOS, CHOROS VOSES E HOJE É UMA
MANSÃO MAL ASOMBRADA.



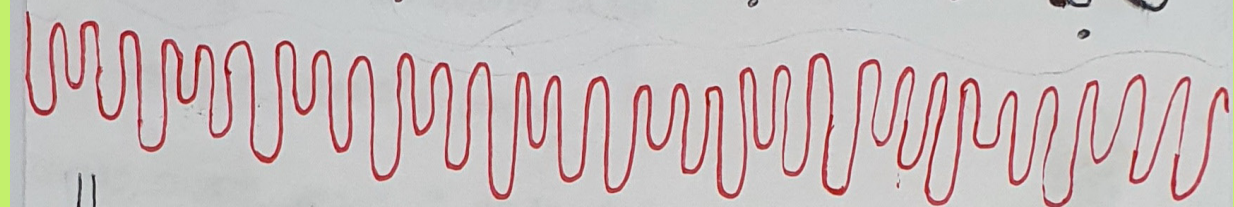
f i m

AUTORA: LARISSA NUNES CAVALCANTE.

ILUSTRADORA: LARISSA NUNES CAVALCANTE.

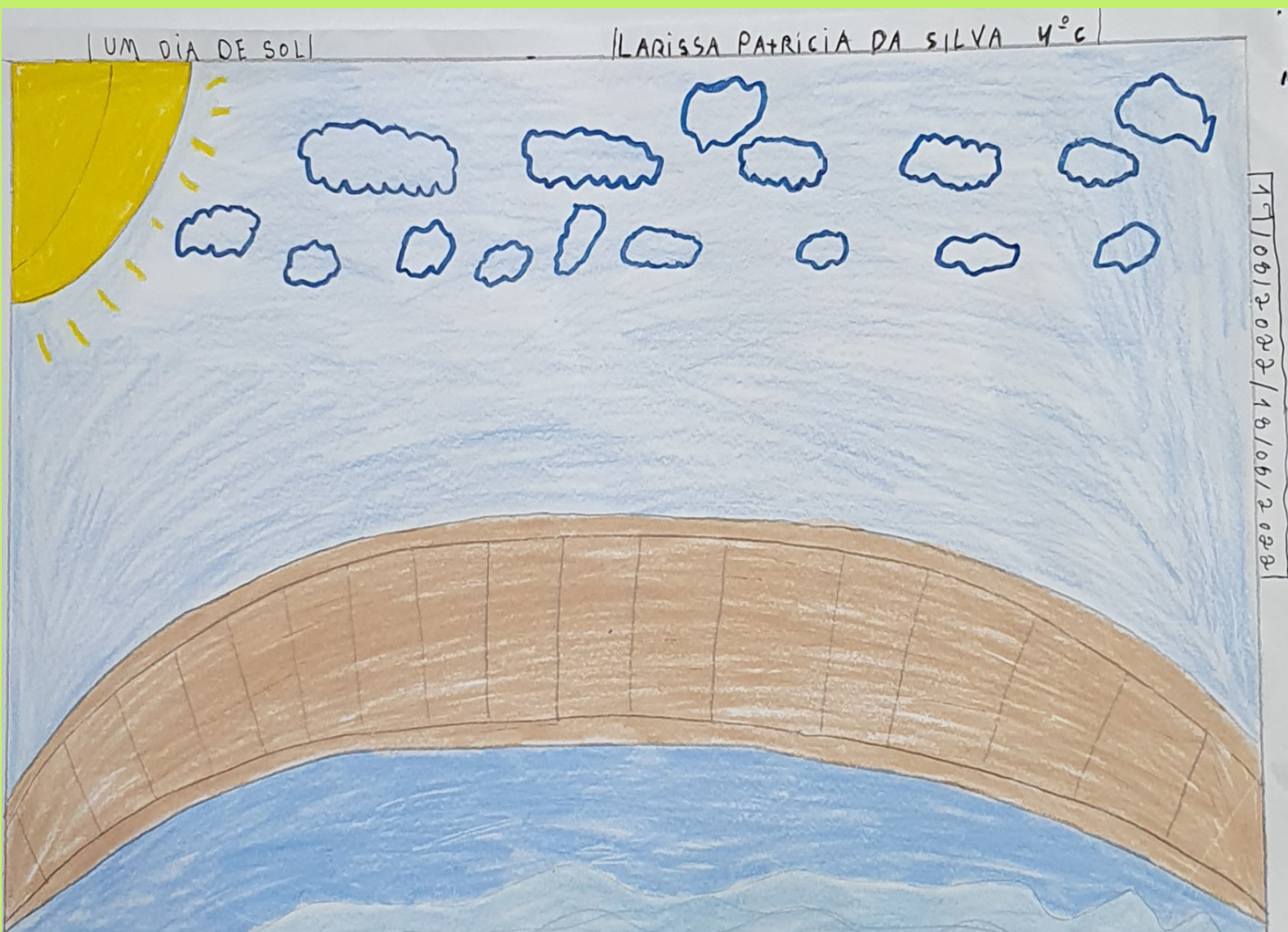
Larissa Nunes -
São Paulo-SP

Uma Noite De HALLOWEEN

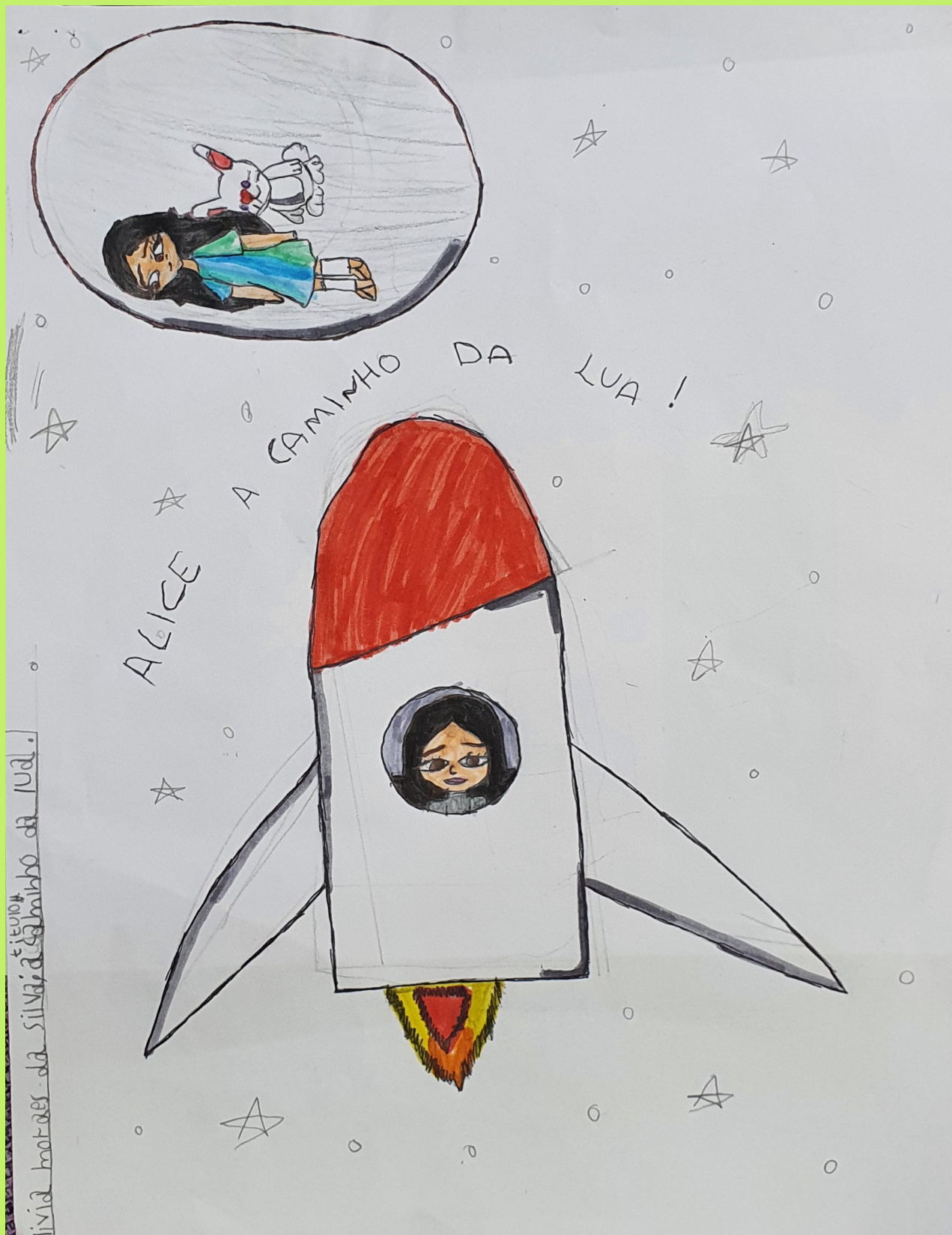


No ANO DE 1953, NA CIDADE DE
"BROOKHAVEN" NA MANSÃO 1313, UMA SENHORA
CHAMADA SAMANTA DISTRIBUIA DOCES E TRAVE-
SURAS TODO ANO EM FRENTE A SUA CASA, ATÉ QUE UM ANO
FOI DIFERENTE, POR QUE UMA CRIANÇA DESAPARECEU
NA NOITE DO DIA 31.10.1953, TODOS FICARAM DISPERA-
DOS COLARAM CARTASES POR TODA CIDADE MAS
NADA RESOLVEU. DEPOIS DE MUITOS ANOS O INESPERADO
ACONTECEU, DONA SAMANTA TAMBEM SUMIU
DAS FESTAS DE HALLOWEEN, NUNCA MAIS APARECEU EM

Larissa Nunes -
São Paulo-SP



Larissa Patrícia -
São Paulo-SP



Lívia Moraes -
São Paulo-SP



Luccas Joaquim -
São Paulo-SP

AS TARTARUGAS NINTAS O ATAQUE



MATHEUS BERNARDO GONCALVES

Matheus Bernardo -
São Paulo-SP

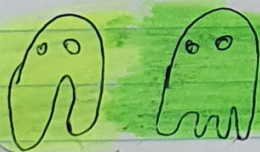
HELLOWEEN

ERA UMA VEZ UM A CASA EM
'LIVE TOPIA' O NÚMERO ERA 1414
LA SEMPRE TINHA GRITOS AS 00:00
UMA CRIANÇA LIGOU A POLÍCIA
E DIZ:

- MÃE E PAPAI É UM BICHO!

ELES VIRAM três chipres, OLHOS VERME-
LHOS E ELES COM SE QUIRÃO SO COZER
A MENINA.

FIM



Matheus.

Matheus Silva -
São Paulo-SP

LOBO DA ESPECE 1
BETA UMA DAS MAIS
FORTES. ETTEM O OLHO
AMARELO

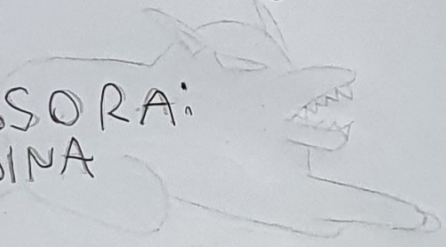


LOBO DA ESPECE 2
ALFA AS MAIS FORTE
ENTRE TODAS AS RAÇAS



Miguel Ramos -
São Paulo-SP

ESCRITOR: MIGUEL
RAMOS DOS SANTOS
SÉRIE: 4º ANO
DATA: 23/08/2022
ESCOLA: E.E. ROMÃO
PUIGGARI
PROFESSORA:
GERALDINA



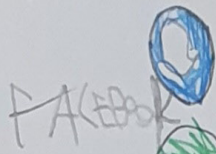
PASSA TEMPO
DE UM
LOBO



AUTOR => MIGUEL RAMOS DOS SANTOS

Miguel Ramos -
São Paulo-SP

PEDRO VIDAL VENTURA



FACEBOOK

6666-1534

17/8/2022

WHATSAPP



4551-9675

VOCE QUER LIGA PARA O ESCUBIDUBIDU



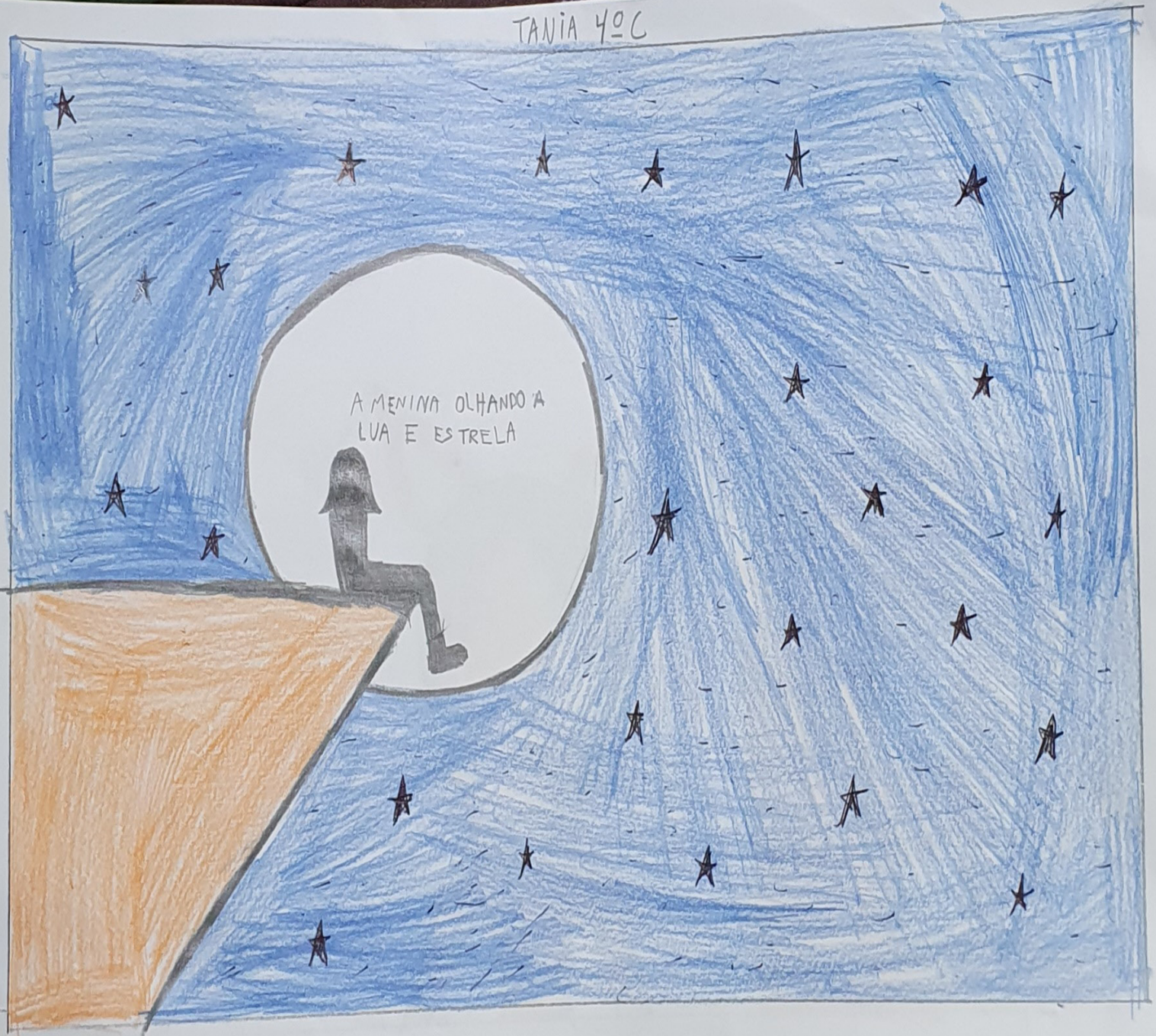
Pedro Vidal -
São Paulo-SP



Samuell Yosef -
São Paulo-SP

TANIA 406

A MENINA OLHANDO A
LUA E ESTRELA



Tania Judith -
São Paulo-SP

TANIA 40C TIANA



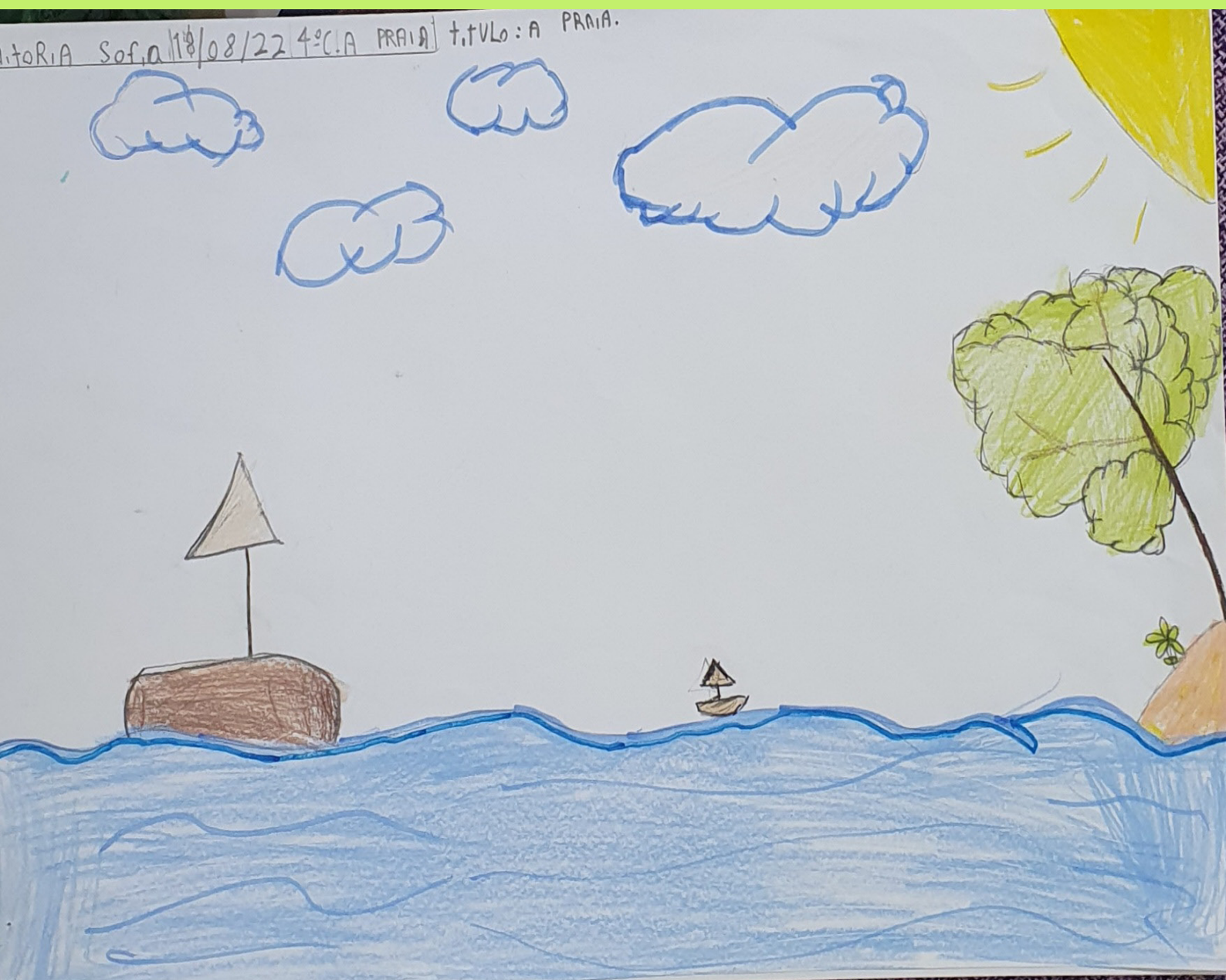
A MENINA
PASSEANDO
COM MUITO
FELIZ

Tania Judith -
São Paulo-SP



Tania Judith -
São Paulo-SP

Vitória Sofia 11/08/22 4°C | A PRAIA | TÍTULO: A PRAIA.



Vitória Sofia -
São Paulo-SP

WESLEY LOPES CASTA 4º C



Wesley Lopes -
São Paulo-SP

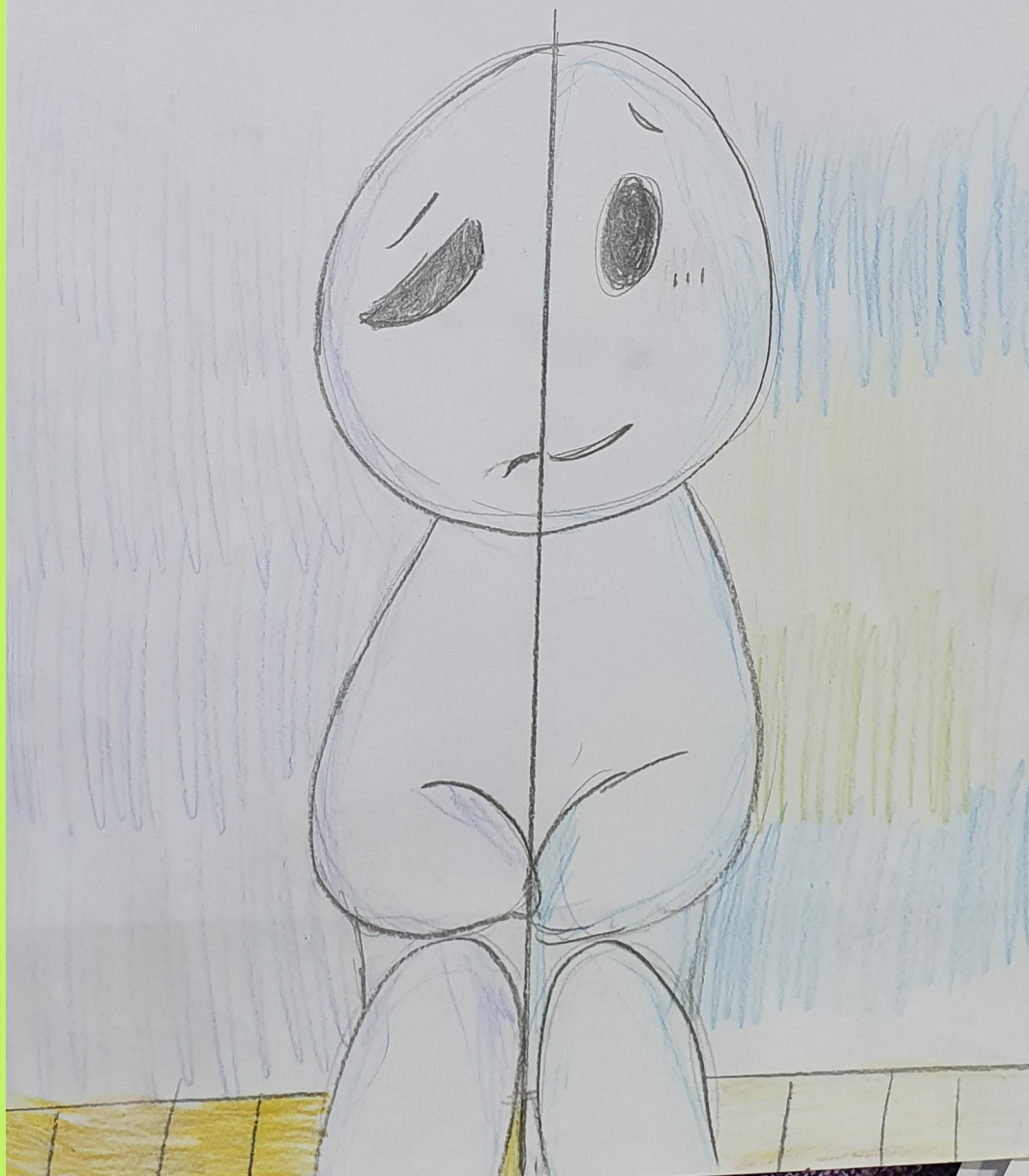


Wesley Lopes -
São Paulo-SP

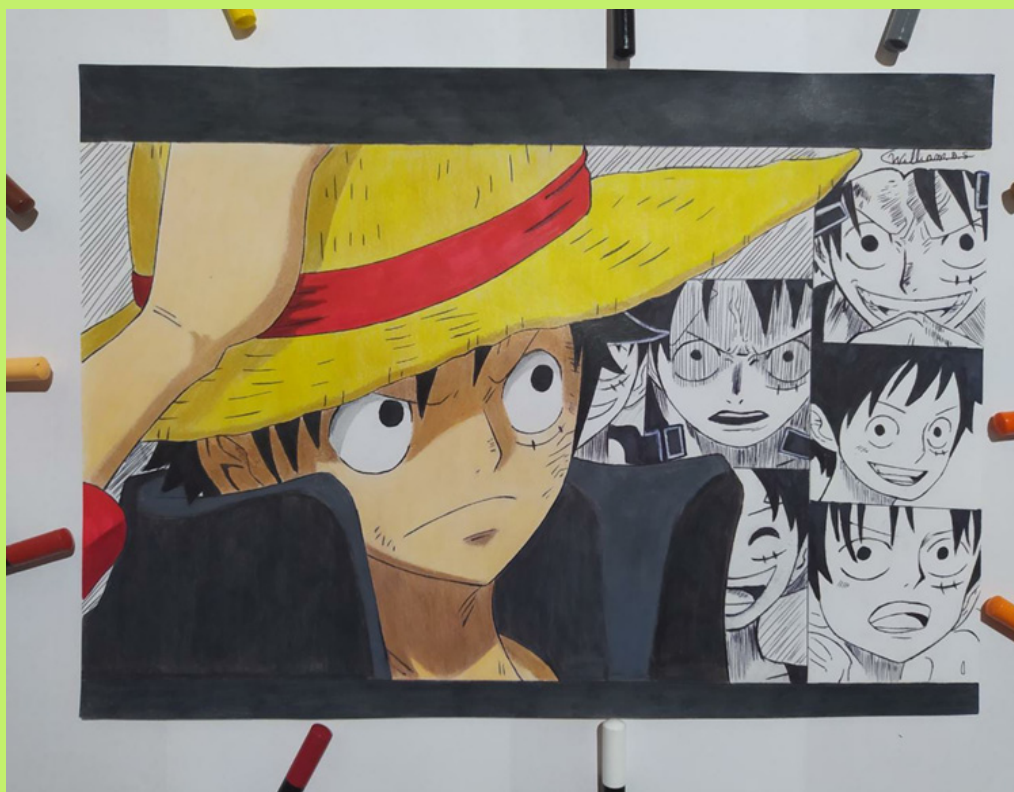
Yamile rubi

SERA QUE EU

CONSIGO MUDAR?



Yamile -
São Paulo-SP



William Bispo da Silva, filho de Joelma e José Antônio, têm 16 anos, e reside no Povoado Lagoa Grande –Poço Redondo/Sergipe, cursando 1ª Série do Ensino Médio no Colégio Estadual Prof. José Aribaldo de Campos Lima, Povoado Sítios Novos – Poço Redondo/Sergipe.

LISTADOS ALUNOS DE SÃO PAULO QUE PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

EMEF Zilda Gomes

Samuell Yosef Silva Ferreira de Moraes – 7 anos – Diadema/SP

E. E. Romão Puiggari

Alícia Valentina Ottoni – 11 anos – São Paulo/SP

Davy Reynaldo Ambrósio - 10 anos – São Paulo/SP

Ely Esabela Chipana Velarde - 09 anos - São Paulo/SP

Erick Ryan Alcântara dos Santos - 10 anos - São Paulo/SP

Gabriel Farias Silva - 10 anos - São Paulo/SP

Isabele Caroline Carvalho - 09 anos - São Paulo/SP

João Victor Lucas Gomes Viana - 09 anos - São Paulo/SP

Kelly Pucarico Condori - 10 anos - São Paulo/SP

Lailson Evert Plata Rojas - 09 anos - São Paulo/SP

Larissa Nunes Cavalcante - 11 anos – São Paulo/SP

Larissa Patrícia da Silva – 09 anos - São Paulo/SP

Livia Moraes da Silva - 10 anos - São Paulo/SP

Luccas Joaquim Nunes de Souza - 09 anos - São Paulo/SP

Matheus Bernardo Gnoatto - 10 anos - São Paulo/SP

Matheus Silva Santos - 11 anos – São Paulo/SP

Miguel Ramos dos Santos - 09 anos - São Paulo/SP

Pedro Vidal Ventura - 09 anos - São Paulo/SP

Tania Judith Chaina Conde - 09 anos - São Paulo/SP

Vitoria Sofia Rodrigues Balbino - 09 anos - São Paulo/SP

Wesley Lopes Costa – 11 anos - São Paulo/SP

Yamile Rubi Huarachi Huaranca – 11 anos - São Paulo/SP

Agradecimentos às professoras incentivadoras:

Geraldina Souza dos Santos e Sileide Falcão Obara



Darlinson - 18 anos - Idade
intelectual de 12 anos -
Caicó - RN



Darlinson - 18 anos - Idade
intelectual de 12 anos -
Caicó - RN



Darlinson - 18 anos - Idade
intelectual de 12 anos -
Caicó - RN



Mariah - 11 anos -
Caicó - RN



Mariah - 11 anos -
Caicó-RN

Expediente

Revista Barbante
Volume X - Nº 47 - 28 de agosto de 2022
ISSN 2238-1414
QUALIS B5

10 anos da revista Barbante

Editores

Rosângela Trajano
Ariane Pereira
Samuel de Mattos

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Juli Lima
Sandra Erickson
Iracema Trajano
Vanessa Soares

Conselho editorial da Barbantinha

Ana Priscila
Maria Laura Pessoa
Rosâ Silva

Ilustrações desta edição

Iêda Chaves Freitas

Diagramação

Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

Revisão dos autores.

